

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

EDUARDO ALMEIDA FLORES

A CONSTRUÇÃO-SUPORTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

GOIÁS

2020

EDUARDO ALMEIDA FLORES

A CONSTRUÇÃO-SUPORTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade
como requisito para obtenção do título de Mestre.
Orientadora: Prof. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão
(UEG/POSLLI)

GOIÁS

2020

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

F634c Flores, Eduardo Almeida.

A construção-suporte no português brasileiro [manuscrito] / Eduardo Almeida Flores. – Goiás, GO, 2020.

109f. il.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão.

Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2020.

1. Linguística. 1.1. Gramática de construções.
1.2. Construção-suporte. 1.3. Cognição. I. Título.
II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 81'36(817.3)

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb Galvão
UEG – Câmpus Cora Coralina
(Presidente)

Prof. Dr. Agameton Ransés Justino
UFMT - Rondonópolis
(Membro Externo)

Profa. Dr. Déborah M. de Barros
UEG – Câmpus Cora Coralina
(Membro Interno)

Prof. Dr. Leosmar A. Silva
UFG – Câmpus Samambaia
(Membro Externo - Suplente)

Profa. Dr. Marília Silva Vieira
UEG – Câmpus Cora Coralina
(Membro Interno - Suplente)

AGRADECIMENTOS

À Deus, agradeço por Sua misericórdia em minha vida e por Sua provisão em momento oportuno, por Sua graça em atender meus desejos mais profundos, por cada porta aberta e por cada porta fechada, por estar comigo em todos os momentos difíceis e por acalmar meu coração diante as adversidades. Àquele que comanda minha vida e que reconheço como o dono de todo conhecimento, na terra e para além da terra. Obrigado!

À Prof.^a Dr.^a Vânia Casseb Galvão, minha referência profissional e de compromisso com os estudos linguísticos. Obrigado pela oportunidade como seu orientando no mestrado acadêmico e por sua confiança em mim.

Aos professores componentes do quadro docente do POSLLI. Obrigado, por compartilhar os conhecimentos das respectivas áreas.

A todos os participantes do Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás (GEF-UFG), que, por intermédio das discussões, promoveram conhecimento que ajudaram na elaboração desta dissertação.

A todos os participantes do Grupo de Estudos em Linguística Funcional do Araguaia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pelo apoio teórico nos estudos em Linguística Funcional.

À Prof.^a Dr.^a Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque, meu exemplo de sabedoria, esforço e dedicação. Obrigado, por me ajudar na carreira acadêmica.

À Prof.^a Me.^a Maria Claudino da Silva, pela ajuda de maneira solícita em questões profissionais e acadêmicas.

À Prof.^a Dr.^a Tereza Ramos de Carvalho, por sua ajuda na coordenação do curso de Letras do ICHS/UFMT, o que possibilitou minha permanência no programa de Mestrado.

À Raiani Sena Neves, que conheci no primeiro semestre do curso de graduação, por quem me apaixonei, minha parceira nos estudos e na vida.

À Raimunda Maria de Jesus Almeida, pelo exemplo de vida e educação.

À Naira Almeida Flores, que sempre deseja meu sucesso.

Ao meu sogro Valter Sousa Neves e sogra Arleide de Sena Neves, pelo apoio e ajuda financeira durante o período de desenvolvimento desta dissertação.

Ao Thassy Henrique Martins Resende, por sua amizade e por me ajudar em questões tecnológicas para as quais não tenho preparo algum.

À Universidade Estadual de Goiás (UEG), pela estrutura e formação.

À Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pelos anos de formação inicial na graduação.

À Direção, Coordenação e Secretaria do POSLLI, pela ótima convivência acadêmica e pessoal durante o período do Mestrado, o que contribui muito para minha formação profissional e pessoal.

I will cling to the old rugged cross,
And exchange it some day for a crown.

George Bernard (1913)

ALMEIDA-FLORES, Eduardo. A construção-suporte no português brasileiro. 2020. 109 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2020.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever a construção-suporte no Português Brasileiro na perspectiva da Gramática de Construções (GCX). Para isso, foram analisados inquéritos do banco de dados do Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás (GEF-UFG), relativo ao Projeto “Fala Goiana” e do *corpus* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. As análises são fundamentadas nos estudos da Linguística Cognitiva (MINSKY, 1974; LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1990; TOMASELLO, 1999; HIMMELMANN, 2004), da Gramática de Construções (CROFT, 2001; LANGACKER, 2008; BYBEE, 2010; GOLDBERG, 1995; 2006) e dos estudos da Linguística Funcional Centrada no Uso (MARTELOTTA, 2011; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Parte-se da definição de construção-suporte como um pareamento entre forma e significado, constituído por uma perífrase, que apresenta em sua configuração morfossintática prototípica um verbo com função suporte e um núcleo nominal com função informacional. Essa construção integra uma determinada rede hierárquica e opera, prototipicamente, na organização oracional básica, no nível da predicação, desempenhando função de predicado. Consideramos que a construção-suporte faz parte do conhecimento linguístico dos falantes e, por esse motivo, seu significado é relacionado a vários domínios cognitivos e é ligado a diferentes matrizes conceituais. A construção-suporte representa um padrão cognitivo formado na dinamicidade da língua e necessário para atender propósitos comunicativos do falante. Os resultados demonstram que a construção-suporte consiste em um esquema cognitivo abstrato, uma expressão formuláica, que instancia outras construções em nível de subesquemas, microconstruções e construtos na língua. O processo de formação dessa construção se dá por mudanças em um contexto maior, no nível do macroesquema da predicação. Tendo em vista os macroprincípios das mudanças linguísticas, a constituição do esquema cognitivo da construção-suporte ocorre de maneira gradual, em pequenos estágios, e por intermédio de processos cognitivos de domínio geral, como a analogia. Observados os vários usos que codificam a construção-suporte, verificamos que ela integra diferentes domínios cognitivos, tais como, o domínio tempo, o domínio movimento, o domínio eventos naturais e o domínio condições de saúde.

Palavras chave: Língua. Construção-suporte. Esquema. Cognição.

ALMEIDA-FLORES, Eduardo. Support construction in Brazilian Portuguese. 2020. 109 f. Dissertation (Master in Language, Literature and Interculturality) - Campus Cora Coralina, State University of Goiás, Goiás, 2020.

ABSTRACT

This work aims to describe the construction-support in Brazilian Portuguese from the perspective of the Grammar of Constructions (GCX). For this purpose, surveys from the database of the Group of Functionalist Studies of the Federal University of Goiás (GEF-UFG), concerning the “Fala Goiana” Project and the corpus of the Group of Studies Discourse & Grammar were analyzed. The analyzes are based on studies of Cognitive Linguistics (MINSKY, 1974; LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1990; TOMASELLO, 1999; HIMMELMANN, 2004), of the Grammar of Constructions (CROFT, 2001; LANGACKER, 2008; BYBEE, 2010; GOLDBERG, 1995; 2006) and studies of Functional Linguistics Centered on Use (MARTELOTTA, 2011; TRAUGOTT AND TROUSDALE, 2013). It starts from the definition of support-construction as a pairing between form and meaning, consisting of a periphrase, which presents in its prototypical morphosyntactic configuration a verb with a support function and a nominal nucleus with an informational function. This construction integrates a determined hierarchical network and operates, prototypically, in the basic orational organization, at the level of predication, performing the function of predicate. We believe that support construction is part of the linguistic knowledge of speakers and, for this reason, its meaning is related to several cognitive domains and is linked to different conceptual matrices. The support construction represents a cognitive pattern formed in the dynamics of the language and necessary to meet the communicative purposes of the speaker. The results demonstrate that the support construction consists of an abstract cognitive scheme, a formic expression, which instantiates other constructions at the level of subschemas, microconstructions and constructs in the language. The process of formation of this construction occurs through changes in a larger context, at the level of the predication macro-scheme. Considering the macroprinciples of linguistic changes, the construction of the support construction cognitive scheme occurs gradually, in small stages, and through general domain cognitive processes, such as analogy. Observing the various uses that codify the support-construction, we verify that it integrates different cognitive domains, such as the time domain, the movement domain, the natural events domain and the health conditions domain.

Keywords: Language. Construction-support. Scheme. Cognition.

LISTA DE ABREVIACÕES

CX	Construção
D&G	Grupo Discurso e Gramática
FG	Fala Goiana
GCX	Gramática de Construções
PB	Português Brasileiro
SN	Sintagma Nominal
SP	Sintagma Preposicionado
Vs	Verbo-suporte

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema do pareamento forma e função.	24
Figura 2: Processo de divisão celular por meiose.	31
Figura 3: Rede conceitual do significado de anel.....	38
Figura 4: Rede conceitual de itens manufaturados.....	46
Figura 5: Rede de relações construcionais.	64
Figura 6: Categoria suporte.	68
Figura 7: Rede da construção-suporte.	72
Figura 8: Construtos da construção-suporte.	73
Figura 9: Domínio de movimento.	89
Figura 10: Transferência de domínios cognitivos.	93
Figura 11: Domínio tempo.	94
Figura 12: Domínio eventos naturais.....	96
Figura 13: Domínio condições de saúde.	98
Figura 14: Matriz conceitual da construção suporte CX: [fazer viagem].....	100

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estratificação do <i>corpus</i> do Fala Goiana por faixa etária.....	55
Tabela 2: Estratificação do <i>corpus</i> do Discurso & Gramática.	56
Tabela 3: Porcentagem das ocorrências das microconstruções analisadas.....	85
Tabela 4: Porcentagem do verbo <i>dar</i> com função suporte.	86

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1: Produtividade das microconstruções analisadas na pesquisa.	84
Gráfico 2: Ocorrências do verbo <i>dar</i> como pleno e como suporte.....	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Rede construcional da construção-suporte com o verbo tomar cristalizado na construção.....	50
Quadro 2: Critério para entrevista do banco de dados do projeto Fala Goiana.....	54
Quadro 3: Critério para entrevista do banco de dados do Grupo de Estudos Discurso & Gramática.....	56
Quadro 4: Processo de formação da construção-suporte.....	66
Quadro 5: Subesquemas da construção-suporte.....	71
Quadro 6: Frequência <i>Type</i> e <i>Token</i> da microconstrução CX: [DarSN] no <i>corpus</i> do Fala Goiana.....	75
Quadro 7: Frequência <i>Type</i> e <i>Token</i> da microconstrução CX: [FazerSN] no <i>corpus</i> do Fala Goiana.....	77
Quadro 8: Frequência <i>Type</i> e <i>Token</i> da microconstrução CX: [LevarSN] no <i>corpus</i> do Fala Goiana.....	79
Quadro 9: Frequência <i>Type</i> e <i>Token</i> da microconstrução CX: [TomarSN] no <i>corpus</i> do Fala Goiana.....	79
Quadro 10: Frequência <i>Type</i> e <i>Token</i> da microconstrução CX: [DarSN] no <i>corpus</i> Discurso & Gramática.....	80
Quadro 11: Frequência <i>Type</i> e <i>Token</i> da microconstrução CX: [FazerSN] no <i>corpus</i> Discurso & Gramática.....	82
Quadro 12: Frequência <i>Type</i> e <i>Token</i> da microconstrução CX: [TomarSN] no <i>corpus</i> Discurso & Gramática.....	83

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1: Exemplo de metaforização da construção-suporte.....	43
Imagem 2: Aspectos conceptuais da construção CX: [Dar volta].....	90
Imagem 3: Outros esquemas conceptuais da construção CX: [Dar voltas].....	92
Imagem 4: Construção CX: [Fazer tempestade em copo d'água].....	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
Capítulo 1	23
GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	23
1.1 A Construção.....	24
1.2 As propriedades construcionais	26
1.2.1 Esquematicidade.....	26
1.2.2 Produtividade	29
1.2.3 Composicionalidade	31
1.3. Mudança na perspectiva GCX	33
1.4 Processos cognitivos de domínio geral	36
1.4.1 Categorização	37
1.4.2 Analogia	39
1.4.3 Memória Enriquecida.....	40
1.4.4 Chunking	41
1.4.5 Associação Transmodal.....	44
1.5 Domínios cognitivos	45
1.6 Rede construcional.....	47
Capítulo 2	53
METODOLOGIA	53
2.1 O <i>corpus</i> de pesquisa	53
2.2 A seleção dos dados nos <i>corpora</i>	54
2.3 Critérios de análise.....	57
2.4 As perguntas de pesquisa	57
2.5 hipóteses.....	58
Capítulo 3	60
ANÁLISE DOS DADOS	60
3.1 A construção-suporte	60
3.2 Processos formadores da construção-suporte a partir do macroesquema da predicação 60	
3.2.1 Dessemantização e decategorização.....	62
3.2.1 Chunking da construção-suporte	64
3.2.3 O processo de mudança a partir da estrutura predicativa.....	65
3.3 Categoria suporte	66
3.3.1 O subesquema prototípico.....	66

3.3.2 Configuração morfosintática da construção-suporte	67
3.4 Rede da construção-suporte	69
3.4.1 Os subesquemas	69
3.4.2 As microconstruções	71
3.4.3 Os construtos	73
3.4.5 Produtividade da construção-suporte	74
3.5 Domínios cognitivos: significados da construção-suporte	87
3.5.1 Construções que indicam movimento	87
3.5.2 Construções que indicam tempo	93
3.5.3 Construções que indicam eventos naturais.....	95
3.5.4 Construções que indicam condições de saúde.....	97
3.6 Matriz conceitual	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS	106

INTRODUÇÃO

Esta dissertação resulta da pesquisa que tem por objetivo descrever a construção-suporte, seu processo de mudança, sua rede construcional no sistema linguístico do Português Brasileiro (PB) e os domínios cognitivos em que opera, e, para isso, usamos como base teórica a Gramática de Construções (GCX). Nessa perspectiva, a construção gramatical é vista como a unidade básica de análise. Nesse sentido, partimos da concepção de língua como uma rede de construções relacionadas por vínculos de hierarquia e herança e, também, concebemos a gramática como uma organização cognitiva de representação do mundo, por intermédio de categorias construcionais.

Por sua vez, as construções são consideradas pareamentos convencionados entre forma e significado (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; LANGACKER, 2008).

Construções são padrões cognitivos estabelecidos por intermédio das experiências dos falantes, que vivenciam e modificam a língua em função dos seus propósitos comunicativos. Além disso, as mudanças linguísticas ocorrem por meio de processos cognitivos gerais, que são responsáveis pela organização e pela estruturação da gramática na interação.

No que diz respeito à construção-suporte, nosso objeto de pesquisa, refere-se a um padrão cognitivo que opera no sistema predicativo da língua, e é representado pelo seguinte esquema:

1) CX: [VsSN]

Nessa construção, (Vs) representa um elemento verbal com função sintática de codificação das informações de tempo, modo e concordância e (SN) um elemento sintagmático nominal portador da informação semântica principal. A título de exemplo, a ocorrência a seguir representa o padrão cognitivo da construção-suporte:

2) [...] ela **deu uns tapa** nimim... (FG, F, 65a, 2003, p.05)¹.

Não obstante, a construção-suporte se insere em uma construção maior e de nível superior – o macroesquema da predicação. Adotando uma visão funcionalista da linguagem,

¹ **Legenda:**

FG = Banco de dados Fala Goiana;

F = Feminino; e

65a = Idade (65 anos).

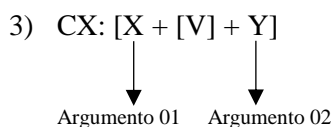
Neves (2018, p.35) defende que “a predicação é o processo básico de constituição do enunciado.” Para a autora, falamos por intermédio de predicacões e, desta forma, cada expressão linguística começa com a construção de uma predicação, que, prototipicamente, tem o verbo como o elemento fundamental nesse processo. Nessa perspectiva, a noção de verbo é central na construção da sentença, porque a partir da constituição de um predicado são selecionados argumentos que estruturam a oração básica, do ponto de vista sintático e semântico. Da mesma maneira, o processo predicativo é estabelecido a partir da relação do verbo com outros elementos fundamentais para a descrição do estado de coisas, como o tempo, o modo e a concordância.

De acordo com Goldberg (2006), historicamente, o verbo se caracteriza como o centro da oração pelo seu valor preditivo e informacional, ou seja, a semântica do verbo contribui para o significado geral da oração.

Se compararmos verbos com outras palavras (por exemplo, substantivos), os verbos são muito melhores preditores do significado geral da frase, onde por "significado geral da frase " basicamente significa " quem fez o que a quem", um nível de generalização que é incontrovertidamente necessário para a compreensão adequada da frase. (GOLDBERG, 2006, p.104).

A capacidade predicadora do verbo promove associações no nível da estrutura argumental. Assim, os verbos podem requisitar argumentos (sujeito, objeto direto e objeto indireto), que desempenharão papéis semânticos (agente, paciente, receptor, meta etc.) na composição da predicação. A partir do verbo, os arranjos predicativos são generalizados na língua em forma de construções e em níveis mais abstratizados, como, por exemplo, a *construção de movimento causado* estudada por Goldberg (2006). Na construção, as relações entre forma e significado não estão representadas no nível do verbo e dos seus argumentos, mas no padrão construcional abstrato com um todo.

Prototipicamente, a construção predicativa é representada pelo seguinte esquema cognitivo:



Nessa construção, (X) representa o argumento 01, o elemento sintático a partir do qual o enunciado se organiza e que, prototipicamente, desempenha a função sujeito; (Y) representa

o argumento 02, que promove o *status* semântico do predicado, e que pode ser qualquer material linguístico com função de objeto direto ou objeto indireto; e (V) representa o verbo que seleciona no pareamento forma e significado os elementos (X) e (Y). Por exemplo, a ocorrência a seguir representa o padrão cognitivo da construção predicativa prototípica:

- 4) [...] Aí parece que distraí... **ele levava uma viola**... nós ia cantá moda... ensinano moda pra mim... i::: garrava saí com/ele... ia com... pagode... ele mim chamava... eu ia... i... cabô...
() a gente ficô... foi recuperano...(FG, M, 72 a, 2003, p.13)².

Na ocorrência em (4), o verbo *levar* seleciona semanticamente um sujeito (ele) e um objeto direto (uma viola) na construção predicativa. Goldberg (2006) explica que o verbo tem papel central na predicação, pois ele requisita argumentos nas relações sintático-semânticas que formam a estrutura de predicado como observado em (3). Entendemos que a construção-suporte tenha surgido como uma generalização por meio de mudanças no contexto de predicação, mais especificamente em orações transitivas. Na construção-suporte, o verbo e seu complemento são empacotados de modo conjunto em um esquema abstrato com função de predicado, como na ocorrência a seguir:

- 5) [...] **eu levei um susto**... (FG, F, 36 a, 2003, p.10).

Em (5), a ocorrência em destaque evidencia uma generalização, um padrão construcional diferente do padrão da construção predicativa prototípica, porque o verbo e seu argumento são reanalisados e formam um predicado mais complexo, ou seja, a construção-suporte. A construção-suporte apresenta funcionalidade nas orações em que os propósitos comunicativos pretendidos pelos falantes não seriam contemplados com o uso de construções com verbos plenos ou para atender necessidades comunicativas por falta de léxico para representação dos eventos do mundo. Por isso, em grande medida, as construções-suporte apresentam equivalência semântica com verbos plenos. Entretanto, em outros casos, a equivalência não existe por falta de léxico ou por diferenças nos componentes do significado da construção-suporte em relação ao verbo pleno.

Dessa maneira, nosso objetivo é descrever e analisar essa construção como um esquema abstrato que instancia outras construções na língua. Por isso, buscaremos descrever

² Legenda:

FG = Banco de dados do Fala Goiana;

M = Masculino; e

72 a = Idade (72 anos).

os níveis da rede de relações construcionais da construção-suporte. É o nosso objetivo, também, analisar os processos de mudança que estão envolvidos na formação da construção-suporte a partir do macroesquema da predicação, bem como as mudanças que possibilitam o estabelecimento de suas instâncias construcionais hierárquicas no nível dos subesquemas, das microconstruções e dos construtos.

Para além de aspectos formais, nosso interesse abrange aspectos do significado da construção-suporte. Para Langacker (2008), a gramática alcança sua significância apenas com uma visão apropriada do significado linguístico. Por esse motivo, buscaremos contemplar em nossa análise os domínios cognitivos em que a construção-suporte opera e o significado dessa construção, que consiste em um fenômeno mental fundamentado na realidade física e integrado à percepção do mundo, ou seja, nas experiências dos falantes.

Por essa razão, entendemos que a construção-suporte faz parte da língua-cultura brasileira, em outros termos, como um recurso de expressão do modo como o falante do PB compreende os eventos do mundo e os codifica linguisticamente. À vista disso, a construção-suporte decorre do conhecimento linguístico compartilhado socialmente e expressa valores e relações no uso.

Ao usar a construção-suporte, o falante não representa apenas o significado isolado dos elementos da construção, antes tem um conhecimento enciclopédico a respeito dos conceitos que ela codifica, pois sabe usá-la em condições sociointeracionais diversas e com propriedade, tendo em vista os contextos em que um conjunto de valores e de papéis sociais estão inter-relacionados. Desse modo, a depender das pretensões semânticas e pragmáticas, os falantes escolhem a construção-suporte, lexicalmente, e a organiza adequadamente para atender convenções culturais e intenções comunicativas na elaboração do discurso. Isso porque, de acordo com Neves (2018), é no contexto social que a língua toma existência e tal fato pressupõe indivíduos que tenham a capacidade cognitiva de produção e compreensão das construções no processo interativo.

Como metodologia de pesquisa, buscamos descrever a construção-suporte com base em dados coletados pelo Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás (GEF-UFG), para o Projeto “Fala Goiana”, dados do *corpus* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (parceria entre pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, da Universidade Federal Fluminense - UFF e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN) e dados não sistematizados, como interações em redes sociais e expressões empiricamente testadas.

Como critério de análise, sistematizamos os dados de pesquisa em termos e parâmetros sociolinguísticos, tendo em consideração que a fala goiana e as falas registradas no banco de dados do D&G representam variedades do PB, na impossibilidade de uma análise enfocando a fala brasileira do Oiapoque ao Chuí. Nesse sentido, selecionamos entrevistas nos bancos de dados, observando a faixa etária, o nível de escolaridade, a condição socioeconômica e o gênero dos informantes. Logo, esses parâmetros não são base para a análise da fala de grupos específicos ou de determinada comunidade de fala em uma acepção antropológica. A sistematização foi adotada por uma questão de rigor científico a fim de viabilizar a análise dos dados.

Em função disso, selecionamos formas de superfície da construção-suporte para a análise, ou seja, construtos que se inserem em subesquemas de transitividade de construções predicativas transitivas e intransitivas organizadas a partir dos verbos *fazer*, *dar*, *levar* e *tomar*. Justifica esse recorte o fato da construção-suporte ser um padrão construcional muito recorrente e bastante produtivo no PB, conforme demonstram os trabalhos de Chishman e Abreu (2014), que analisaram as propriedades gramaticais e discursivas das construções com os verbos-suporte *dar* e *fazer*, Smarsaro e Rodrigues (2015), que estudaram a gramaticalização do verbo-suporte *dar/levar* no PB, e Oliveira (2018) que descreveu a multifuncionalidade do verbo *tomar* na fala da cidade de Goiás - GO.

A hipótese principal desta pesquisa considera que a construção-suporte constitui um esquema cognitivo formado a partir do macroesquema da predicação, cujas instâncias revelam diferentes graus de integração, esquematicidade, composicionalidade e produtividade, fatores construcionais gerais.

Para a análise de dados, utilizamos princípios da Linguística Cognitiva (MINSKY, 1974; LANGACKER, 1987; LAKOFF, 1990; TOMASELLO, 1999; HIMMELMANN, 2004), e da Gramática de Construções (CROFT, 2001; LANGACKER, 2008; BYBEE, 2010; GOLDBERG, 1995; 2006) e dos estudos da Linguística Funcional Centrada no Uso (MARTELOTTA, 2011; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). Esta pesquisa é relevante para a compreensão dos aspectos funcionais e cognitivos relativos à construção-suporte no PB, levando em consideração aspectos da forma e do significado dessa construção.

As perguntas que essa pesquisa busca responder são as seguintes:

- a) Qual é a configuração morfossintática da construção-suporte prototípica?
- b) Em qual (is) configuração (ões) morfossintática (s) a construção-suporte se organiza?

c) Atentando para os dados coletados, todos os construtos da construção-suporte podem ser parafraseados por construções com um verbo pleno, ou seja, há uma microconstrução correspondente equivalente construída em torno de um verbo pleno?

d) Em caso negativo, como se explica essa não equivalência, levando em consideração aspectos sintáticos, semânticos, cognitivos e pragmáticos dos usos que elas constituem e os fatores construcionais gerais como produtividade, esquematicidade e composicionalidade? Podem-se fazer generalizações a esse respeito?

e) Tendo em vista que a construção-suporte apresenta certo grau de entrincheiramento inerente, como esse entrincheiramento pode ser compreendido em termos de grau de dessemantização e de metaforização?

Para responder a essas perguntas, estruturamos essa dissertação em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta a fundamentação teórica da pesquisa, ou seja, os pressupostos teóricos da Gramática de Construções. No segundo capítulo, explicaremos a metodologia de pesquisa, os critérios adotados para a descrição do objeto e análise do *corpus*. No terceiro capítulo, realizamos a análise dos dados coletados e discutimos nosso fenômeno na perspectiva da GCX. Nas considerações finais dessa dissertação buscamos responder às perguntas de pesquisa.

Capítulo 1

GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Nesse capítulo, apresentamos as bases teóricas da GCX que sustentam a análise e o fazemos sob a égide de uma abordagem cognitiva da linguagem, no que se refere à natureza da construção como um pareamento entre forma e significado, às propriedades construcionais (esquematicidade, composicionalidade e produtividade), aos tipos de mudanças das construções e aos domínios cognitivos em que a construção-suporte opera.

Para Bybee (2010), a gramática é pensada como uma organização cognitiva que se estabelece por meio das experiências com a língua. Nessa perspectiva teórica, a construção corresponde à unidade linguística a partir do qual se analisam os níveis e os processos que criam os enunciados.

Dessa maneira, entende-se que a língua é constituída por uma rede de relações com sentidos indissociáveis. Posto isso, alguns pressupostos são importantes na GCX, como: a natureza simbólica da gramática, os padrões conceituais atrelados aos contextos das experiências socioculturais, a linguagem como uma capacidade ligada aos processos cognitivos e a não autonomia da gramática - subordinada aos propósitos semânticos dos usuários e às pressões do uso (MARTELOTTA, KENEDY, 2015).

À vista disso, a construção consiste em um arranjo simbólico que é conceptualizado pelos falantes a fim de representação das coisas do mundo durante o processo interativo. Ela consiste em uma entidade cognitiva, que tem suas bases na realidade física experienciada pelos falantes no âmbito dos processos interativos, ou seja, no uso. Isso quer dizer que toda construção se realiza na interação por meio de significados convencionalizados socioculturalmente (EVERETT, 2019).

De acordo com Langacker (2008), os aspectos cognitivos são importantes para análise linguística, principalmente, no que diz respeito aos significados das construções, pois o estudo da gramática de uma língua tem muito a dizer sobre a cognição humana. Bertoque e Casseb-Galvão (2015) reforçam a excelência do estudo da gramática a partir da consideração dos aspectos cognitivos da linguagem. Esse entendimento favorece a escolha por pesquisas construcionais, porque a cognição motiva recorrentes mudanças nos níveis da língua que se retroalimentam na elaboração do discurso (informação verbal)³. Diante disso, o estudo das

³ Fala da Professora Doutora Vânia Casseb Galvão no encontro do Grupo de Estudos Funcionalista (GEF) na Universidade Federal de Goiás (UFG), em junho 2020.

construções considera tanto os aspectos formais e semânticos, quanto os aspectos cognitivos que envolvem os padrões construcionais no uso efetivo da língua.

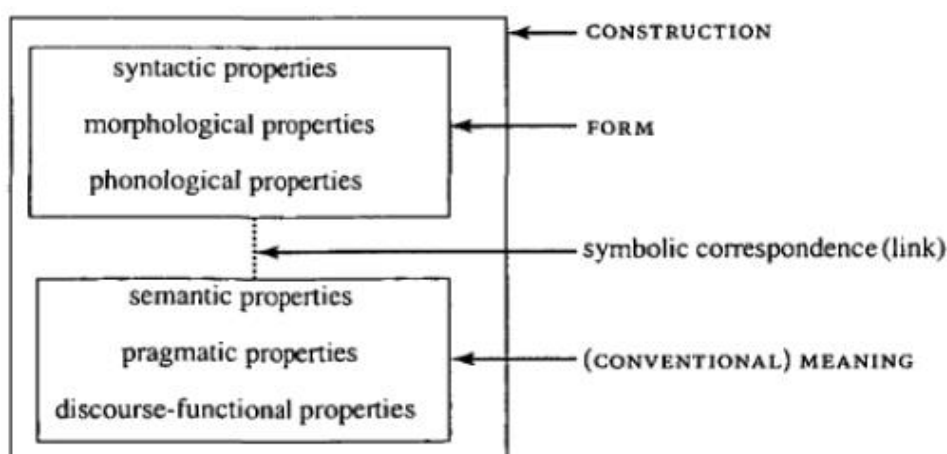
1.1 A Construção

A construção é vista como um pareamento convencionado entre forma e significado (CROFT, 2001; LANGACKER, 2008; GOLDBERG, 1995). A partir disso, nasce a compreensão da natureza simbólica da gramática, pois os significados das construções são convencionados, ou seja, são frutos de acordos socioculturais que correspondem às representações cognitivas dos falantes (CROFT, 2001).

Parte-se do pressuposto de que as construções se organizam em rede na língua e apresentam regularidades no uso, visto que cada construção é uma generalização de um padrão regular do sistema linguístico. Esses padrões construcionais são interconectados por questões que envolvem os processos cognitivos desencadeados pelas experiências vivenciadas pelos falantes, a frequência de uso e a criatividade do falante ao realizar inovações na língua.

No que concerne ao pareamento entre forma e significado, Croft (2001) descreve a construção linguística de acordo com o esquema representado a seguir:

Figura 1: Esquema do pareamento forma e função.

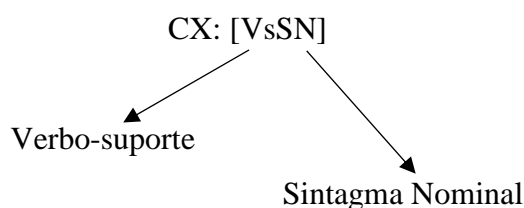


Fonte: Croft (2001, p.18)

No esquema proposto pelo autor, a construção apresenta dois polos principais unidos por um *link* simbólico que representa o pareamento entre forma e significado. No polo formal, encontram-se as propriedades fonológicas, as propriedades morfológicas e as propriedades sintáticas. Enquanto, no polo do significado, localizam-se as propriedades semânticas, as

propriedades pragmáticas e as propriedades discursivo-funcionais. No plano das relações construcionais, as construções se organizam em rede e estabelecem associações hierárquicas com outras construções na língua em nível de subesquemas, microconstruções e construtos.

Consideramos que a construção-suporte constitui um pareamento entre forma e significado e que estabelece de maneira formal um vínculo entre um verbo com função suporte e um sintagma nominal no nível cognitivo. Esse vínculo pode ser representado pela seguinte configuração morfossintática:



A configuração morfossintática descreve o esquema cognitivo da construção-suporte. Deste modo, subesquemas de transitividade e microconstruções que estão em níveis inferiores na rede construcional herdam da construção-suporte essa mesma configuração morfossintática. Por outro lado, no âmbito do significado, essa construção atende a certos domínios semânticos e a domínios cognitivos no uso.

Com relação aos domínios semânticos, a construção-suporte atende aos domínios que denotam *ação* (exemplos: dar beijo, dar chute), *estado* (exemplos: tomar conhecimento, tomar impulso) e *processo* (exemplos: ter conhecimento, ter noção) (NEVES, 2011). Quanto aos domínios cognitivos, numa perspectiva mais conceitual, Langacker (2008) explica que os significados estão na mente do falante que produz e compreende as expressões linguísticas. Por isso, decorrem do processamento cognitivo do conteúdo conceitual.

Nesse sentido, a construção-suporte representa domínios cognitivos que surgem de conceptualizações mentais dos falantes. Isso fica mais transparente em instâncias da construção-suporte em que o grau de especificação é maior, no nível das microconstruções e dos construtos.

Tomemos como exemplo a microconstrução [FazerSN] observada na seguinte ocorrência:

- 6) [...] Meu pai não tá na idade mais de comer comida esquentada... ele tem setenta e oito anos... aí:... aí eu peguei e falei pro meu irmão... falei assim... sabe que que de vai fazer... ele vai passa:... passa a **fazer caminhada**... ele vai começa a fazer a comida dele... almoço e janta dele... ele... o... ele num tava tendo... vida ativa... (FG, F, 40 a, 2003, p. 10).

Em (6), observamos a ocorrência de uso (construto) de um tipo de microconstrução que denota uma generalização de conceito relacionado ao *domínio movimento*, pois o significado de movimento está implicado no contexto e no uso dessa construção, uma vez que o ato de fazer caminhada pressupõe algum tipo de deslocamento simbolizado no pareamento entre forma e significado da construção.

Para Goldberg (2006), no pareamento entre forma e significado, as construções que apresentam um forte vínculo semântico (significado), também mantêm um forte vínculo sintático (forma). Isso demonstra que os construtos estabelecem *links* com os aspectos mais gerais do significado e da configuração morfossintática da construção de nível mais alto. Dessa maneira, as construções apresentam propriedades que serão atribuídas a contextos de usos específicos (GOLDBERG, 2006).

Feita essa definição básica da construção, no próximo subtítulo, apresentaremos as propriedades construcionais, isto é, as características que determinam o estágio hierárquico das construções na rede de relações linguísticas.

1.2 As propriedades construcionais

A partir dos estudos de Traugott e Trousdale (2013) e Goldberg, (1995), apresentaremos as propriedades das construções. De acordo com esses autores, as propriedades que caracterizam as construções são a *esquematicidade*, a *produtividade* e a *composicionalidade*. Essas propriedades são gradientes, podendo assim existir construções menos ou mais esquemáticas, produtivas ou composicionais. Essas características definem o estágio hierárquico e o nível a partir do qual a construção está sendo estabelecida.

1.2.1 Esquematicidade

Esquematicidade consiste na propriedade de construções abstratas. Em razão disso, uma construção esquemática se configura como uma generalização taxionômica de categorias linguísticas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Uma generalização, de acordo com Casseb-Galvão *et al.* (2007), representa a perda de traços de significado em decorrência da expansão de contexto e da frequência no uso. A concepção de frequência de uso é fundamental, porque a frequência ocasiona a automação do processamento cognitivo formal

das construções (CEZARIO, 2012), o que pode desencadear a transferência de significado para novos contextos de uso.

Em razão da generalização, os esquemas instanciam outros padrões construcionais com maior especificação formal em rede (subesquemas, microconstruções e construtos). Em outras palavras, a esquematicidade decorre da capacidade de algumas construções servirem como um modelo abstrato/virtual para outras construções a partir da captura de generalidades nos padrões de uso. Logo, quanto mais esquemática for uma construção, maior será seu nível hierárquico na rede construcional.

A construção-suporte é um exemplo de construção esquemática, estabelecida pelas experiências linguísticas, rotinizada na comunidade de fala e cognitivamente entrincheirada pelos falantes. Nesse sentido, essa construção servirá como modelo cognitivo para outras instâncias construcionais, ou seja, para os subesquemas de transitividade e tipos de microconstruções, que alcançarão sua realização no uso.

O esquema cognitivo da construção-suporte corresponde a uma virtualidade, uma estrutura mental com *slots* abertos para a constituição de construções que são aceitas nas convenções simbólicas da comunidade linguística. Em outros termos, a construção-suporte consiste em um molde cognitivo que possibilita a ocorrência de inúmeros subesquemas construcionais, que são convencionalizados na língua a partir dos construtos, como aqueles em destaque nas seguintes ocorrências:

- 7) [...] É primera moda q/eu aprendi... cantei... q/eu **dei conta** de cantá ela lá. (FG, M, 72 a, 2003, p. 14).
- 8) [...] eu já fazia... serviço pesado já como os outros companheiro lá do serviço... os/otro garimpero fazia... i:: acabô daí que o patrão acabô se convencendo que tinha alguém lá... dentro do trabalho... alguns garimpero que era mais um que/eu no serviço... com trinta dia ele **fez proposta** pro rapaz que trabalhava no garimpo mesmo... na cata... (FG, M, 30 a, 2003 p.09).
- 9) [...] ai foi... foi ruim... foi péssimo pra mim eu:: nunca mais... eu acho que eu tenho um::... bloqueio tão grande com ele... que eu falo Deus o Senhor trata o meu coração... porque... o que eu tive no meu casamento... eu não quero ter com outra pessoa... eu prefiro não casar... eu **leve um susto**... pra mim foi um choque... sabe::... ai já... a partir do momento da minha lua de mel pra::... diante... a minha:: vida sexual foi:: bloqueada... (FG, F, 36 a, 2003, p.10).
- 10) [...] Já... já... uma vez eu machuquei mais tamém... eu machuquei... aqui na rua tinha uma menina... e eu gostava demais de istilingui... mais cum esse istilingui memo eu **tomei uma taca**... mais foi daques boa... ai eu brincano e essa menina o nome dela é até Creia... eu alembro como se fosse hoje... ai eu brincano tal tal... subino aquela rua 4 aqui e ela morava sabe onde é o bar? Onde era o bar da Dona Tita ali? (FG, F, 36 a, 2003, p.11).

A esquematicidade se apresenta em graus na hierarquia construcional. De acordo com Langacker (2008, p.17), “a esquematicidade pode se realizar em diferentes graus, dependendo da diversidade dos elementos em que se baseia.” Nas instâncias construcionais, a esquematicidade cede lugar como propriedade para a especificação formal. Nesse sentido, a construção-suporte não apresenta qualquer especificação na forma, por ser um esquema cognitivo. Entretanto, as microconstruções, como instâncias da construção-suporte, consistem em padrões cognitivos parcialmente esquemáticos, pois geralmente apresentam um elemento verbal com função suporte cristalizado na primeira posição da construção.

É importante ressaltar que a construção-suporte se constitui como um esquema cognitivo a partir do macroesquema da predicação. A esse respeito, para Goldberg (2006) “existe ampla motivação para reconhecer que registramos informações sobre como determinados verbos são usados em determinados padrões de estrutura de argumentos”. Essa afirmação aponta para o fato que o falante estoca na mente aspectos funcionais dos usos dos verbos na estrutura argumentativa e com base nesse conhecimento surgem generalizações, ou seja, esquemas em nível da predicação, como a construção-suporte.

Uma generalização, segundo Cezario (2012), seguindo Bybee (2010), surge pelo aumento da frequência de uso e costuma levar a uma opacidade semântica, com a redução da forma fonológica consequente da automação e da previsibilidade do padrão construcional. Em função disso, as construções se tornam mais abstratas, esquemáticas, e começam a funcionar como modelos cognitivos para outros padrões construcionais na língua.

As ocorrências no uso e as convenções simbólicas promovem o entrincheiramento da forma verbal na estrutura da microconstrução. Por ser uma instância, o verbo não aparecerá aleatoriamente em qualquer lugar da construção, pois segue princípios organizacionais do padrão mais geral. Isso demonstra que as microconstruções ocupam uma posição hierarquicamente inferior na rede construcional em relação à construção-suporte mais abstrata, posto que herdam a configuração morfossintática do padrão de nível superior.

Por outro lado, microconstruções também podem instanciar construções totalmente especificadas na língua – os construtos (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Por exemplo, os construtos *dar opinião*, *dar voltas* e *dar liberdade* são instâncias de um padrão parcialmente esquemático, isto é, da microconstrução [DarSN]. Nas ocorrências a seguir podemos observar ocorrências desse padrão construcional:

- 11) [...] pode pensar... tu não precisa... tu pode deixar pra mais tarde essa e de repente me contar::/ ah::... **dar opinião** sobre alguma coisa... me descrever alguma coisa... que são os outros itens... (D&G, F, 36 a, 2003, p. 07)⁴.
- 12) [...] Como o ônibus sairia somente as quatorze horas, resolvi colocar minhas bagagens no Porta-malas da Estação e **dar umas voltinhas** no centro da cidade que ficava no mesmo bairro da Rodoviária. (D&G, F, 30 a, 2003, p. 74).
- 13) [...] O que que é **dar liberdade**... é tipo assim... você num faz nada dentro de casa... você sai a hora que quer... você chega na hora que quer... Hum... sem por o limite... (FG, F, 36 a, 2003, p.21).

A microconstrução apresenta um elemento formal entrincheirado na estrutura e um *slot* aberto, o que possibilita o surgimento de inúmeras construções no sistema linguístico. De modo que o falante, ao elaborar seu discurso, pode organizar suas orações com predicados baseados nesse modelo cognitivo parcialmente esquemático. As expressões observadas nas ocorrências (11), (12) e (13) são construtos com maior especificidade fonológica, morfológica e sintática. Trata-se de realizações linguísticas (*token*) frequentes de um tipo de organização cognitiva parcialmente esquemática (*type*), que pode ser acessada pelo falante como uma unidade.

A esquematicidade corresponde aos padrões de experiências conceptualizadas em níveis altos de abstratização (LANGACKER, 2008). As construções mais esquemáticas, como a construção-suporte, não apresentam especificação formal, pois são padrões cognitivos que são convencionalizados e muito produtivos na comunidade linguística.

1.2.2 Produtividade

É imprescindível pontuar que a construção-suporte consiste em um padrão cognitivo muito produtivo no PB. A produtividade é a propriedade construcional que corresponde à extensibilidade das construções, ou seja, o grau em que uma construção esquemática sanciona subesquemas e microconstruções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A extensão de uma construção esquemática se associa à produtividade, pois diz respeito ao surgimento de instâncias construcionais que são regidas pelo padrão cognitivo mais abstrato.

A frequência de uso pode ser um fator indicador de produtividade. Para Bybee (2010), quando uma construção é formada na língua, ela se espalha promovendo o aumento

⁴ Legenda:

D&G = Discurso & Gramática;

F = Feminino.

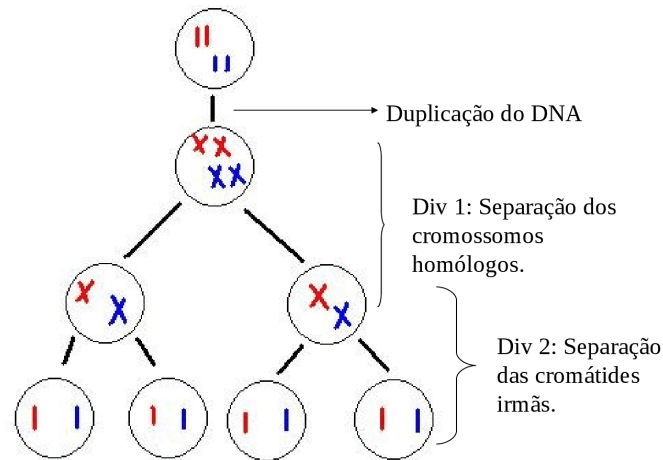
do grau de frequência de uso. A esse respeito, para Traugott e Trousdale (2013), o aumento de uso demonstra a produtividade como uma propriedade gradiente de determinada construção, a qual pode se caracterizar produtiva a depender dos padrões de experiência e dos processos analógicos necessários para a instanciação de subesquemas ou microconstruções.

Muitos trabalhos com produtividade estão relacionados à frequência [...] Quando novas construções são formadas, elas normalmente 'se espalham aumentando gradualmente sua frequência de uso ao longo do tempo' (Bybee e McClelland 2005: 387). Entendemos que 'aumento na frequência de uso' significa aumento na frequência da construção: os falantes usam cada vez mais instâncias da nova construção. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 18).

Nesse sentido, a construção-suporte é produtiva, porque se expande e possibilita o surgimento de inúmeras construções na língua em nível dos subesquemas e das microconstruções. De acordo com Himmelmann (2004), a expansão ocorre quando uma construção se torna amplamente aplicável em muitos contextos, o que possibilita o aumento da frequência de uso. Esse parece ser o caso da construção-suporte, pois o padrão construcional se expande em níveis inferiores da rede construcional. Por isso, com o aumento da frequência de ocorrência, a construção começa a ser convencionalizada pelos falantes em contextos diversos, pois cada ocorrência no uso afeta sua representação, o que aumenta sua produtividade e possibilita o surgimento de classes, ou seja, de microconstruções. De acordo com Bybee (2010), aspectos da experiência do uso interferem na representação cognitiva das construções, por causa do reforço cognitivo de itens da construção, que podem estar relacionados à forma ou ao significado no processo de expansão.

Compara-se o processo de expansão da construção-suporte ao movimento de multiplicação celular por *meiose*, em que, de modo genérico, uma célula parental se divide originando células com metade do número cromossômico da célula originária. A imagem adiante representa a meiose celular:

Figura 2: Processo de divisão celular por meiose.



Fonte: www.docsity.com/pt/divisao-celular-fases-da-meiose-1/4756673/ (2011).

Na divisão celular por *meiose*, os padrões celulares herdam da célula parental parte cromossômica. No caso da construção-suporte, de maneira aproximada, poderíamos considerar que os aspectos da forma e do significado da construção seriam como os cromossomos das células, pois são herdados, em partes, por padrões construcionais em nível inferior na rede construcional. Desse modo, de um único padrão construcional esquemático, surgem inúmeras construções na língua. A diferença é que em cada estágio de expansão ocorrem pequenas mutações construcionais. Em outros termos, ocorrem pequenas mudanças na forma ou no significado das construções. Isso faz com que a construção resultante se diferencie em suas propriedades do esquema cognitivo de origem – a construção mais esquemática.

1.2.3 Composicionalidade

A composicionalidade se relaciona ao grau de previsibilidade do significado de uma construção a partir do significado dos seus componentes, melhor dizendo, à proporção de representatividade do sentido dos elementos da construção em seu significado global. Refere-se, portanto, ao grau de transparência da relação entre forma e significado (BYBEE, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Para Bybee (2010), uma construção composicional pode ser analisável na medida em que o falante reconhece na construção palavras, morfemas e uma estrutura morfossintática individual. No entanto, composicionalidade e analisabilidade são

propriedades específicas, pois mesmo construções idiomáticas, que apresentam baixa composicionalidade, podem ser analisáveis no sentido que os falantes reconhecem as palavras e os significados que compõem essas expressões metafóricas.

Na semântica, a composicionalidade se encontra na capacidade de criação de expressões complexas com base no significado de expressões menores. Essa composição de significado se materializa na elaboração sintática das construções nas convenções simbólicas. Por se tratar de um esquema cognitivo, a construção-suporte não designa composicionalidade em suas propriedades. No entanto, em suas instâncias da rede construcional isso é observável.

Como propriedade, a composicionalidade é observável em níveis. Há na língua construções mais composicionais (quando o valor semântico representa a soma do significado de cada elemento da construção), construções parcialmente composicionais (quando o significado da construção está representado mais prototipicamente por um dos elementos da construção, de maneira que ocorra incompatibilidade do sentido em partes da construção) e construções não composicionais (quando a incompatibilidade semântica ocorre em todos os elementos constituintes).

As construções a seguir são instâncias da construção-suporte que apresentam diferentes graus de composicionalidade:

- 14) [...] quando alguém precisava **fazer uma viagem** ou estava com as necessidades financeiras ... e eu me lembro que nessa época eu fui muito ajudado pelos meus amigos ... para essa viagem ao Rio Grande do Sul ... (D&G, M, 30 a, 2003, p. 38).
- 15) [...] fica lá naquela inebração mais a sua filha não é muito bão não... mais assim eu cunversu muito cum ela... ah ela teve um namorado essis tempo atrás que eu fiz di tudo ela até fala que eu **fiz lavagem cerebral** na cabeça dela porque eu fiz ela terminá com o mininu... mais tamém ele não gostava de trabalhá nem nada isso eu não quero pra minha filha de jeito nenhum né (FG, F, 33 a, 2003, p.21).

A microconstrução [FazerSN] está representada nas ocorrências (14) e (15) por intermédio de dois construtos. O construto em (14), [*fazer viagem*], consiste em um padrão mais composicional, pois o significado de parte da construção estabelece correspondência no pareamento forma e significado. De outro modo, em (15), o significado da construção não é assim tão correspondente à soma do significado dos elementos que a compõe, trata-se de uma construção com elevado grau metafórico. No entanto, as duas ocorrências são padrões convencionalizados na língua pelos falantes e sucedem de um mesmo esquema construcional.

No próximo subtítulo, apresentamos as discussões teóricas acerca da natureza dinâmica da língua e o processo de mudança que a torna um sistema adaptativo complexo.

1.3. Mudança na perspectiva GCX

Na abordagem construcional, a língua é entendida como um fenômeno moldado pelo uso. Nesse sentido, trata-se de um fenômeno dinâmico que sofre influência de processos cognitivos que estão subjacentes ao seu uso. Isso quer dizer que esses processos cognitivos promovem mudanças no sistema linguístico em todos os níveis (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático e discursivo), o que significa que o sistema linguístico vai se adaptando às necessidades comunicativas dos falantes.

Para Casseb-Galvão e Bagno (2017), a mudança linguística, num sentido amplo, diz respeito a qualquer alteração na forma ou no significado dos elementos da língua, que pode ser observada em uma comunidade linguística. De acordo com Bybee (2010), os processos cognitivos criam a estrutura linguística em um contínuo movimento de variação e mudança das construções. Por consequência, a língua é compreendida como um sistema adaptativo complexo, porque emerge desses processos cognitivos que lhe são subjacentes. Nas palavras da autora:

Na medida em que a estrutura linguística é vista como um produto emergente da aplicação repetida de processos que lhe são subjacentes, e não como um dado a priori ou como resultado de um planejamento, então a língua pode ser compreendida como um sistema adaptativo complexo. (BYBEE, 2010, p.02).

Nessa perspectiva, a mudança é o centro de funcionamento da dinamicidade e da capacidade adaptativa da língua, fazendo que as construções possam ser recrutadas para atender novas funções a partir da expansão de contextos de uso. Trata-se de uma capacidade cognitivas dos falantes, que criam na língua convenções simbólicas por mudanças em partes da construção ou na construção como um todo.

Para Bybee (2010), a mudança apresenta forte relação com a frequência de uso, pois cada ocorrência de uso promove o fortalecimento de aspectos específicos das construções, o que impacta nas representações cognitivas. Por isso, Barros (2016) ressalta que o estudo da língua em uso pressupõe a análise de um constante processo de mudança, e dá como exemplo a constatação da mudança no subesquema gramatical da voz reflexiva prototípica no PB falado na cidade de Goiás. De acordo com essa pesquisadora, a alta frequência de uso ocasionou a estruturação da voz reflexiva sem a marca pronominal clítica.

O processo de mudança, em uma perspectiva construcional, corresponde à mudança das construções linguísticas. Para Himmelmann (2004), essa perspectiva torna viável, por

exemplo, entender a gramaticalização em termos de mudança nas construções e não apenas no âmbito de itens lexicais. Na construção-suporte, o item verbal que compõe a construção sofre gramaticalização pela expansão de uso em contextos gramaticais. O verbo com função suporte perde características lexicais mais específicas e se abstratiza, ou seja, torna-se uma categoria mais esquemática com função de marcar tempo e aspecto. Por isso, a gramaticalização não pode ser vista apenas na perspectiva do item verbal, pois o processo de mudança tem efeitos na construção como um todo.

A gramaticalização do verbo faz que o complemento do predicado da oração desempenhe uma nova função, a de centro informacional da construção predicativa com verbo-suporte. Isso demonstra que a mudança na língua não acontece no item de modo independente. Conforme Cezario (2012), um item particular não sofre gramaticalização de maneira isolada, mas toda a construção, com seus elementos lexicais, torna-se gramaticalizada.

De acordo com Barros (2016), a mudança faz parte da natureza dinâmica da língua e para reconhecer esse dinamismo é necessário reconhecer os padrões que orientam o uso linguístico. Isso significa que a língua apresenta padrões regulares que não são estáticos, mas flexíveis às necessidades do uso dinâmico nos processos interativos. Bybee (2010) descreve a natureza da língua como as dunas de areia, que apresentam uma estrutura aparente, porém estão sujeitas às mudanças em função do vento. Esse princípio se aplica à língua, porque ao mesmo tempo em que ela apresenta uma estrutura aparente, também está sujeita às mudanças, nem sempre visíveis à primeira vista, e às pressões da frequência de uso. “A gramática da língua é vista como uma estrutura aparentemente fixa, congelada, mas que é criada e recriada por motivações comunicativas e cognitivas” (CEZARIO, 2012, p.19). É evidente que as motivações cognitivas influenciam o uso das construções, gerando mudanças através do tempo. Conforme Martelotta (2015, p.60):

A mudança na língua deve ser entendida como um fenômeno tridimensional, ou seja, a trajetória de mudança de um elemento linguístico é reflexo de, pelo menos três aspectos diferentes: tempo e, *sobretudo*, *cognição* e *uso*. Se *tempo* é fator necessário para os processos de mudança se fazerem sentir, *cognição* e *uso* são de fundamental importância para uma teoria que interpreta as línguas como reflexo do comportamento, no ato de comunicação, das restrições cognitivas associadas à captação de dados da experiência, à sua compreensão e ao seu armazenamento na memória, assim como a capacidade de organização, acesso, utilização e transmissão adequada desses dados. Nesse sentido, a mudança ocorre pela necessidade diferenciada da atuação desses fatores cognitivos, ditada no contexto de cada distinta situação de comunicação. (*grifo do autor*).

Traugott e Trousdale (2013) reconhecem que a mudança de uma construção ocorre no uso e distinguem *mudança* de *inovação*. A inovação acontece na mente individual de um falante que modifica elementos de uma construção, ou mesmo a modificação pode acontecer na construção com um todo. Segundo Cezario (2012, p. 22), “o discurso é composto por elementos de inovação (o que torna aquele discurso único, diferente de qualquer outro) e de repetição (de construções gramaticais, de palavras e mesmo de moldura discursiva, como gênero e tipo de texto)”. Conforme a autora, a implementação de inovações na língua ocorre através da repetição de estruturas gramaticais e da criatividade do falante, o que motiva a reconfiguração gramatical. Nesse sentido, para que a inovação possa se tornar uma mudança de fato, ela deve ser convencionalizada entre os falantes que reconhecem naquele padrão inovador uma construção.

Esse processo se caracteriza por dois tipos de mudança: a *mudança construcional* e *construcionalização*. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a mudança construcional se refere à alteração de características da construção, que pode ser da ordem da forma ou da ordem do significado. As mudanças na forma e no significado das construções que decorrem das *neoanálises* realizadas pelos falantes são mudanças construcionais que afetam as estruturas internas das construções.

Por sua vez, segundo os autores, a construcionalização corresponde ao tipo de mudança mais ampla, consiste no estabelecimento de um novo nó na rede. Isso significa que esse tipo de mudança é relativo a um novo pareamento entre forma e significado. Por esse motivo, a construcionalização altera a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade das construções. Trata-se de um fenômeno gradual, ou seja, acontece por intermédio de pequenas etapas.

Traugott e Trousdale (2013) explicam que a mudança construcional pode ser uma etapa anterior à construcionalização, uma espécie de pré-construcionalização por intermédio da neoanálise, ou seja, da reinterpretação semântica e da reorganização formal de uma sequência linguística em circunstâncias específicas de uso. O ciclo de mudança pode continuar e construções que já passaram pelo processo de construcionalização podem sofrer novas mudanças construcionais. Esse tipo de mudança é chamado de pós-construcionalização, um processo que pode gerar novas construções de maneira recursiva.

Por outro lado, existem construções que são criadas instantaneamente, sem passar por esse processo gradual de mudança. É o caso dos empréstimos linguísticos. Os empréstimos podem passar por mudanças construcionais e construcionalizações

posteriormente. No entanto, essas construções não representam estágios de pequenas mudanças em sua formação (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

No processo de interação, o usuário realiza novas análises das expressões (*neoanalise ou reanálise*). Dessa maneira, uma questão a ser observada no processo de mudança é como as representações conceptuais mudam na mente dos usuários da língua, pois o falante adiciona significados alternativos às expressões linguísticas ao longo do tempo. Para que se possam analisar esses mecanismos, é necessário verificar o porquê e como ocorrem as mudanças, ou seja, quais os processos cognitivos que estão subjacentes ao uso da língua.

A mudança ocorre em função de como as pessoas usam a língua. Por isso, para explicar os processos de mudança, é necessário entender as inovações que os falantes realizam no uso, que alteram as construções em seus aspectos básicos (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013). A mudança acontece quando os usuários realizam novas análises de elementos da construção pelo pensamento analógico.

Para Barros (2016), quando uma mudança regulariza um padrão de uso no sistema linguístico, ocorre uma alteração na gramática da língua. Nesse sentido, a mudança fortalece a ideia da dinamicidade da gramática, que é moldada em função das pressões impostas pelas necessidades comunicativas do falante.

No caso da construção-suporte, por exemplo, cada ocorrência impacta a representação cognitiva da construção pelo reforço de partes específicas do padrão construcional ou pela extensão do significado da construção em contexto diversificado. Nesse entendimento, teóricos da GCX defendem que a mudança linguística faz parte do funcionamento conceptual humano e acontece por intermédio de processos cognitivos de domínio geral, que trataremos na próxima seção.

1.4 Processos cognitivos de domínio geral

Na GCX, a língua é entendida como um fenômeno intermediado por processos cognitivos gerais. De acordo com Langacker (2008), os processos cognitivos são centrais para o entendimento da língua como uma capacidade mental dos falantes. À vista disso, Goldberg (2006, p. 12) explica que “as construções são adquiridas a partir de mecanismos de estímulo e cognição”.

Os processos cognitivos criam a gramática da língua e derivam a estrutura linguística. Para Bybee (2010), a estrutura linguística emerge da aplicação de processos cognitivos, como

a *categorização, chunking, memória enriquecida, analogia e associação transmodal*, que caracterizam a língua como um fenômeno complexo e adaptativo.

1.4.1 Categorização

As categorias são construídas a partir das experiências linguísticas dos falantes (BYBEE, 2010). E, de acordo com Langacker (2008), a categorização é descrita como a interpretação das experiências que se relacionam às estruturas já vivenciadas. Isso significa que no uso da língua, o falante experiencia construções linguísticas e as relacionam com padrões construcionais conhecidos. Por isso, uma categoria, para o autor, corresponde a elementos julgados equivalentes em algum aspecto.

Bybee (2010) explica que alguns princípios governam a categorização: *o efeito protótipo, o grau de frequência e o grau de semelhança*. O efeito protótipo corresponde ao grau de pertencimento gradual de uma construção ou conceito a uma categoria, tendo em vista que alguns elementos podem ser mais centrais do que outros nas categorias. Para Bybee (2010, p. 79):

Exemplares de categorias, construídas por meio da experiência (em vários domínios), exibem efeitos prototípicos, os quais derivam de pertencimento gradual a uma categoria: alguns exemplares correspondem a membros mais centrais da categoria enquanto outros são mais marginais. Essa propriedade é geralmente ilustrada com categorias naturais com PÁSSARO: alguns pássaros, como sabiá e pardal, são considerados como mais centrais à categoria do que outros, como, por exemplo, águias ou pinguins (*grifo da autora*).

Os membros mais centrais apresentam mais atributos do padrão categorial. Estes são considerados os protótipos (TAYLOR, 1995). Langacker (2008) exemplifica a prototipia por intermédio da seguinte rede de relações conceituais:

Figura 3: Rede conceitual do significado de anel.

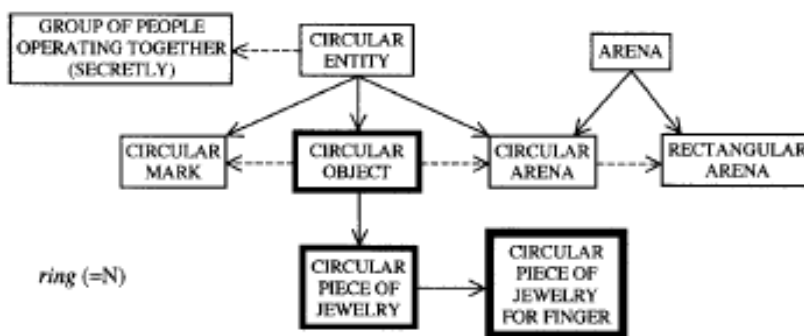


FIGURE 2.2

Fonte: Langacker (2008, p.37).

Na rede, o significado mais prototípico para *anel*, por exemplo, consiste no conceito de objeto circular. Contudo, outros significados estão interligados cognitivamente a essa concepção: *peça de joia circular* e *peça circular de joias para os dedos*. A relação entre esses significados está representada na figura por linhas contínuas. Para Langacker (2008), *objeto circular* é o membro mais prototípico da categoria *anel*. O autor ainda explica que algumas extensões de significado podem ser relacionadas à categoria *anel*, como a noção de *arena circular* (como as utilizadas em rodeios), *marca circular* (como as deixadas por um copo gelado em cima de uma mesa de madeira) e *grupo de pessoal operando secretamente* (aliança entre pessoas). Essas relações estão exemplificadas pelas linhas pontilhadas e representam os membros menos prototípicos, pois não apresentam todas as características da categoria.

A respeito do grau de frequência, os membros que apresentam maior ocorrência na língua são os elementos mais centrais das categorias. De acordo com Bybee (2010, p. 79):

Considerando também que usar a língua é uma questão de acessar representações estocadas, aquelas que são mais fortes (as mais frequentes) são acessadas mais facilmente e podem, então, ser mais facilmente usadas como base para categorização de itens novos. Por causa disso, um exemplar de alta frequência classificado como um membro de uma categoria tende a ser interpretado como um membro central da categoria ou, ao menos, sua maior acessibilidade significa que a categorização pode acontecer com referência a ele.

A frequência de uso de construções na língua pode afetar as representações, promovendo a centralidade de determinados elementos nas categorias. Desta maneira o membro mais frequente tende a ser o prototípico (BYBEE, 2010).

No que diz respeito ao grau de semelhança, o processo de categorização decorre das similaridades entre estruturas linguísticas que são reconhecidas pelos falantes e estocadas na mente conjuntamente. Esse processo é responsável, fundamentalmente, pela capacidade de organizar o conhecimento linguístico em redes de construções pela captura de generalidades, ou seja, de características específicas das construções.

Na obra *Women, Fire, and Dangerous Things: what Categories Reveal about the Mind*, George Lakoff (1990) defende que não há nada mais básico na cognição humana do que categorizar. Para exemplificar essa ideia, o autor explica que o título do seu livro foi inspirado na língua aborígine australiana *Dyirbal*, que apresenta uma categoria que inclui mulheres, fogo e coisas perigosas. Nesse sentido, as inferências realizadas pelas expressões do título correspondem a um padrão de semelhança atribuído a ideia de uma categorização.

Lakoff (1990) defende que sempre que nos comunicamos por intermédio da língua, categorizamos dezenas de enunciados, os sons, as palavras, os conceitos etc. Esse processo cognitivo é fundamental para entendermos como funciona a mente humana. No uso da construção-suporte, por exemplo, categorizamos os eventos e acionamos o esquema abstrato da construção estocado na mente para a representação das coisas no mundo. Isso porque, ao categorizar o mundo, o falante associa as construções linguísticas pela similaridade com as representações adquiridas por meio das experiências prévias já estocadas em sua mente (BYBEE, 2010). Isso demonstra que a categorização acontece de maneira integrada a outros processos cognitivos gerais, como a analogia.

1.4.2 Analogia

Em perspectiva construcional, a analogia é a capacidade cognitiva de atribuir ou identificar similaridades entre construções linguísticas. Esse processo cognitivo não acontece apenas na língua, uma vez que, a todo tempo, estabelecemos comparações entre situações e eventos no mundo.

De acordo com Bybee (2010, p. 08), a “analogia é o processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiência prévia”. Nessa perspectiva, no processo analógico, os falantes convencionalizam construções com base em generalizações de padrões linguísticos conceptualizados anteriormente. Essas generalizações possibilitam a mudança linguística, pois o processamento mental de categorias esquemáticas presentes nas representações cognitivas dos falantes estabelece relações analógicas entre os padrões

construcionais nas conceptualizações individuais que, posteriormente, são compartilhadas na coletividade (CASSEB-GALVÃO; BAGNO, 2017).

A analogia também é o processo cognitivo responsável pela transferência de domínios cognitivos. Quando uma construção é cristalizada na língua pelo alto grau de frequência e seu acesso começa a acontecer em bloco único, o processo analógico fica facilitado. Isso favorece a metaforização e o uso das construções em domínios e funções diferentes. Dessa maneira, a construção representa um novo nó na rede, afastando-se conceitualmente dos significados mais prototípicos do domínio fonte.

Para o processamento analógico se efetivar no uso da língua é necessário o acesso ao inventário de construções estocado na mente dos falantes. Nesse sentido, o falante precisa reconhecer os atributos relacionados aos padrões esquemáticos que envolvem aspectos da forma, do significado e do contexto de uso das construções já conhecidas e buscar similaridades pertinentes para a representação de novas construções. No processo analógico, as informações armazenadas, a respeito dos padrões linguísticos estocados na mente do falante, são requisitadas graças a outro processo cognitivo – a memória enriquecida.

1.4.3 Memória Enriquecida

A estocagem de detalhes contextuais associadas às construções e aos aspectos de execução fonológica ou sequenciação morfossintática acontece por intermédio do processo cognitivo identificado por memória enriquecida (BYBEE, 2010). Detalhes das experiências com a língua são armazenados na memória, o que facilita outros processos cognitivos como a analogia e a categorização. Isso porque as construções linguísticas são armazenadas em feixe de exemplares de ocorrências similares.

De acordo com Bybee (2010), os falantes estocam detalhes das experiências linguísticas no uso das construções. Por isso, para a autora, as representações por exemplares são representações de memória enriquecida. Ainda seguindo o entendimento de Bybee (2010), cada ocorrência de uso impacta a representação cognitiva da construção pelo reforço de itens particulares. Isso promove pequenas mudanças em algum aspecto da construção da ordem da forma, do significado ou do contexto de uso.

Essas mudanças são escalares, não ocorrem de maneira abrupta e são possíveis pela capacidade cognitiva dos falantes em realizar analogias e categorizações dos padrões construcionais estocados na memória. Em especial, na GCX, a analogia é reconhecida como

um fator cognitivo proeminente no processo de mudança linguística (CASSEB-GALVÃO; BAGNO, 2017).

Os exemplares são unidades linguísticas categorizadas com similaridades, que podem ser de aspectos da reprodução formal ou de aspectos contextuais em que a unidade aparece. A formação de exemplares e a estocagem na memória enriquecida favorecem a formação de generalidades nas categorias e essas categorias são reforçadas cognitivamente na representação de itens particulares com a frequência de uso.

A construção-suporte é um exemplo de feixe de exemplar estocado na mente dos falantes por intermédio do processo cognitivo de memória enriquecida. Quando o falante experiencia na comunicação padrões construcionais com verbo-suporte, ele estoca na memória detalhes da experiência, como o contexto de uso e aspectos construcionais relacionados à forma e ao significado da construção, pois a língua reflete as experiências com o mundo de alguma maneira (BERTOQUE, CASSEB-GALVÃO, 2015). Assim, sempre que precisar descrever um estado de coisas em que, pragmaticamente, a informação mais relevante deve ser representada pelo SN, o falante usa a estruturação suporte, ainda que haja um verbo equivalente para representá-lo, como em *fazer comida / cozinhar*.

A esse respeito, Justino (2018) explica, por exemplo, que as construções focalizadoras comparativas representadas pelo esquema cognitivo [X *que* só Y] acionam na mente dos falantes significados relacionados a contextos de uso específicos e geralmente denotam humor, exagero, ênfase, brincadeira. Nesse sentido, ao experienciar o uso dessa construção na língua, o falante armazena na memória tanto aspectos morfossintáticos, quanto aspectos do significado e aspectos dos contextos de uso da construção.

Após a estocagem, a frequência de uso reforça o padrão construcional na mente do falante, podendo acarretar em redução fonética e perda de composicionalidade em construções complexas (BYBEE, 2010). Isso demonstra que a frequência tem papel significativo nas representações cognitivas e na estocagem de padrões construcionais na memória.

1.4.4 *Chunking*

O *chunking* se caracteriza pelo empacotamento cognitivo de construções no sistema linguístico. Segundo Bybee (2010, p. 33), “quando duas palavras ou mais são frequentemente usadas juntas, elas desenvolvem uma relação sequencial.” Essa relação se dá pelo encontro de duas construções que passam a ser frequentemente acessadas conjuntamente, ou seja, em

bloco único pela alta frequência no uso. Na descrição da construção relacional polissêmica [SN1 de SN2], Alonso e Santos (2020, p. 738) explicam que:

Por princípio, formas que frequentemente ocorrem juntas em uma sequência sintagmática fixa costumam ser interpretadas como um bloco (*chunk*) e, sendo comunicativamente eficientes, tendem a se espalhar por uma dada comunidade linguística.

A esse respeito, de acordo com Casseb-Galvão e Bagno (2017), um *chunk* é “uma unidade cognitiva formal decorrente da repetição de uso de um conjunto de palavras e/ou morfemas”. Para esses autores, os *chunks* consistem em amalgamas que são armazenadas na mente como uma unidade formal com significado baseado no contexto de uso.

Do ponto de vista gramatical, o processo cognitivo *chunking* organiza toda a estrutura linguística, pois a maneira em que as experiências são conceptualizadas sequencialmente corresponde ao modo de organização das construções em todos os níveis da língua. Nesse sentido, a repetição consolida na memória enriquecida a sequência fonológica das palavras, a sequência morfossintática das orações e a sequência de palavras em construções, como no caso da construção-suporte.

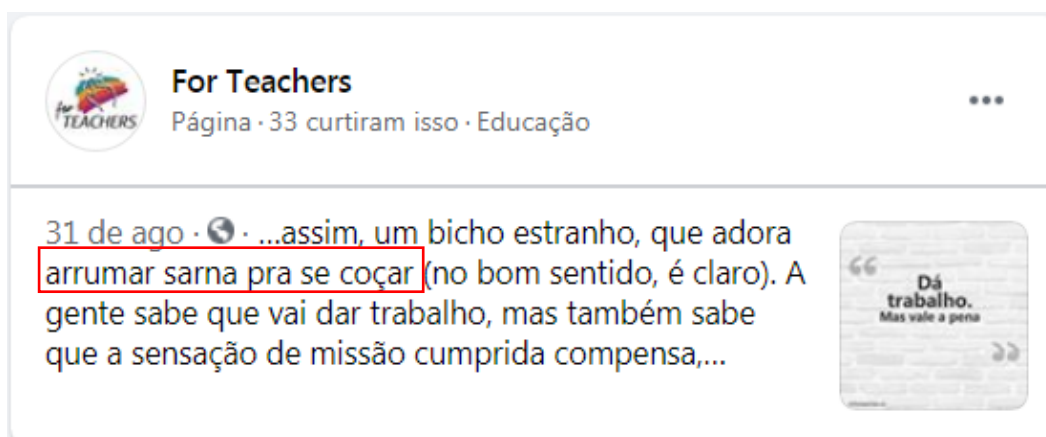
Dessa maneira, a relação sequencial estabelecida entre um verbo e seu complemento em nível da predicação possibilitou o surgimento da construção-suporte na constituição do predicado pela frequência de uso. Portanto, o *chunking* formou no contexto morfossintático uma generalização, categorizada em uma construção predicativa esquemática. Por isso, consideramos esse processo cognitivo o mais proeminente para a constituição da construção-suporte.

Para Bybee (2010), cada palavra que compõe a construção é representada por uma sequência fonológica armazenada na mente dos falantes. O armazenamento dessa sequência facilita o acesso rápido da construção na elaboração do discurso. De fato, ao nos comunicarmos não pensamos em cada sequência da constituição das palavras, porque a forma com seu significado atribuído é acessada instantaneamente pelo falante no processo comunicativo. Isso é possível porque a sequência das partes constituintes das palavras fica entrincheirada na mente do falante por intermédio dos *chunks* e pela frequência de uso. Por conseguinte, esse mesmo processo de estocagem de sequências ocorre em nível morfossintático gradualmente. Para Cezario (2012), as formas nascem do discurso nos processos comunicativos, espalham-se e apresentam diferentes graus de entrincheiramento.

Na medida em que as construções são utilizadas pelos falantes, alguns verbos se convencionalizam como suporte dentro do padrão cognitivo. Por isso, não são todos os verbos que podem exercer essa função e dentre os verbos que são utilizados como suporte, alguns são mais recorrentes, pois apresentam alta frequência de uso, como as construções com os verbos *dar* e *fazer*. Nesse sentido, a produtividade dessas formas verbais plenas favorece o seu uso na construção-suporte em decorrência do empacotamento cognitivo em nível morfossintático.

Com as convenções simbólicas, alguns verbos são fixados na construção-suporte na primeira posição pelo vínculo de herança formal da construção mais esquemática. Isso abre um leque de possibilidades de novos pareamentos entre forma e significado que serão armazenados na mente do falante de maneira sequencial. Caso um desses novos padrões construcionais seja muito frequente, o nível de entrincheiramento da construção se torna mais forte, o que cristaliza a construção como um todo. Esse estágio é o mais alto do *chunking*, uma vez que o padrão construcional se convencionaliza como item lexical único, ocasionando a diminuição da composicionalidade da construção. Esta situação favorece a metaforização, já que facilita a transferência de domínios por intermédio de outros processos cognitivos. A ocorrência adiante demonstra a metaforização da construção-suporte:

Imagem 1: Exemplo de metaforização da construção-suporte.



Fonte: <https://www.facebook.com/forteachers.br> (2020).

A construção em destaque na imagem (1) já alcançou esse estágio de entrincheiramento, diferente da construção suporte [*arrumar marido*], por exemplo. Sua composicionalidade é baixa e seu nível de integração é alto, de modo que vários materiais linguísticos são empacotados conjuntamente na construção. Por consequência, na medida em que o processo de categorização por extensão metafórica acontece, aumenta-se o grau de

complexidade da construção pelo empacotamento de outros materiais linguísticos. Isso devido à frequência em que esses elementos apareceram no uso junto à construção-suporte.

A análise dessa construção demonstra uma associação forte entre palavras na construção de itens pré-fabricados. Para Erman e Warren (2000, p. 31), “Um pré-fabricado é uma combinação de pelo menos duas palavras preferidas por falantes nativos em vez de uma combinação alternativa que poderia ter sido equivalente se não houvesse convencionalização”. A combinação entre palavras é convencionalizada na língua pela frequência de uso da construção no caso de item pré-fabricado. Dessa maneira, uma construção gramatical complexa pode ter valor de um item lexical, o que demonstra uma não distinção rígida entre léxico e gramática.

1.4.5 Associação Transmodal

A associação transmodal consiste na capacidade de conectar cognitivamente aspectos formais da construção e os conceitos que representam os eventos do mundo. Se, frequentemente, em determinado contexto uma forma é utilizada para representação linguística, o falante associa cognitivamente a estrutura da construção e o contexto que compõe o significado conceptualizado. Ou seja, no momento em que a forma da construção for conceptualizada, o contexto se torna mentalmente disponível na comunicação. Por exemplo, a construção-suporte [dar educação], na maioria dos casos, corresponde ao contexto de instrução dada às crianças pelos pais com intuito de formação pessoal e de desenvolvimento das personalidades, como observado na ocorrência a seguir:

- 16) [...] eu aproveitei a situação i desci a lenha né... poque culpada é ela também porque ela não **deu educação** como deveria de dá... tê botadu o filhu pra trabalhá... porque ele veio trabalhá depois: : que agente cumeçó a namorá... então dexô aqueles home ficá du jeito qui qué... mais também até hoje ela sustenta bem dizer a casa com o pai dele né... então ela já deu mau exemplo... ela já dá mau exemplo pros filhos poque ela só teve filho homi... num insinô nenhum a trabalhá... num insinô nenhum a ser responsável com as coisas aí quem vai gosta né di iscutá isso que culpada é ela (FG, F, 33 a, 2003, p.20).

Ao experienciar essa construção na língua, provavelmente, o falante não irá associá-la cognitivamente ao contexto de educação acadêmica ou formal em ambientes escolares, pois a frequência de uso do padrão da representação linguística possibilita a inferência do contexto de educação familiar.

Para Bybee (2010), inferências podem ser realizadas entre os contextos e os padrões construcionais particulares. Nesse sentido, a associação transmodal também possibilita a mudança de contexto para o uso de determinada forma. A partir da frequência de uso e pela similaridade contextual, a forma construcional pode ser utilizada em outras situações que diferem do contexto de origem. A mudança de contexto pela associação, também, favorece a metaforização das construções.

Na GCX, o conceito de gramática corresponde à organização cognitiva das experiências com o uso da língua (BYBEE, 2010). Assim, as construções linguísticas são estocadas na mente do falante, o que forma exemplares que são relacionados às experiências de uso. Essas experiências com a língua correspondem a generalizações dentro de domínios cognitivos em que os significados estão articulados conceitualmente.

1.5 Domínios cognitivos

Em uma perspectiva construcional, a língua é vista como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado, de modo que a linguagem seria integrada aos processos cognitivos gerais discutidos no subtítulo anterior.

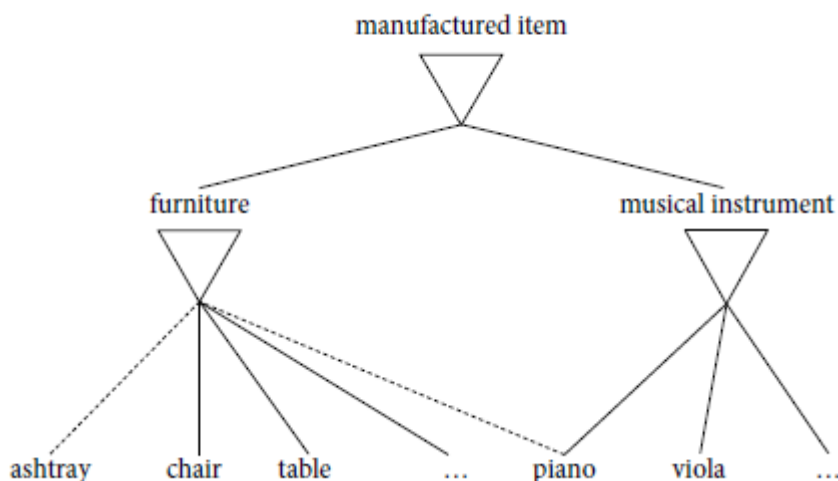
No momento em que os teóricos da GCX entendem a capacidade linguística dentro das habilidades cognitivas do homem, alguns tópicos começam a interessar aos pesquisadores, como o conceito de domínio cognitivo. Partiremos de Langacker (2008) para discutir a noção fundamental de conceptualização mental dos significados das construções.

Para Langacker (2008, p. 44), “o termo domínio cognitivo é amplamente interpretado como domínio de experiência.” Isso porque categorizamos conteúdos conceituais por intermédio das experiências, como, por exemplo, as noções de *espaço* e *tempo*. Nesse sentido, os domínios cognitivos decorrem dos conhecimentos socioculturais e dependem da interpretação dos conteúdos conceituais.

Em cada domínio cognitivo, localizam-se conceitos mais centrais ou esquemáticos, enquanto outros conceitos são mais específicos, como explicamos ao tratar sobre a categorização. A título de exemplo, como propõe Langacker (2008), o conceito de *água* consiste em um significado mais específico relacionado ao conceito mais esquemático de líquido. Isso demonstra que a organização conceitual das experiências dos falantes corresponde à organização da língua em feixe de exemplares distribuídos em rede de relações de significados inter-relacionados nos domínios cognitivos.

Encontramos outro exemplo em Traugott e Trousdale (2013). Os autores ilustram a ideia de rede de associação entre conceitos de nível mais específico e conceitos de nível esquemático a partir da análise do conceito de itens manufaturados. A rede conceitual exemplifica essa relação a seguir:

Figura 4: Rede conceitual de itens manufaturados.



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 10).

Para os autores, o conceito de *piano* corresponde a um padrão mais específico da categoria de instrumento musical. No entanto, existe uma generalização ainda mais esquemática no qual o conceito de *piano* se insere, a categoria de itens manufaturados, que corresponde ao conceito mais esquemático na rede de relações conceituais. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), o conceito de *piano* apresenta heranças múltiplas, visto que pode relacionar-se tanto a noção de instrumento musical, quanto à noção de mobília, em caso de uso como peça decorativa.

As relações entre esses conceitos corroboram o entendimento de Langacker (2008) a respeito da complexidade do significado, que é muito mais complexo que a gramática e muito mais difícil de estudar e descrever. Por isso, o autor entende que o papel do significado deve ser central no estudo da gramática. Para Langacker (2008, p.04), “os significados linguísticos também se baseiam na interação social, sendo negociados pelos interlocutores com base na avaliação mútua de seus conhecimentos, pensamentos e intenções.” Dessa maneira, o significado reside na mente do falante que compreende e produz os conceitos das expressões no uso dinâmico da língua, posto que o significado emerge do discurso e da interação social.

Portanto, os significados não são fixos e determinados. Eles são negociados dentro dos processos interativos e são submetidos às intenções comunicativas dos falantes.

Uma mesma expressão pode requisitar um conjunto de domínios cognitivos formando uma matriz conceitual. Isso ocorre porque o conhecimento humano é armazenado na memória de maneira integrada e não modular. Assim, os falantes concebem significados que estão relacionados cognitivamente. Isso significa que, diante uma expressão, um quadro de conhecimento fica disponível para interpretação da construção.

Para Langacker (2008), a matriz conceitual da construção *vidro*, por exemplo, correspondente ao significado de recipiente utilizado para beber e evoca mentalmente os seguintes domínios: o domínio espaço, o domínio forma (do objeto), orientação no espaço (vertical), função (recipiente para líquidos), material (vidro), tamanho (do objeto) etc. Portanto, todos esses domínios formam a matriz conceitual da expressão *vidro*, pois representam conhecimentos associados à expressão exemplificada pelo autor.

Ainda nas proposições de Langacker (2008), os conceitos relacionados nos domínios cognitivos podem ser básicos, isto é, aqueles conceitos mínimos que estão associados às conceptualizações comuns da experiência humana, como a noção de *tempo* e *espaço*. Por outro lado, os conceitos podem ser de configurações altamente esquemáticas, como as noções de divisão, separação, mudança, extensão, multiplicidade etc. Assim como, os conceitos podem estar ligados aos arquétipos conceituais, que correspondem a sistemas imagéticos, como *a construção de movimento causado*, que é estudada por Goldberg (2006). Desse modo, os arquétipos podem representar, conceitualmente, *algo que movimenta algo, um objeto que se move no espaço, a noção do corpo humano, a noção de objeto físico* etc. (LANGACKER, 2008).

Os significados relacionados nos domínios cognitivos contribuem para a concepção de língua como uma rede de relações hierárquicas e auxiliam na constituição dos níveis conceituais da rede integrada pela a construção-suporte.

1.6 Rede construcional

A língua é uma estrutura formada por um inventário de construções que são estruturadas em redes taxonômicas. Nesse sentido, Goldberg (2006) explica que as construções derivam de várias outras, formando redes construcionais. Em outras palavras, os padrões construcionais estão organizados no sistema linguístico de acordo com as propriedades que cada construção apresenta (LANGACKER, 2008; CROFT, 2013;

TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Por esse motivo, em uma categoria, existem construções mais esquemáticas, isto é, mais abrangentes e construções de nível inferior (mais especificadas), como os subesquemas, as microconstruções e os construtos.

De acordo com Justino (2018), os *esquemas* são padrões mais abstratos de funcionamento da língua, os *subesquemas* correspondem ao conjunto das construções semelhantes aos aspectos dos esquemas mais abstratos (aspectos sintáticos, semânticos ou cognitivos), as *microconstruções*, por sua vez, correspondem aos tipos construcionais realizados no uso (*types*) e, por fim, os *construtos* são as ocorrências de uso individuais dos falantes (*tokens*).

A construção-suporte se encontra no nível dos esquemas, visto que corresponde a um padrão de ordem cognitiva sem especificidade formal.

Para Croft (2001), cada construção constitui um nó na rede, pois consiste no conhecimento do falante sobre sua língua. Portanto, todas as construções são elos de representação linguística. A esse respeito, Goldberg (1995) explica que as construções linguísticas exibem protótipos e formam relações hierárquicas e de herança em redes semânticas que servem para explicar o conhecimento linguístico.

Os esquemas, como a construção-suporte, estabelecem essas relações de hierarquia e herança com subesquemas, com as microconstruções e com os construtos, que se localizam em níveis mais específicos na rede. Desse modo, os padrões esquemáticos instanciam outras construções com base em suas generalidades e características que são categorizadas pelos falantes no uso da língua.

As instâncias construcionais da construção-suporte são decorrentes dos usos e das necessidades comunicativas em contextos de interação e de representação do mundo. Assim, a constituição de subesquemas, por exemplo, resulta do contexto pragmático-discursivo, pois o contexto da predicação contribui para a definição do subesquema de intransitividade ou do subesquema de transitividade indireta, a depender da quantidade de participantes do *frame* predicativo representado em orações cujo predicado é a construção-suporte. Por isso, ao trabalhar com o *subesquema focalizador comparativo [X que só Y]*, Justino e Casseb-Galvão (2020) sugerem que o contexto pragmático-discursivo define os esquemas sintático-semânticos na gramática a partir das práticas sociais.

Esta análise ratifica o postulado cognitivista de que a organização interna da gramática pressupõe que os usos da língua constituem uma rede significativa, decorrente das representações do mundo, e que esquemas sintático-semânticos provêm de práticas sociais e culturais atualizadas em

contextos discursivos sócio-interativamente regulados. (JUSTINO; CASSEB-GALVÃO, p.636).

Em virtude do contexto pragmático-discursivo, qualquer peculiaridade de uma construção é o suficiente para representá-la como um nó independente (CROFT, 2001). Os esquemas também são identificados como elos na rede, que vinculam padrões no sistema linguístico. Conseqüentemente, as microconstruções e os construtos apresentam em suas estruturas princípios de formação e de constituição do significado ligado aos esquemas. Para exemplificar, utilizaremos a construção-suporte que é representada pelo seguinte esquema cognitivo: [VsSN]. Esse esquema instancia inúmeras construções no PB. Vejamos a ocorrência de instâncias da construção-suporte adiante:

17) [...] não... **do meu pai** eu nunca **tomei um tapa**... (FG, F, 65 a, 2003, p.05).

18) [...] Aí:: as veis encantava ca cor do olho... cabelo né... e assim devido a gente sê saído tamém... as veis chei de piada... conta... fala muita bestera... aí:: eu fizzo amizade fácil com elas lá... só porque eu num misturava as coisa... i aquilo ali Deus falava alto a todo momento no meu coração assim... que chegava a ponto deu emocioná de tá vivo... de tá conseguino alguma coisa... e aí quando foi a noite... eu jantei... **tomei banho**... tô por ali:: e aquelas mulheradas bebenu e tudo... as veis até tinha hora que dava vontade de gastá um pouco do dinheiro ((risos)) (FG, M, 30 a, 2003, p.14).

A partir dessas formas de superfície, podemos entender as relações que a construção-suporte estabelece na língua. Os construtos em destaque apresentam características formais do esquema cognitivo da construção-suporte. No entanto, na rede de relações, entre o esquema cognitivo e os construtos observados nas ocorrências, existem subesquemas de transitividade e uma microconstrução (um padrão intermediário parcialmente esquemático) com a forma verbal *tomar* cristalizado em parte da construção.

Em (17), a microconstrução em destaque atende ao subesquema de transitividade em oração transitiva indireta, porque um sintagma preposicionado (*do meu pai*) está deslocado para a primeira posição da sentença. Consideramos a transitividade como um fenômeno contextual, nesse sentido essa microconstrução também pode ser requisitada pelo falante para atender ao subesquema de intransitividade, como observado em (18). Portanto, uma representação apropriada dessas relações estabelecidas seria por intermédio de uma rede construcional, conforme esboçado a seguir:

Quadro 1: Rede construcional da construção-suporte com o verbo tomar cristalizado na construção.

REDE CONSTRUCIONAL DA CONSTRUÇÃO-SUPORTE	
ESQUEMA	CX: [VsSN]
SUBESQUEMAS	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> Construções Intransitivas CX: [SN + [VsSN]] </div> <div style="text-align: center;"> Construções Transitivas Indiretas CX: [SN + [VsSN] + SN] </div> </div>
MICROCONSTRUÇÃO (Types)	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> ↓ CX: [SN + [TomarSN]] </div> <div style="text-align: center;"> ↓ CX: [SN + [TomarSN] + SN] </div> </div>
CONSTRUTO (Tokens)	<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 45%;"> CX: [Tomar banho] [...] eu jantei... tomei banho... tô por ali::: e aquelas mulheradas bebendo e tudo... as veis até tinha hora que dava vontade de gastá um pouco do dinheiro ((risos)) (FG, M, 30 a, 2003, p.14). </div> <div style="width: 45%;"> CX: [Tomar tapa] [...] não... do meu pai eu nunca tomei um tapa... (FG, F, 65 a, 2003, p.05). </div> </div>

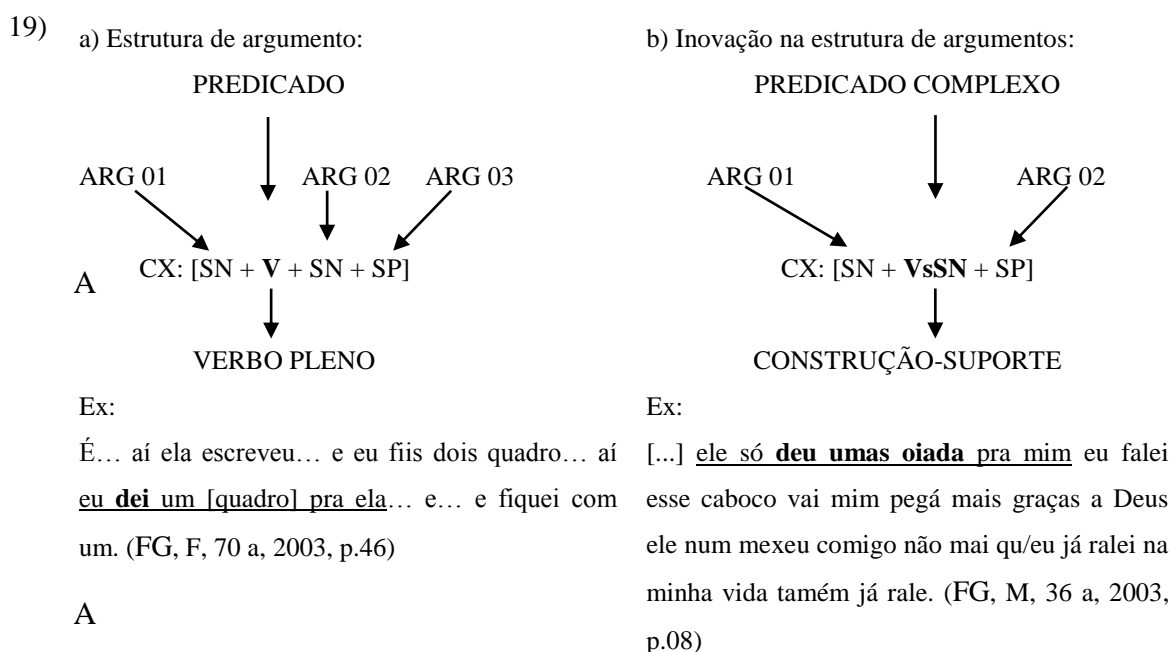
Fonte: Dados da presente pesquisa

Em relação ao esquema que ocupa o topo na rede representada, trata-se de um padrão muito produtivo e com baixa composicionalidade. É uma virtualidade que, devido ao seu grau de generalidade, instancia padrões construcionais nos outros níveis da rede.

O esquema da construção-suporte surge como uma inovação na estrutura oracional básica. Adotando uma proposta construcional, Goldberg (2006) esclarece que na estrutura argumental, o verbo estabelece uma relação com os seus argumentos a partir da representação sintático-semântica estabelecida pelas experiências cotidianas de uso linguístico.

Mesmo padrões básicos de frases de uma língua podem ser entendidos envolvendo construções. Ou seja, o verbo principal pode ser entendido como combinado com uma construção de estrutura de argumento (por exemplo, transitiva, intransitiva, ditransitiva etc.). A alternativa é assumir que a forma e a interpretação geral dos padrões básicos de sentenças de uma língua são determinadas por informações semânticas e / ou sintáticas especificadas pelo verbo principal. (GOLDBERG, 2006, p.06).

A frequência de uso de padrões básicos de estrutura argumental cria construções abstratas com significados próprios e independentes dos significados das palavras que compõem a construção. Essas construções codificam as situações experienciadas relacionadas, por exemplo, às noções de *transferência*, *movimento/deslocamento*, *estado* dentre outras. Para Goldberg (2006), as propriedades sintático-semânticas de um verbo organizam a estrutura de argumentos na predicação. Por esse motivo, consideramos que a construção-suporte surge como um padrão construcional inovador na relação do verbo e seus argumentos. Esse padrão é generalizado no PB em forma de uma construção mais complexa com função de predicado, como exemplificado adiante:



Em (19a), temos a estrutura argumental de uma construção com significado de transferência. Nessa estrutura, o verbo seleciona três argumentos, respectivamente, com função de *sujeito (agente)*, de *objeto direto (paciente)* e *objeto indireto (recebedor)* para a composição do *frame* predicativo. Por outro lado, em (19b), ocorre uma inovação na estrutura argumental, que resulta na modificação da função do argumento 02, pois ele passa a compor com o verbo um predicado mais complexo. Esse fato nos faz defender que a predicação é o macroesquema do qual deriva o esquema construcional suporte, e este, por sua vez, representa um padrão inovador na organização predicativa.

A consideração da organização linguística em redes de construções representa um princípio universal das línguas humanas, no sentido de que essa organização faz parte do

conhecimento linguístico compartilhado cognitivamente pelos falantes. E do reconhecimento de que as estruturas linguísticas estão vinculadas aos arranjos cognitivos localizados na mente dos falantes, que organizam os seus conhecimentos de modo integrado, estabelecendo relações por intermédio de processos cognitivos gerais, como a categorização e analogia.

Por esse motivo, as construções que fazem parte do inventário linguístico dos falantes são capturadas em forma de rede construcional, o que significa uma organização mental de relações hierárquicas e de herança. Por consequência, essas relações se caracterizam pela interdependência conceitual, estabelecida em graus, e que pode em termos categoriais ser representadas por membros mais centrais e outros mais distantes do significado mais prototípico no âmbito dos domínios cognitivos. No movimento de afastamento de conceitos centrais, novos *links* se formam na rede de construções cognitivas, ou seja, novos nós estão continuamente se estabelecendo no uso.

Capítulo 2

METODOLOGIA

Esta dissertação resulta da investigação que objetiva descrever a rede de relações da construção-suporte, os processos de mudança que envolve a formação e a expansão dessa construção na língua e os domínios cognitivos em que a construção-suporte opera.

Este trabalho é desenvolvido no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) da Universidade Estadual de Goiás, com valiosa contribuição do Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF) da Universidade Federal de Goiás (UFG), liderado pela Professora Doutora Vânia Cristina Casseb Galvão, que orienta este trabalho.

Nosso aporte teórico está fundamentado nos pressupostos da Gramática de construções (GCX) de vertente cognitiva de descrição e análise das construções linguísticas. Nesse sentido, compreendemos a construção-suporte como um pareamento convencionalizado entre forma e significado, que instancia outras construções na língua.

2.1 O *corpus* de pesquisa

O *corpus* dessa pesquisa consiste em entrevistas coletadas na cidade de Goiás pelo Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás (GEF-UFG), no Projeto “Fala Goiana” e do banco de dados do Grupo de Estudos “Discurso & Gramática” (D&G) com sede em três universidades: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Federal Fluminense (UFF). O D&G coletou entrevistas nas cidades de Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói, no ano de 1993.

A sistematização dos dados foi realizada a partir de parâmetros adotados pela Sociolinguística. No entanto, não corresponde ao nosso objetivo realizar um trabalho de cunho variável ou quantitativo, no sentido de identificar padrões variáveis e de mudança na fala de grupos sociais específicos. Os critérios de análise de pesquisas sociolinguísticas foram adotados para viabilizar e organizar o *corpus* em vista de sua extensão e a produtividade da construção-suporte no PB.

2.2 A seleção dos dados nos corpora

A seleção dos dados ocorreu de maneira diferenciada no banco de dados do Projeto Fala *Goiana* e no banco de dados do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, observado as características e os critérios adotados por cada iniciativa para a coleta de entrevista.

No Projeto Fala *Goiana*, o critério para seleção de informantes corresponde à escolha de moradores nascidos no Estado de Goiás que não se ausentaram da região por um período superior a 05 anos. O entendimento do grupo é que pessoas que não se ausentaram da região mantêm em algum grau o perfil linguístico da comunidade. A escolha de informantes com nível de formação educacional baixo é outro ponto considerado pelo grupo. Entende-se que pessoas com baixo nível de formação não sofram tanta pressão dos usos mais normativos da língua, o que favorece a coleta do falar popular menos contaminado pelos fatores de adequação ao padrão normativo. No quadro a seguir, estão expostos os critérios de coleta de dados nas entrevistas do banco de dados do Projeto “Fala *Goiana*”.

Quadro 2: Critério para entrevista do banco de dados do projeto Fala *Goiana*.

CRITÉRIOS PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA	
Sexo dos informantes:	- Masculino e Feminino.
Idade dos informantes:	- Entre 20 a 72 anos.
Nível de escolaridade:	- Informantes não alfabetizados; - Informantes com ensino fundamental completo; e - Informantes com ensino fundamental incompleto.
Nível de socioeconômico:	- Baixo

Fonte: Dados da presente pesquisa em observação aos critérios adotados pelo GEF no projeto Fala *Goiana*.

Em relação às perguntas das entrevistas, elas foram de temas variados, direcionados para as experiências de cada entrevistado, bem como para a história da região, buscando as memórias da população local que incidem na língua, constituindo a identidade linguística da população de Goiás. Privilegiou-se a fala informal, a de uso cotidiano, com baixo ou nenhum monitoramento pelo entrevistado com intuito de conseguir coletar a fala mais usual dos informantes. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas, compondo o *corpus* do projeto.

Para esse trabalho, buscamos realizar uma estratificação no banco de dados do Fala Goiana. Por isso, tornou-se necessário o estabelecimento de três faixas etárias exemplificadas na seguinte tabela:

Tabela 1: Estratificação do *corpus* do Fala Goiana por faixa etária.

ESTRATIFICAÇÃO	
Faixa etária 01:	18 – 29 anos
Faixa etária 02:	30 – 49 anos
Faixa etária 03:	50 ou mais.

Fonte: Dados da presente pesquisa.

As faixas etárias foram definidas de acordo com as possibilidades observadas no banco de dados do projeto do grupo de estudos funcionalistas da UFG. Vale ressaltar que o *corpus* do “Fala Goiana” é do início do século XXI, os inquéritos foram coletados no ano de 2003, portanto, todas as considerações desse trabalho em relação a esses dados correspondem àquele momento histórico, ou seja, àquela sincronia.

No tocante ao *corpus* do *Grupo de Estudos Discurso e Gramática*, apresentam-se características metodológicas de coleta de entrevistas diferentes do banco de dados de Goiás. Desse modo, os dados do D&G são formados por 20 inquéritos coletados nas cidades de Juiz de Fora, Rio Grande e Natal, 18 inquéritos coletados na cidade de Niterói e 93 inquéritos na cidade Rio de Janeiro.

Com relação às entrevistas, cada informante produziu cinco tipos de textos orais, que são: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. No quadro a seguir, estão expostos os critérios da coleta das entrevistas do banco de dados do D&G:

Quadro 3: Critério para entrevista do banco de dados do Grupo de Estudos Discurso & Gramática.

CRITÉRIOS PARA REALIZAÇÃO DE ENTREVISTA	
Sexo dos informantes:	- Masculino e Feminino.
Idade dos informantes:	- Entre 05 e acima de 23 anos.
Nível de escolaridade:	- Classe de alfabetização infantil - 4ª série do Ensino Fundamental - 8ª série do Ensino Fundamental - 3ª série do Ensino Médio - Último ano do Ensino Superior
Nível de socioeconômico:	- Variável

Fonte: Dados da presente pesquisa em observação aos critérios adotados descritos no *site* oficial do Discurso & Gramática (2019).

Relativamente a essa dissertação, a estratificação decorre do estabelecimento de uma faixa etária específica, a definição de um nível de escolaridade e a definição de um número de entrevistas por cidade. Para exemplificar, segue a tabela:

Tabela 2: Estratificação do *corpus* do Discurso & Gramática.

ESTRATIFICAÇÃO	
Faixa etária:	20 – 30 anos
Nível de escolaridade:	Último ano do Ensino Superior
Inquéritos por cidade:	01 masculino e 01 feminino

Fonte: Dados da presente pesquisa.

Adotamos essa organização diferenciada em cada *corpus* por considerar abrangente a análise e descrição da fala de grupos de diferentes faixas etárias, diferentes níveis de escolaridade, de diferentes condições socioeconômicas e de diversas regiões do país, o que favorece uma visão ampliada dos usos da construção-suporte no PB, em nossa opinião.

2.3 Critérios de análise

Para descrever a rede construcional da construção-suporte, suas propriedades construcionais e os domínios cognitivos em que essa construção opera no PB, definimos alguns critérios de análise. O primeiro critério de análise envolve a delimitação de formas de superfície da construção-suporte que se inserem em construções predicativas intransitivas e transitivas no pretérito do indicativo em *primeira, segunda e terceira pessoa do singular*. Esse critério se justifica pela característica de coleta de dados do Fala Goiana e do Grupo de Estudos Discurso & Gramática que buscam, em grande medida, registrar experiências pessoais dos informantes. As histórias relatadas geralmente se encontram em um momento anterior ao da fala, por esse motivo, definimos as orações no pretérito.

O segundo critério consiste na análise de padrões construcionais com formas de superfície com os verbos *fazer, dar, levar e tomar* na função suporte em microconstruções encontradas no PB. Esse recorte se torna necessário devido à extensão dos *corpora* e à produtividade do padrão suporte na língua.

Por fim, utilizamos dados não sistematizados coletados em redes sociais ou padrões construcionais empiricamente testadas no PB para descrição e análise de microconstruções ou padrões pré-fabricados que não foram localizadas nos *corpora* de pesquisa.

2.4 As perguntas de pesquisa

Algumas perguntas orientam a concepção e a execução da investigação. Como nosso interesse consiste na compreensão de aspectos formais e de aspectos do significado do uso da construção-suporte no PB, interessa saber:

- a) Qual é a configuração morfossintática da construção-suporte prototípica?
- b) Em qual (is) configuração (ões) morfossintática (s) a construção-suporte se organiza?
- c) Atentando para os dados coletados, todos os construtos da construção-suporte podem ser parafraseados por construções com um verbo pleno, ou seja, há uma microconstrução correspondente equivalente construída em torno de um verbo pleno?
- d) Em caso negativo, como se explica essa não equivalência, levando em consideração aspectos sintáticos, semânticos, cognitivos e pragmáticos dos usos que elas constituem e os fatores construcionais gerais como produtividade, esquematicidade e composicionalidade? Podem-se fazer generalizações a esse respeito?

e) Tendo em vista que a construção-suporte apresenta certo grau de entrincheiramento inerente, como esse entrincheiramento pode ser compreendido em termos de grau de dessemantização e de metaforização?

Relativamente à primeira pergunta de pesquisa, ela decorre da compreensão de que no âmbito da categoria suporte existe um membro central, prototípico, que serve como instância para outros padrões construcionais na categoria.

Sobre a segunda pergunta de pesquisa, ela decorre do entendimento de que mudanças podem ocorrer em aspectos da forma e do significado da construção-suporte, o que firma na língua padrões construcionais com configurações morfossintáticas diferentes da configuração observada no padrão mais prototípico da categoria.

Quanto à terceira pergunta de pesquisa, ela vem ao encontro da afirmação recorrente de que construções com verbo-suporte têm frequentemente uma construção equivalente representada por verbo pleno. No entanto, compreendemos que essa construção não é apenas uma opção estrutural, mas um padrão predicativo funcionalmente relevante, cujas microconstruções podem instanciar diferentes graus de gramaticalização e entrincheiramento, o que pode estar intimamente relacionado com a possibilidade de que, em alguns contextos de uso, determinadas formas de superfície da construção-suporte não podem ser parafraseadas por uma construção com um verbo pleno.

Com referência a quarta pergunta de pesquisa, ela está relacionada aos aspectos pragmático-discursivos que podem afetar a configuração estrutural das formas de superfície da construção-suporte, o que ocasiona mudança nas propriedades construcionais e a incompatibilidade, em alguns casos, em se promover paráfrases com verbos plenos.

Finalmente, tendo em vista que a construção-suporte apresenta certo grau de entrincheiramento inerente, compreendemos que processos cognitivos, como a analogia, e a frequência de uso favorecem a metaforização de construções-suporte.

Essas perguntas orientam nosso trabalho e estão atreladas a algumas hipóteses, apresentadas a seguir.

2.5 hipóteses

Como hipótese principal dessa pesquisa, consideramos que a construção-suporte consiste em um esquema cognitivo formado a partir do macroesquema da predicação, o qual instancia outras construções na rede de relações construcionais. A construção-suporte prototípica tem força predicativa e apresenta em sua configuração morfossintática um verbo

com função suporte e um sintagma nominal. Muito frequentemente, essa construção pode ser parafraseada por um verbo pleno. A não possibilidade de paráfrase decorre provavelmente de fatores discursivos e pragmáticos, haja vista que a construção-suporte é muito requisitada na língua em contextos pragmático-discursivos específicos, possibilitando o alcance de efeitos de sentido que não seriam possíveis com o uso da construção com o verbo pleno.

No tocante à categoria suporte, entendemos que existem membros menos centrais, que podem apresentar diferenças na forma ou no significado em relação à construção prototípica. Desta maneira, o padrão suporte, em princípio, pode se organizar em diferentes configurações morfossintáticas, as quais podem representar diferentes domínios cognitivos.

Em relação ao grau de dessemantização e de metaforização, a hipótese sugerida por nós consiste na ideia de que padrões construcionais representados como instâncias do esquema abstrato da construção-suporte podem apresentar diferentes graus de metaforização e de dessemantização. Sendo assim, as construções que ocupam os níveis mais baixos da rede construcional (microconstruções e construtos) estão sujeitas a metaforização pela transferência entre domínios cognitivos, que é motivada por aspectos pragmático-discursivos e processos cognitivos de domínios gerais.

Na próxima seção, buscaremos realizar a análise dos dados coletado nos *corpora*, no intuito de responder às perguntas de pesquisa e testar as hipóteses suscitadas.

Capítulo 3

ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo, descreveremos a construção-suporte, seu processo de formação, sua rede de relações construcionais e os domínios cognitivos em que opera. Para isso, recorreremos aos postulados da GCX, conforme especificado nos capítulos anteriores.

3.1 A construção-suporte

Como afirmamos no decorrer desta dissertação, a construção-suporte consiste em um esquema cognitivo abstrato. Trata-se de uma generalização categorizada pelos falantes por intermédio de inovações na língua no nível do predicado. Neves (2011) explica que a construção-suporte, prototípica, compõe-se de um verbo, com determinada natureza semântica básica e com função de natureza gramatical na construção do predicado, e um sintagma nominal, que compõe com o verbo o sentido da construção como um todo.

Esse arranjo construcional corresponde a um esquema cognitivo rotinizado na língua como uma unidade lexical complexa. Isso, porque a frequência de uso na predicação leva ao entrenchamento cognitivo desses elementos na configuração oracional básica. As mudanças no nível da predicação ocorrem gradualmente, possibilitando o surgimento da construção-suporte como uma categoria na língua.

Ao estabelecer esse padrão esquemático, ou seja, após o processo de reanálise e da convencionalização, a construção-suporte perde composicionalidade e começa a instanciar subesquemas de transitividade, microconstruções e construtos na língua, em razão de seu *status* hierárquico. Essas instâncias herdam do esquema cognitivo da predicação características semânticas e formais.

3.2 Processos formadores da construção-suporte a partir do macroesquema da predicação

A natureza dinâmica da língua faz com que o falante tenha à sua disposição um sistema organizado a partir de um conjunto de regularidades ao qual identificamos como a gramática da língua. Nessa perspectiva, as regularidades são categorizações associadas aos padrões de uso de esquemas abstratos que organizam o sistema linguístico. Além disso, esses

esquemas abstratos facilitam a comunicação, porque são exemplares disponíveis para a estruturação do discurso.

Em contrapartida, as categorias gramaticais não são consideradas rígidas, o que significa que a gramática é maleável e sofre pressão do uso. De maneira que os falantes negociam significados para atender necessidades comunicativas que motivam mudanças na língua (NEVES, 2018). A mudança ocorre no âmbito das construções e acontece de maneira gradiente, ligada a contextos de comunicação e aos processos cognitivos (BYBEE, 2010).

Conseqüentemente, a mudança corresponde ao fator principal para o surgimento de novas construções na língua. Nesse sentido, a constituição do padrão suporte como uma categoria decorre de mudanças no nível da predicação. Por essa razão, a mudança consiste em uma reanálise, fruto da criatividade humana e da capacidade cognitiva de realizar analogias e categorizações de padrões construcionais com base em padrões previamente conhecidos. Trata-se de um processo no eixo sintagmático, que reorganiza os padrões construcionais através da reinterpretação dos elementos das construções (CEZARIO, 2012), conforme observado nas seguintes ocorrências:

- 20) [...] tô aí levano a vida e pretendo melhorar mais né? cada dia mais estudei muito pôco porque eu mesmo quis né? assim foi uma coisa assim meus pais es num tinha condição de mim dá e toda vida [meus pais] mim **deram livro** mim deram caderno tudo mais porque a partir do momento qu/eu comecei a namorá eu larguei né? de estudá pra namorá e logo a gente namorô a gente... a gente namorô quase um ano aí depois a gente ficô noivo né? aí marcô o casamento logo. (FG, F, 33 a, 2003, p.06).
- 21) **Deu um chute** nele... tava vino da rua... já era um... já era tarde assim da noite sabe? pegô o dinheiro dele... esses tempo pra trais pegô meu tii... bateu no meu tii... quase matô meu tii (FG, F, 28 a, 2003, p.17).

Em (20), os elementos da oração estão distribuídos no eixo sintagmático no contexto de transitividade no qual o verbo (dar) apresenta uma relação semântica de transferência com um objeto direto (livros) na construção da predicação. No entanto, em decorrência da capacidade cognitiva de reanálise de elementos da construção, o falante reorganiza o padrão construcional em nível morfossintático para a formação de um predicado mais complexo representado pela construção-suporte, como observado em (21).

A construção-suporte prototípica apresenta um padrão cognitivo bem definido, com um verbo dessemantizado ligado a um elemento nominal que desempenha a função de núcleo

informativa da construção (informação verbal) ⁵. A partir da sua convencionalização, a construção-suporte é generalizada em um esquema abstrato rotinizado na mente dos falantes, com uma posição hierárquica superior na rede de relações construcionais, haja vista que promove a instanciação de outras construções na língua.

No que se refere ao grau de prototipia desse esquema, de acordo com Neves (2011, p.53), “os verbos-suporte são verbos de significado bastante esvaziado que forma, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem outro verbo da língua”. Essa definição revela o esquema da construção-suporte prototípica que é cognitivamente entrincheirado pelos falantes. Alguns processos parecem estar ligados à formação dessa construção a partir do macroesquema da predicação na língua, como o *chunk*, a dessemantização e a decategorização.

3.2.1 Dessemantização e decategorização

Na formação da construção-suporte, inovações ocorrem no significado de itens da construção predicativa prototípica, o que leva a duas mudanças construcionais: a *dessemantização do verbo* e a *decategorização do complemento nominal* com função de objeto direto. De acordo com Martelotta (2011), a dessemantização se caracteriza pela perda do valor representacional do item, visto que ocorre um esvaziamento semântico, geralmente relacionado ao processo de gramaticalização.

As construções de predicado com verbo auxiliar e com verbo-suporte são consequências dessa gramaticalização. A construção-suporte, especificamente, além de sustentar o sintagma nominal na constituição do predicado, comporta função de auxiliaridade. Isso fica mais evidente com a análise das seguintes ocorrências:

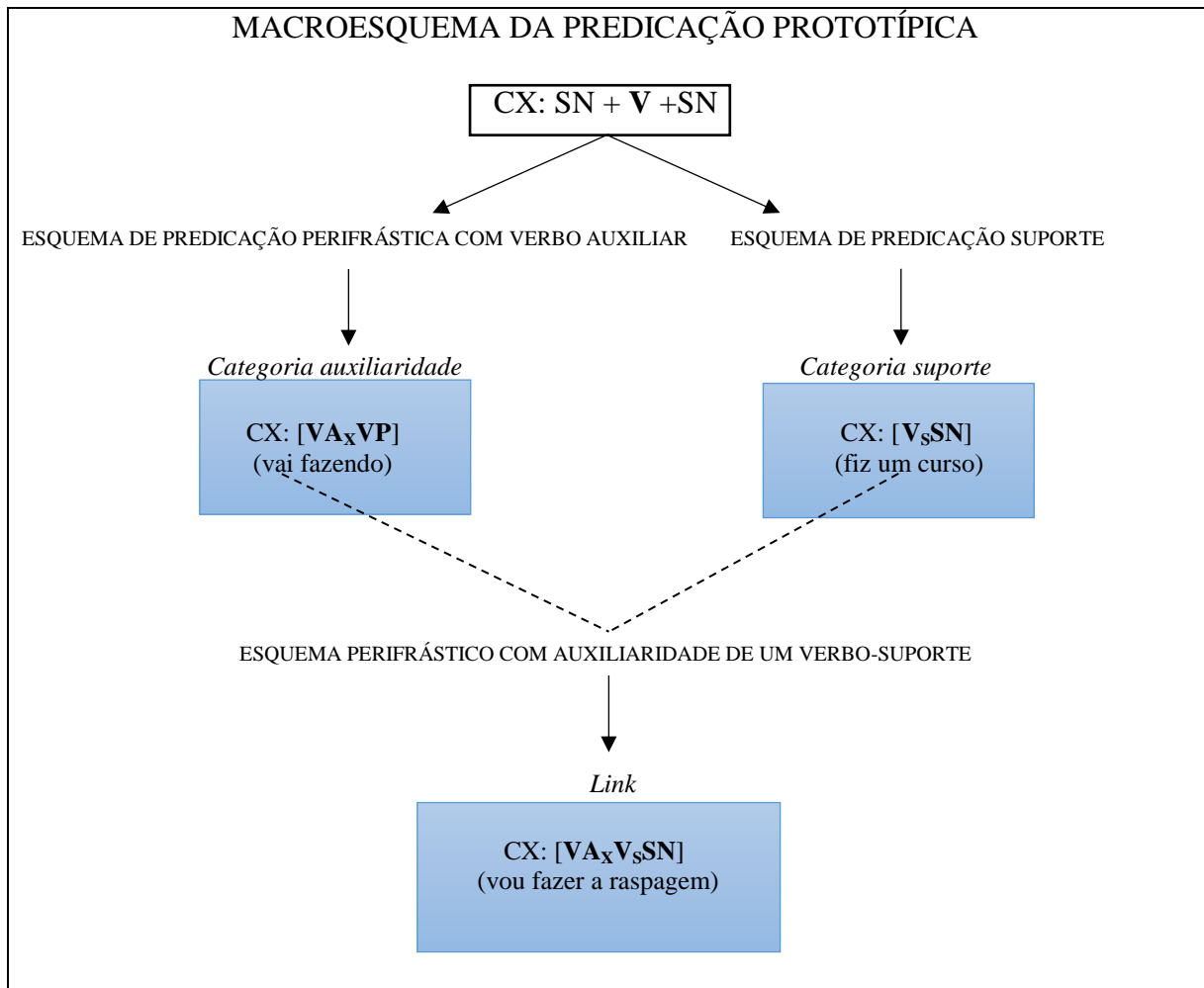
- 22) [...] É... tipo abriro uma massa... aí põe... na forma aí:: espera ela ficá mei durinha... vira a forma tira ela... aí cê apara a emenda... tira aquele pedaço né? que fica... num fica certim... imenda passa sabugo... passa colo... [...] pra num rachá e **vai fazeno**... tudo na mão... manual (FG, F, 28 a, 2003, p.18).
- 23) [...] depois voltamus pra pra Goiania... ondi:: meus irmãos si formAram i eu terminei eh::eu fiz até a sétima séri...**Fiz um cursu** di/quandu fazia a sétima séri fiz um cursu di informática nu SENA::/nu SENAC... i um cursu di interrelações pessoais nu trabalho. (FG, F, 29 a, 2003, p.02).

⁵ Fala da Professora Doutora Vânia Casseb Galvão no encontro do Grupo de Estudos Funcionalista (GEF) na Universidade Federal de Goiás (UFG), em junho 2020.

- 24) [...] Deus eu te ponho na mão... nas suas mãos... seja o que Deus quiser... ai fui... pro hospital de queimadura... ai cheguei lá... o pessoal... o médico não queria fazer não... ai tinha um lá que falo... não pode por ela pra dentro que eu **vou fazer a raspagem** dela... terceiro grau... (FG, F, 40 a, 2003, p.16).

Em (22), o esquema construcional predicativo corresponde a uma construção perifrástica, constituída a partir de um verbo auxiliar e de um verbo em forma nominal. Já em (23), observa-se o esquema cognitivo da construção-suporte prototípica. Em contrapartida, em (24) o predicado mostra bem a diferença entre a funcionalidade do verbo na construção suporte e no esquema de auxiliaridade, uma vez que ambas as representações estão no mesmo ambiente, ou seja, na representação do predicado em (24), há um auxiliar morfossintático, um verbo-suporte e o nome que representa a informação semântica mais relevante. Em (24), há uma elaboração mais complexa de predicado, que demonstra um contexto construcional em que o elemento verbal auxilia um esquema suporte no uso e codifica a noção de tempo futuro e aspecto que designa início de um evento (raspar). Na figura a seguir, descrevemos no formato de rede essas relações funcionais:

Figura 5: Rede de relações construcionais.



Fonte: Dados da presente pesquisa

Na constituição da construção-suporte, além da dessemantização do verbo, ocorre a decategorização do complemento nominal da construção predicativa. De acordo com Martelotta (2011), a decategorização é a mudança de classe gramatical de um item. Desse modo, o complemento direto da construção predicativa deixa de representar participantes no discurso (GONÇALVES; CARVALHO, 2007) e atua como centro informacional na construção-suporte.

3.2.1 *Chunking da construção-suporte*

Em termos construcionais, no *chunking*, ocorre o entrincheiramento cognitivo de elementos estruturais na língua, o que cria construções formuláicas. Esse processo faz que a construção-suporte se desenvolva gradualmente na formação de uma unidade conceptual

representada por uma estrutura formal complexa. Trata-se de um novo nó na rede de relações construcionais, isto é, um acordo simbólico estabelecido entre os falantes que convencionalizam esse padrão cognitivo no uso.

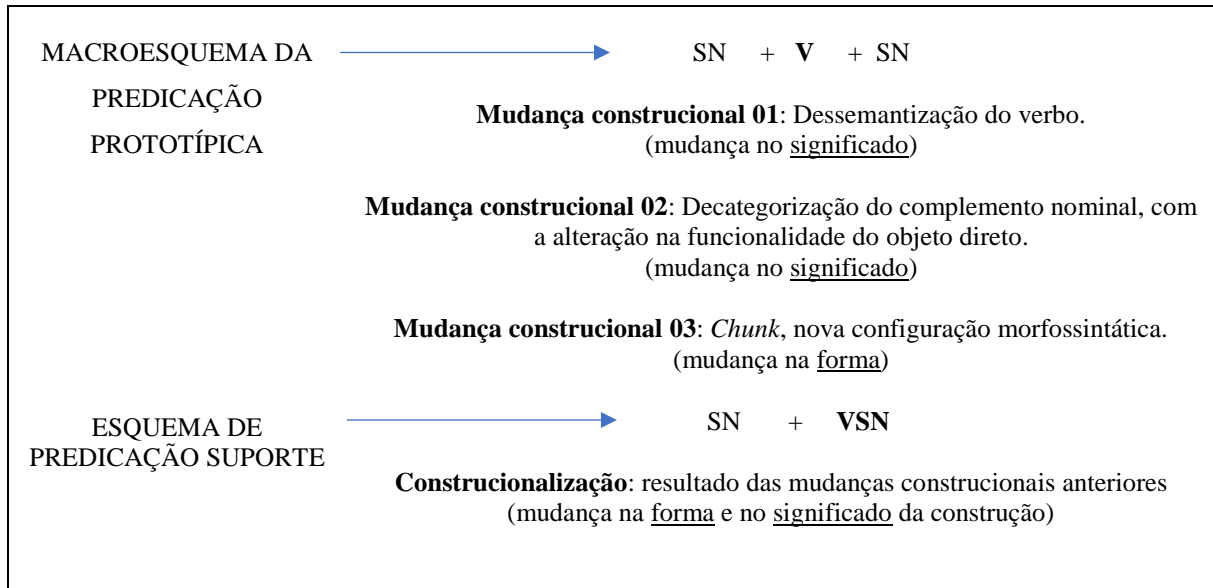
Na constituição da construção-suporte, a frequência em que o verbo e o seu complemento aparecem sequencialmente na predicação favorece o entrincheiramento cognitivo desses elementos na língua. Isso proporciona uma previsibilidade do padrão construcional, que passa a funcionar como um esquema para outras construções.

3.2.3 O processo de mudança a partir da estrutura predicativa

Os verbos ocupam função central na predicação, pois a partir de suas relações sintático-semânticas, um conjunto de argumentos é requisitado para a estruturação da predicação (GOLDBERG, 2006). A frequência de uso, nesse contexto, favorece o processo de mudança nas construções predicativas. O processo de mudança de uma construção, em muitos casos, corresponde ao processo de formação dos padrões construcionais. Aqui, tratamos a mudança como um processo, porque entendemos que, na maioria dos casos, ela não acontece de maneira abrupta, mas, de modo gradual. A construção-suporte, por exemplo, resulta de pequenos estágios de mudanças em nível da predicação, até chegar ao *status* de uma categoria na língua, o que é demonstrado, por exemplo, pela polissemia de determinadas construções.

Para Martelotta (2011), a mudança ocorre pela generalização de contextos e surge de um ato individual (inovação) e vai se estendendo para outros falantes até se convencionalizar na comunidade de fala ou cair em desuso. A mudança ocorre então em decorrência da modificação do componente discursivo-pragmático, que estende o significado de elementos de uma construção para novos contextos de uso.

Dessa maneira, a mudança construcional na funcionalidade do verbo (dessemantização), a mudança construcional na funcionalidade do complemento (decategorização) e o processo cognitivo *chunking* auxiliam na constituição de uma forma complexa de organização do predicado, isto é, formou-se um novo nó na rede predicativa. No quadro a seguir, exemplificamos esse processo:

Quadro 4: Processo de formação da construção-suporte.

Fonte: Dados da presente pesquisa

Com o processo de mudança, exemplificado no quadro (4), fica evidente que um item lexical complexo surge de uma relação sintático-semântica entre elementos da oração (o verbo e o objeto direto). O processo de mudança em nível da predicação motivada por processos cognitivos gerais formou a categoria suporte.

3.3 Categoria suporte

Como já discutido nessa dissertação, a construção-suporte prototípica corresponde a um verbo com função suporte e um núcleo nominal que funciona como centro informacional da construção. Tendo em vista que não são todas as construções que formam categorias na língua, no caso da construção-suporte, o esquema construcional prototípico [VsSN] corresponde ao membro central da categoria suporte, pois instancia outros padrões construcionais menos centrais que apresentam mudanças em componentes da forma ou do significado da construção prototípica, mas, que também herdam do esquema aspectos construcionais que os qualificam como membros da categoria suporte.

3.3.1 O subesquema prototípico

A construção-suporte apresenta em sua rede de relações construcionais dois subesquemas de transitividade. Portanto, essa construção pode codificar linguisticamente

frames predicativos representados por orações em contexto de transitividade indireta ou de intransitividade, como apresentado a seguir:

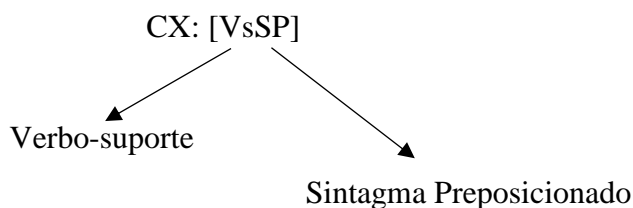
25) [...] Uma vez **deu uma chuva** forte rapaz (FG, M, 25 a, 2003, p.03).

26) [...] eu **fiz amizade com uma menina** lá... (FG, F, 40 a, 2003, p.13).

Na ocorrência em (25), o subesquema de transitividade atende a uma oração intransitiva, pois semanticamente não se pode inferir a noção de transferência no contexto pragmático-discursivo. No entanto, essa noção se materializa na ocorrência em (26), porque a construção-suporte requisita um participante, representado por um sintagma preposicionado, para compor a estrutura de argumentos na predicação. Consideramos que o subesquema prototípico da construção-suporte seja o subesquema de intransitividade, pois o empacotamento cognitivo de elementos no macroesquema da predicação altera as relações sintático-semânticas, o que interrompe a noção de transferência entre os elementos entrincheirados.

3.3.2 Configuração morfossintática da construção-suporte

Em consequência da frequência de uso da construção-suporte e de processos cognitivos como a analogia, outros esquemas podem surgir como membros menos centrais na categoria. É o caso do esquema suporte a seguir, que apresenta uma configuração morfossintática diferente da construção-suporte prototípica:



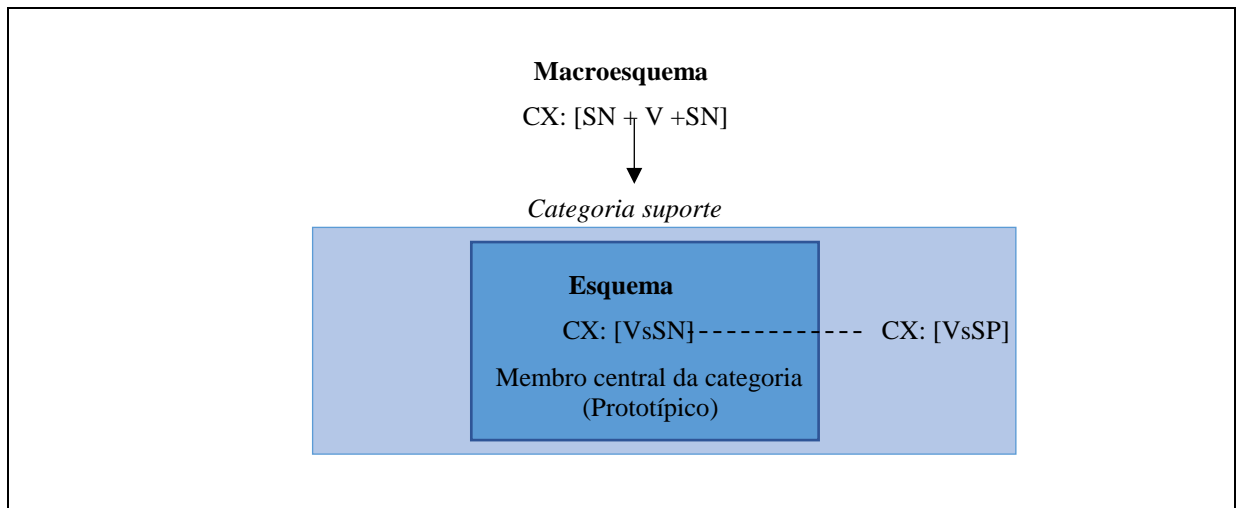
Nesse esquema, a configuração morfossintática corresponde ao entrincheiramento de um verbo com função suporte e um sintagma preposicionado na composição do predicado. Essa construção menos central surge na língua por analogia ao padrão mais prototípico e, por isso, algumas construções não encontradas no *corpus*, mas que são empiricamente atestadas como [Ficar de pé] e [Ficar de olho] seguem esse esquema construcional. Realizamos, a

seguir, a testagem de sentenças em que essa construção ocorre, para exemplificar a instanciação desse padrão cognitivo:

- 27) a. O estudante *ficou de pé* para responder à pergunta do professor.
 b. O estudante *levantou-se* para responder à pergunta do professor.
- 28) a. O professor *ficou de olho* enquanto os estudantes faziam a prova.
 b. O professor *observava* enquanto os estudantes faziam a prova.

Nas sentenças (27a) e (28a), observamos a instanciação no uso do esquema menos central da categoria da construção-suporte. Em (27b) e (28b), temos a paráfrase das orações com o uso de verbos plenos com aplicação nos mesmos contextos de uso. Visto isso, em virtude de processos cognitivos, podem dizer que ocorrem mudanças na forma da construção, o que possibilita a extensão categorial, com o surgimento de membros menos centrais na categoria suporte. Desta maneira, a construção-suporte pode se organizar nas duas configurações morfossintáticas apresentadas no esquema a seguir com diferenças no grau de prototipia.

Figura 6: Categoria suporte.



Fonte: Dados da presente pesquisa

Na figura (6), o retângulo mais claro representa a categoria suporte, enquanto o retângulo central mais escuro delimita a centralidade do membro mais prototípico da categoria. A constituição desses esquemas diz respeito aos arranjos cognitivos que o falante convencionaliza na elaboração do seu discurso. Em razão de processos cognitivos como a

analogia, o processo de mudança pode continuar após a construcionalização, como vimos no esquema anterior, o que determina o surgimento de instâncias da construção-suporte na rede de relações construcionais.

3.4 Rede da construção-suporte

A noção de rede construcional se origina da concepção de língua com um inventário de construções linguísticas, que se inter-relacionam pelos princípios da hierarquia e da herança (BYBEE, 2010). A construção-suporte consiste em um esquema hierarquizado, devido ao seu elevado grau de generalização, enquanto suas instâncias são padrões mais específicos na rede construcional.

A rede de relações construcionais caracteriza as associações entre construções linguísticas, pois o falante categoriza padrões cognitivos na língua com base na captura de generalizações dos esquemas mais hierarquizados. As redes servem para organizar a estrutura de conhecimento linguístico, emparelhando padrões que estabeleçam alguma relação construcional.

A descrição da rede da construção-suporte parte do macroesquema da predicação, pois essa construção surge como uma inovação na estrutura oracional básica. A construção-suporte consiste em um esquema, dado que corresponde a uma construção cognitiva sem especificidade formal. O esquema suporte instancia outras construções na rede com base em suas generalidades e essas instâncias construcionais surgem da necessidade de representação das coisas no mundo e se estabelecem no uso, ou seja, nos processos comunicativos.

Em decorrência da natureza dinâmica da língua, o uso linguístico gera pressões que desencadeiam mudanças nas construções. Por causa disso, o esquema da construção-suporte pode sofrer modificação no plano da forma ou do significado, o que explica o surgimento de instâncias construcionais. Desta maneira, existem no sistema linguístico subesquemas de transitividade, microconstruções e construtos que apresentam filiação com o esquema cognitivo da construção-suporte. Estes padrões construcionais estão organizados em rede pelo grau de hierarquia.

3.4.1 Os subesquemas

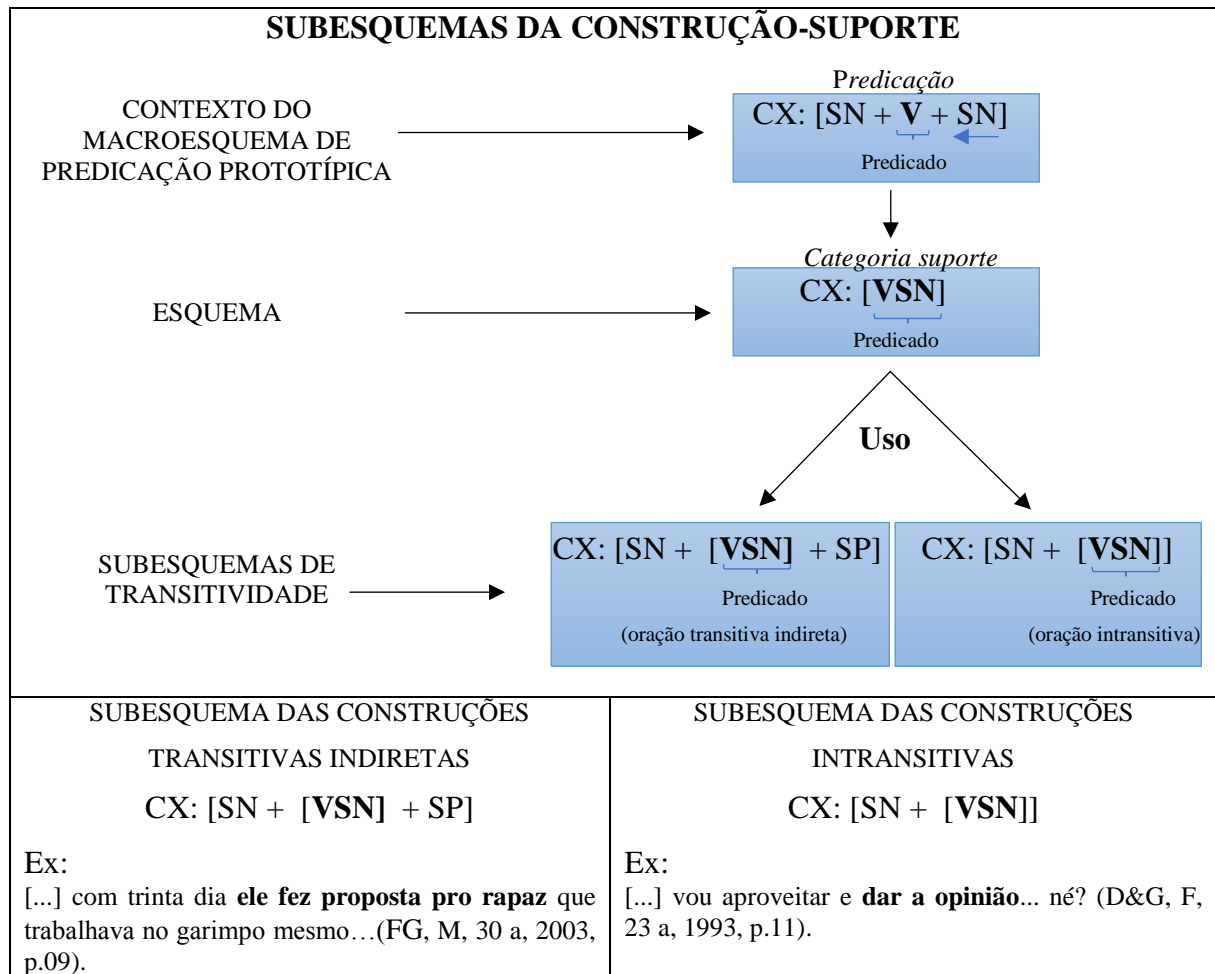
A construção-suporte se insere no macroesquema da predicação e se desenvolve a partir do contexto de construções transitivas. Essa construção instancia subesquemas de

transitividade no uso. Isso significa que, no nível dos subesquemas, ocorre uma maior especificação do significado dentro da predicação, o que possibilita o uso da construção-suporte em contextos de intransitividade ou de transitividade indireta. As seguintes ocorrências evidenciam esses usos:

- 29) [...] Não... porque uai nem:: nem Á nem NÁ né... ela fica lá... ele ajudou ela muito sabe... depois na hora que ele mais precisava que ele **fez cirurgia do coração**... quando ele mais precisava dela... ela... abandono ele... agora volto de novo... ai... peguei e falei pra ele esses dia... falei assim... uai pai... porque disse que as filhas dela vai casar ... falei uai cê vai ficá aqui sozim... ela vai fica lá sozinha... entaum vai morar os dois junto... (FG, F, 40 a, 2003, p.04).
- 30) [...] tirano o pai dele o resto de todo mundu... ele gosta di todo mundu mais é porque o pai dele não **deu um carim** não deu atenção na hora certa né... só qué manda (FG, F, 33 a, 2003, P. 15).

Nas ocorrências, dois subesquemas de transitividade ficam evidentes. Em (29), a construção-suporte atende ao uso em orações transitivas indiretas, uma vez que o significado da construção requisita um participante na cena predicativa que é representado por um sintagma preposicionado (do coração). No entanto, se considerarmos a Gramática Tradicional, em (30), a construção em destaque seria também interpretada como uma oração transitiva. Nesse caso, todavia a construção-suporte atende ao uso em orações intransitivas, pois o verbo suporte e o sintagma nominal são conceptualizados de maneira conjunta na constituição de um predicado que não requer, semanticamente, nenhum complemento na predicação. No quadro a seguir, exemplificaremos o processo de mudança da construção-suporte e a constituição dos subesquemas de transitividade:

Quadro 5: Subesquemas da construção-suporte.



Fonte: Dados da presente pesquisa.

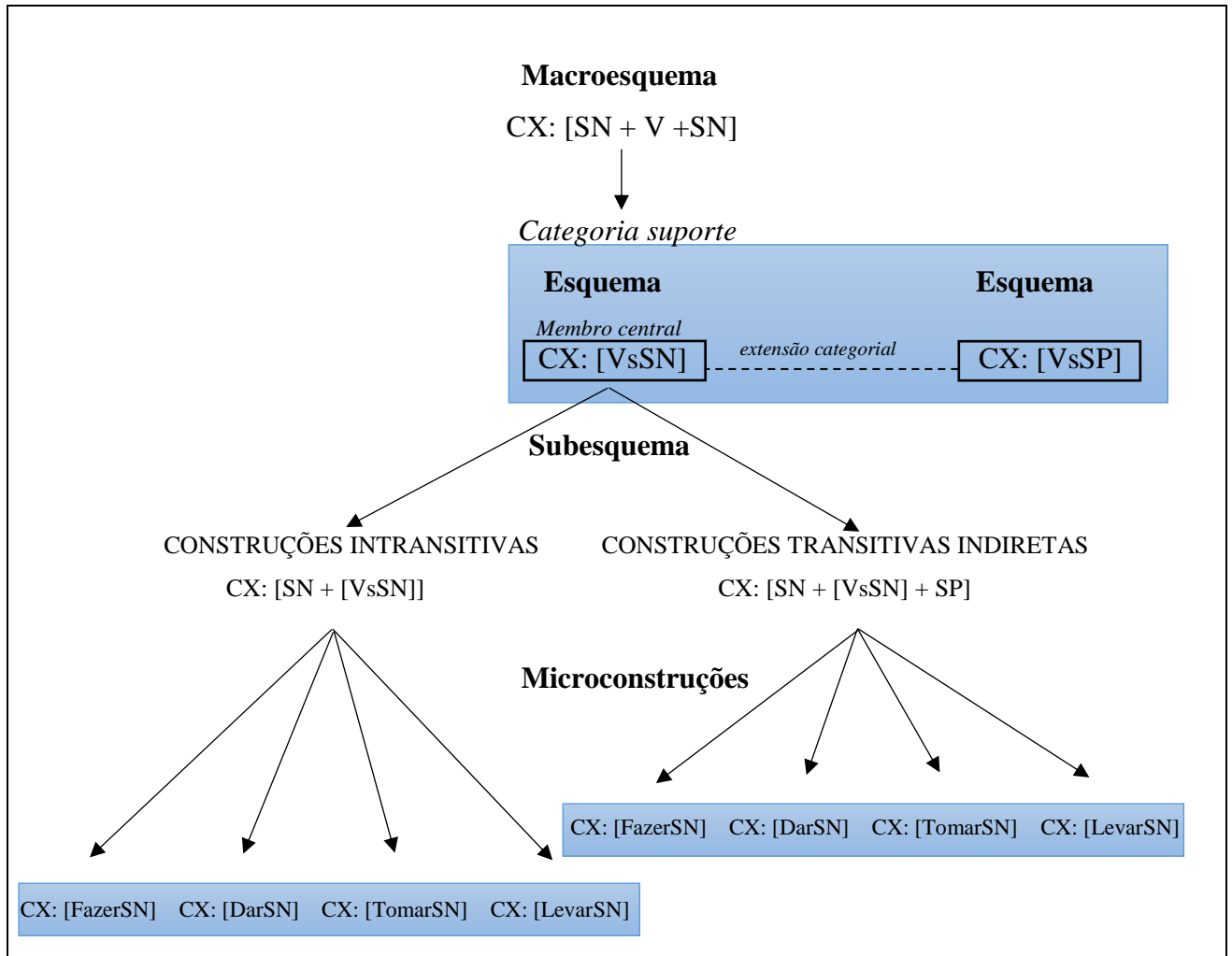
A descrição no quadro (5) revela que o esquema suporte decorre do macroesquema de predicação e, em termos da funcionalidade, a construção-suporte atende a dois subesquemas de transitividade. Em virtude de seu contexto de formação, a construção-suporte não opera em contextos de transitividade direta. Visto que o *chunk* formador da construção entrincheirou cognitivamente o elemento verbal e o complemento nominal direto da construção predicativa. Por isso, o uso da construção-suporte em orações transitivas diretas fica impossibilitado.

3.4.2 As microconstruções

Em um nível mais baixo na rede de relações construcionais, a construção-suporte sanciona microconstruções. Esses padrões construcionais herdam características dos níveis superiores (esquema e subesquemas). Por isso, as microconstruções apresentam princípios

formais da construção-suporte e componentes do significado dos subsquemas de transitividade aos quais estão subjugadas. As microconstruções apresentam maior especificidade formal. Portanto, um elemento verbal com função suporte é cristalizado na construção. Na figura a seguir, demonstraremos essa relação hierárquica na rede de relações da construção-suporte:

Figura 7: Rede da construção-suporte.



Fonte: Dados da presente pesquisa.

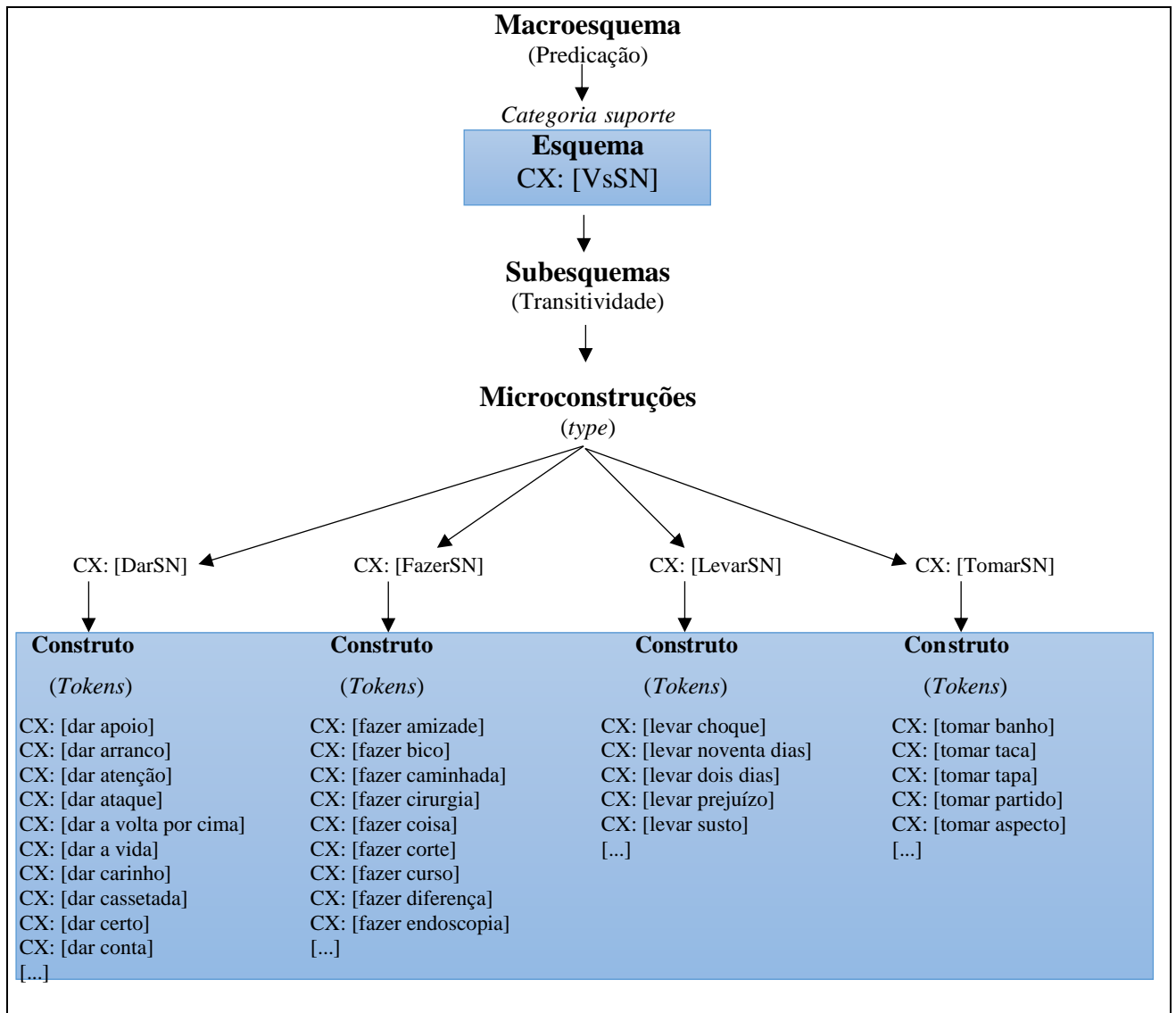
As microconstruções são tipos de padrões construcionais pré-fabricados. Elas são produtivas no PB, porque apresentam *slots* abertos na estrutura, o que possibilita o aumento da frequência *type* na língua. Nesse nível da rede, fica claro a extensibilidade da construção-suporte. Para Minsky (1974), cada *slot* de uma construção deve ser preenchido com dados mais especificados formalmente. Desta maneira, o preenchimento do *slot* de uma

microconstrução representa uma ocorrência individual em contexto específico no uso – um *construto*.

3.4.3 Os construtos

Os *tokens* surgem da mudança construcional no elemento não cristalizado da microconstrução. Eles são formas de superfície, ou seja, construtos que são especificados no pareamento forma e significado e estão mais expostos às pressões da frequência de uso e, por isso, estão mais suscetíveis ao processo de mudança linguística. Na figura a seguir, verificaremos a posição dos *tokens* na base da rede de construções:

Figura 8: Construtos da construção-suporte.



Fonte: Dados da presente pesquisa.

Observa-se na figura anterior que há um conjunto muito produtivo de construtos na língua em decorrência de expressões formuladas com base no esquema da construção-suporte. Seria impossível para nós quantificar os construtos. Por isso, realizamos um recorte, como explicado na metodologia de pesquisa, e utilizamos apenas microconstruções com os verbos *dar*, *fazer*, *tomar* e *levar* com função suporte. Mesmo assim, é impossível relacionar na figura todas as ocorrências *tokens* desse padrão devido à alta produtividade da construção.

A rede reflete a estrutura cognitiva humana, conforme os conhecimentos são associados no cérebro por intermédio de conexões neurais, os conceitos e formas linguísticas também são inter-relacionados cognitivamente, o que favorece o conhecimento enciclopédico dos falantes. Deste modo, o conhecimento sobre *cachorro* está relacionado aos conceitos de *animal*, *mamífero*, *quadrúpede* etc. Para Langacker (2008), o conhecimento enciclopédico pressupõe que os significados das construções não são fixos, mas, flexíveis e inter-relacionados aos domínios de experiências. Posto que a estrutura cognitiva da linguagem esteja mais voltada ao mundo “conexionista” de redes neurais, que compreende a um sistema dinâmico, com processamento paralelo de conceitos e de representações distribuídas. O conjunto de construções associadas ao padrão construcional suporte demonstra sua produtividade e seu uso no PB.

3.4.5 Produtividade da construção-suporte

A construção-suporte consiste em uma generalização da qual decorrem outros padrões de nível mais baixo na rede. Cada um desses padrões, na forma de subesquemas de transitividade e de microconstruções, obedecerá a regras de formação do padrão de uso mais esquemático. Por consequência, a construção-suporte é um padrão muito produtivo na língua.

Como explicamos, a construção-suporte sanciona outros padrões construcionais por sua posição hierárquica. Assim, essa construção apresenta um conjunto de expressões associadas que podem ser verificadas pela frequência *type* e *token*. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), quando uma construção surge na língua, ela normalmente se espalha e aumenta gradualmente sua frequência ao longo do tempo. Desse modo, os falantes rotinizam o padrão construcional e suas instâncias.

A frequência *type* equivale ao número de expressões diferentes que uma construção instancia. Por outro lado, a frequência *token* representa o número de vezes que uma determinada instância individual ocorre em contexto específico no uso. Consequentemente, a produtividade de uma construção se relaciona à análise das frequências *type* e *token*. No

quadro a seguir, relacionamos os *types* encontrados no *corpus* e especificamos os *tokens* para demonstrar os usos da construção-suporte. Dessa maneira, o número de microconstruções revela a produtividade da construção-suporte no PB:

Quadro 6: Frequência *Type* e *Token* da microconstrução CX: [DarSN] no *corpus* do Fala Goiana.

MICROCONSTRUÇÃO CX: [DarSN]		
FREQUÊNCIA <i>TYPE</i>	FREQUÊNCIA <i>TOKEN</i>	OCORRÊNCIAS
CX: [DarSN]	CX: [Dar apoio]	[...] eu dei apoio ... quer ficar com ela... fica...(FG, F, 40 a, 2003, p.20).
	CX: [Dar arranco]	[...] ele deu o arranco nu... nu guicho...(FG, M, 30 a, 2003, p.14).
	CX: [Dar atenção]	[...] ele num tá te dando atenção no momentu certo (FG, F, 33 a, 2003, p.15).
	CX: [Dar ataque]	[...] eu dei um ataque de nervo (FG, F, 33 a, 2003, p.10).
	CX: [Dar a volta por cima]	[...] Ele num... num deu a vorta por cima não... (FG, M, 30 a, 2003, p.03).
	CX: [Dar a vida]	[...] eu era capaz de dar a minha vida por ele. (FG, F, 33 a, 2003, p.02).
	CX: [Dar carinho]	[...] O pai dele não deu um carim (FG, F, 33 a, 2003, p.15).
	CX: [Dar cassetada]	[...] caboco foi mim deu uma cassetada na minha perna (FG, M, 38 a, p.22).
	CX: [Dar certo]	[...] a sociedade tamém num deu certo nada... (FG, M, 30 a, 2003, p.16).
	CX: [Dar conta]	[...] eu dei conta de cantá ela lá (FG, M, 72 a, 2003, p.14)
	CX: [Dar conselho]	[...] o Monsenhor vêi cá me deu muito conselho ... (FG, F, 65 a, 2003, p.8)
	CX: [Dar controlada]	[...] aí nós deu uma contraladinha (FG, M, 38 a, 2003, p.14).
	CX: [Dar coice]	[...] ele me deu esse coice (FG, M, 36 a, 2003, p.17).
	CX: [Dar comida de rabo]	[...] a diretora deu uma cumida de rabo nus dois né... (FG, F, 33 a, 2003, p.14).
	CX: [Dar chuva]	[...] Uma vez deu uma chuva forte rapaz (FG, M, 25 a, 2003, p.03).
	CX: [Dar chute]	[...] Deu um chute nele...(FG, F, 28 a, 2003, p.17).
	CX: [Dar desgosto]	[...] ninguém deu desgosto num foi BÃO? (FG, F, 70 a, 2003, p.12).
	CX: [Dar discutida]	[...] eu mais minha mãe deu uma discutida (FG, M, 38 a, 2003, p.11).
	CX: [Dar educação]	[...] ela não deu educação como deveria de dá... (FG, F, 33 a, p.20).
	CX: [Dar estalo]	[...] Foi passá deu um istalo , né. (FG, M, 25 a, 2003, p.03).
CX: [Dar estrago]	[...] ai deu uns istrago nela lá (FG, M, 25 a, 2003,	

		p.08).
	CX: [Dar falta]	[...] quando eu dei falta ... meu celular já não estava comigo mais... (FG, F, 20 a, 2003, p.02).
	CX: [Dar força]	[...] deu mais forças ainda (FG, F, 29 a, 2003, p.04).
	CX: [Dar grito]	[...] ela só deu aquele grito e foi... (FG, M, 38 a, 2003, p.03).
	CX: [Dar golpe]	[...] eu dei um gorpe nele (FG, M, 30 a, 2003, p.04).
	CX: [Dar ideia]	[...] o meu irmão deu a idéia pra ele (FG, F, 40 a, 2003, p.20).
	CX: [Dar lição]	[...] o senhor me deu uma lição (FG, F, 30 a, 2003, p.07).
	CX: [Dar liberdade]	[...] deu liberdade demais... (FG, F, 40 a, 2003, p.21).
	CX: [Dar murro]	[...] ele deu um murro no nariz dela (FG, F, 28 a, 2003, p.08).
	CX: [Dar meio dia]	[...] deu mei dia na... na Praça Cívica... (FG, M, 65 a, 2003, p.05).
	CX: [Dar nove horas]	[...] quando deu nove hora da noite aqui tava assim de gente ó (FG, F, 70 a, 2003, p.22).
	CX: [Dar olhada]	[...] eu dei uma olhada assim pra minha mão...(FG, M, 36 a, 2003, p.18).
	CX: [Dar o braço a torcer]	[...] nunca dei o braço a torcê mai... (FG, M, 65 a, 2003, p.09).
	CX: [Dar outro dia]	[...] aí deu outro dia eu tava passano ela tava lá (FG, M, 38 a, 2003, p.18).
	CX: [Dar prazo]	[...] ele mim deu um prazo (FG, M, 30 a, 2003, p.08).
	CX: [Dar parada]	[...] agora que deu uma paradinha (FG, M, 36 a, 2003, p.16).
	CX: [Dar pancada]	[...] Depois de quebrá o dedo ainda dei mais umas pancada nele ainda... (FG, M, 30 a, 2003, p.04).
	CX: [Dar tapa]	[...] ela deu uns tapa nimim... (FG, F, 65 a, 2003, p.05).
	CX: [Dar trabalho]	[...] deu trabalho o dia todo pra mim:... (FG, F, 36 a, 2003, p.17).
	CX: [Dar tempestade]	[...] deu uma tempestade boa (FG, M, 36 a, 2003, p.06).
	CX: [Dar tempo]	[...] eu num dá tempo de fazer café... (FG, F, 36 a, 2003, p.17).
	CX: [Dar tremida]	[...] deu uma tremidinha até boa né? (FG, M, 38 a, 2003, p.03).
	CX: [Dar taca]	[...] ele já mim deu uma taca (FG, M, 36 a, 2003, p.02).
	CX: [Dar olhada]	[...] ele só deu umas oiada pra mim (FG, M, 36 a, 2003, p.08).
	CX: [Dar vontade]	[...] deu a vontade fazê o serviço né? (FG, M, 38 a, 2003, p.03).
	CX: [Dar valor]	[...] nenhum deu tanto valor assim... (FG, F, 40 a, 2003, p.05).
	CX: [Dar viagem]	nóis deu muitas viagem ... (FG, M, 72 a, 2003, p.04).
	CX: [Dar reação]	[...] Aí essa hora foi té bom sortá esse pum que deu REAÇÃO ...(FG, M, 38 a, 2003, p.09).
	CX: [Dar congestão]	[...] deu congestão ni/mim (FG, M, 38 a, 2003, p.20).
CX: [DarSN]		

CX: [DarSN]		
	CX: [Dar câncer]	[...] deu câncer de pele... (FG, F, 28 a, 2003, p.21).
	CX: [Dar infecção]	[...] Daí a última veis que... qu/ele deu infecção ...(FG, M, 72 a, p.09).
	CX: [Dar febre]	[...] mim deu a febre (FG, M, 72 a, 2003, p.12).
	CX: [Dar sintoma]	[...] deu uns sintoma de inchaço na mão nos dedos... (FG, F, 36 a, 2003, p.09).
	CX: [Dar eclampsia]	[...] Ela deu ecrampe ...(FG, M, 72 a, 2003 p.11).
	CX: [Dar derrame]	[...] depois deu derrame nela...(FG, M, 72 a, 2003, p.09).

Fonte: Dados da presente pesquisa.

No quadro (6), a microconstrução se caracteriza como um padrão construcional muito produtivo na língua. Outro padrão construcional que apresentou alta produtividade no PB falado na cidade de Goiás é a microconstrução com o verbo *fazer* com função suporte, como observado no quadro a seguir:

Quadro 7: Frequência *Type* e *Token* da microconstrução CX: [FazerSN] no *corpus* do Fala Goiana.

MICROCONSTRUÇÃO CX: [FazerSN]		
FREQUÊNCIA <i>TYPE</i>	FREQUÊNCIA <i>TOKEN</i>	OCORRÊNCIAS
CX: [FazerSN]	CX: [Fazer amizade]	[...] eu fiz amizade com uma menina lá... (FG, F, 40 a, 2003, p.13).
	CX: [Fazer bico]	[...] eu fazia bico ... (FG, F, 40 a, 2003, p.15).
	CX: [Fazer caminhada]	[...] agora cê vai fazer caminhada ... (FG, F, 40 a, 2003, p.10).
	CX: [Fazer cirurgia]	[...] ele fez a:: a cirurgia do coração... (FG, M, 40 a, 2003, p.11).
	CX: [Fazer coisa]	[...] aí comprô um computador pra mim fazer essas coisas simples né.... (FG, F, 36 a, 2003, p.16).
	CX: [Fazer corte]	[...] passamus nu cabelu dela cortei fiz um CORTi ... (FG, F, 29 a, 2003, p.03).
	CX: [Fazer curso]	[...] fiz um cursu di informática nu SENA::/nu SENAC... (FG, F, 29 a, 2003, p.02).
	CX: [Fazer diferença]	[...] ela sim não fez muita diferença ... (FG, F, 33 a, 2003, p.13).
	CX: [Fazer a diarista]	[...] aí eu comecei a fazer a diarista ... (FG, F, 40 a, 2003, p.06).
	CX: [Fazer endoscopia]	[...] tudo o que é tipo de exame né que você pensa na vida eu fiz... é endoscopia ... (FG, F, 36 a, 2003, p.09).
	CX: [Fazer exame]	[...] veio pra Goiânia né... fazer alguns exames sei lá... (FG, F, 40 a, 2003, p.07).
	CX: [Fazer entrevista]	[...] fiz uma entrevista há pouco tempo lá na.... antes

CX: [FazerSN]		de trabalha na igreja de Cristo... (FG, F, 36 a, 2003, p.16).
	CX: [Fazer faxina]	[...] fazia uma faxina aqui... uma faxina ali... (FG, F, 40 a, 2003, p.15).
	CX: [Fazer falta]	[...] o dinheiro que a gente paga lá: de benefício pra você... não faz falta pra igreja... (FG, F, 36 a, 2003, p.13).
	CX: [Fazer festa]	[...] fazia festa folia... São João ainda conheço... (FG, M, 38 a, 2003, p.27).
	CX: [Fazer pergunta]	[...] ele já fez algumas perguntinhas sobre sexo mais nada demais... (FG, F, 33 a, 2003, p.04).
	CX: [Fazer proposta]	[...] com trinta dia ele fez proposta pro rapaz que trabalhava no garimpo mesmo...(FG, M, 30 a, 2003, p.09).
	CX: [Fazer tratamento]	[...] ele foi se hospitalizou... foi pá Goiânia... fez tratamento (FG, M, 30 a, 2003, p.05).
	CX: [Fazer mudança]	[...] fiz uma mudança total (FG, F, 29 a, 2003, p.03).
	CX: [Fazer a risca]	[...] eu achei melhor dá tudo pra ela né... e fiz a::... a risca né... (FG, F, 36 a, 2003, p.09).
	CX: [Fazer lavagem cerebral]	[...] eu fiz lavagem cerebral na cabeça dela (FG, F, 33 a, 2003, p.09).
	CX: [Fazer sociedade]	[...] eu fui fiz uma sociedade com ele...(FG, M, 30 a, 2003, p.16).
	CX: [Fazer trabalho]	[...] fazer trabalho de escola... (FG, F, 40 a, 2003, p.22).

Fonte: Dados da presente pesquisa.

No quadro (7), atestamos a produtividade da microconstrução com o verbo *fazer* na função suporte. Tal como a microconstrução com o verbo *dar*, a frequência *token* da microconstrução com verbo *fazer* demonstra um grau elevado de produtividade no PB. No entanto, algumas microconstruções são menos produtivas na língua, como a microconstrução no quadro a seguir:

Quadro 8: Frequência *Type* e *Token* da microconstrução CX: [LevarSN] no *corpus* do Fala Goiana.

MICROCONSTRUÇÃO CX: [LevarSN]		
FREQUÊNCIA <i>TYPE</i>	FREQUÊNCIA <i>TOKEN</i>	OCORRÊNCIAS
CX: [LevarSN]	CX: [Levar choque]	[...] leve um choque fiquei pregado nela... (FG, M, 38 a, 2003, p.17).
	CX: [Levar noventa dias]	[...] leve mais de noventa dia ... pra mim recuperá... (FG, M, 72 a, 2003, p.13).
	CX: [Levar dois dias]	[...] eu leve dois dia pra chegá até... o garimpo... (FG, M, 30 a, 2003, p.13).
	CX: [Levar prejuízo]	[...] eu leve prejuízo já que o caboco num queria pagá (FG, M, 38 a, 2003, p.06).
	CX: [levar susto]	[...] eu leve um susto ... (FG, F, 36 a, 2003, p.10).

Fonte: Dados da presente pesquisa.

A frequência *token* da microconstrução com o verbo *levar* na função suporte atestada no quadro (8) demonstra uma produtividade menor em relação à produtividade das microconstruções apresentadas nos quadros (6) e (7). Essa mesma situação pode ser observada com a microconstrução no quadro a seguir:

Quadro 9: Frequência *Type* e *Token* da microconstrução CX: [TomarSN] no *corpus* do Fala Goiana.

MICROCONSTRUÇÃO CX: [TomarSN]		
FREQUÊNCIA <i>TYPE</i>	FREQUÊNCIA <i>TOKEN</i>	OCORRÊNCIAS
CX: [TomarSN]	CX: [Tomar banho]	[...] aí quando foi a noite... eu jantei... tomei banho ... (FG, M, 30 a, 2003, p.14).
	CX: [Tomar taca]	[...] cum esse istilingui memo eu tomei uma taca . (FG, M, 36 a, 2003, p.11).
	CX: [Tomar tapa]	[...] do meu pai eu nunca tomei um tapa ... (FG, F, 65 a, 2003, p.05).

Fonte: Dados da presente pesquisa.

A microconstrução com o verbo *tomar* com função suporte se demonstrou menos produtiva no PB falado em Goiás em relação a outras microconstruções analisadas.

Ao verificar a frequência *token* dos tipos de construção-suporte encontrados no *corpus* Discurso & Gramática, que consiste em inquéritos coletados nas cidades de Juiz de Fora (MG), Natal (RN), Rio de Janeiro (RJ), Niterói (RJ) e Rio Grande (RS), constatamos uma situação semelhante no tocante ao grau de produtividade das microconstruções:

Quadro 10: Frequência *Type* e *Token* da microconstrução CX: [DarSN] no *corpus* Discurso & Gramática.

MICROCONSTRUÇÃO CX: [DarSN]		
FREQUÊNCIA <i>TYPE</i>	FREQUÊNCIA <i>TOKEN</i>	OCORRÊNCIAS
CX: [DarSN]	CX: [Dar atenção]	[...] pediu reboque e não sei o quê... não deu nem atenção pra ele... (D&G, M, 22 a, 1993, p.46).
	CX: [Dar bem]	[...] a gente sempre se deu bem :: assim... (D&G, F, 23 a, 1993, p.08).
	CX: [Dar borrada]	[...] eu dei uma borrada que ... é ... comprometeu a cor da ... do céu né? (D&G, M, 30 a, 1993, p.56).
	CX: [Dar coordenadas]	[...] eu chamei o meu professor aqui só pra ele ... pra ele dar umas coordenadas na pintura desse mar aí ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.59).
	CX: [Dar certo]	[...] nossa realidade é que não deu certo ... (D&G, F, 23 a, 1993, p.64).
	CX: [Dar coisa]	[...] o cara falou que nunca viu uma pessoa... que parece que foi um estalo... assim... deu uma coisa ... um clique neles... (D&G, F, 23 a, 1993, p.08).
	CX: [Dar efeito]	[...] ele acontece ... é justamente pra dar o efeito da ... da fotografia ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.58).
	CX: [Dar frutos]	[...] Nem se quer ver que a sua rocinha poderia ser produtora em outro lugar e dar muitos frutos . (D&G, F, 21 a, 1993, p.37).
	CX: [Dar garfe]	[...] eu ligo para esse negócio de etiqueta... esse tipo de coisa... e dar uma gafe dessa... (D&G, F, 35 a, 1993, p.09).
	CX: [Dar ideia]	[...] é isso que vai dar a idéia de volume na ... no trabalho de pintura ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.68).
	CX: [Dar lugar]	[...] pede pra dar lugar pros outros sentar também...(D&G, M, 28 a, 1993, p.04).
	CX: [Dar luxo]	[...] eu me dei ao luxo ... o ... ao direito de optar por essas ... reflexões ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.64).
	CX: [Dar mal]	[...] Vendo que eu ia me dar mal eu comecei a andar de volta para o outro lado do túnel (D&G, M, 22 ANOS, 1993, p.49).
	CX: [Dar motivo]	[...] agora sobre a:/: sobre banco... vou te dar um:: motivo / uma opinião sobre::... (D&G, M, 28 a, 1993, p.04).
	CX: [Dar nó]	[...] eu achava que ia dar nó mesmo ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.56).
	CX: [Dar nome]	[...] vive na/ vagabundando... não quer dar nome àquela criança... (D&G, F, 23 a, 1993, p.10).
CX: [Dar onda]	[...] um mais claro ali ... e um mais claro ali ... você consiga ... obtenção desse volume que você quer dar à onda ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.59).	
CX: [Dar opinião]	[...] vou aproveitar e dar a opinião ... né? (D&G, F, 23 a, 1993, p.11).	

CX: [DarSN]	CX: [Dar parabéns]	[...] eu sei que no final a professora virou pra gente e deu parabéns porque o trabalho foi muito bem feito (D&G, F, 24 a, 1993, p.51).
	CX: [Dar perda total]	[...]o seguro... deu perda total no carro dele ((riso)) se ferrou... (D&G, M, 22 a, 1993, p.46).
	CX: [Dar pista]	[...] Talvez um exemplo possa dar alguma pista do que experimentei (D&G, M, 30 a, 1993, p.75).
	CX: [Dar promoção]	[...] ele é policial... a partir da forma que ele formou ali... ele já sabe que ele ia passar por isso... dar promoção? (D&G, F, 20 a, 1993, p.07).
	CX: [Dar problema]	[...] Para não dar problema , eu já fui explicando para ele que achava que achava que era melhor que voltasse sozinho (D&G, F, 23 a, 1993, p.12).
	CX: [Dar tchau]	[...] eu dei tchau pra ela ... e foi a última vez que eu a vi ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.45).
	CX: [Dar voltas]	[...] Moro há vinte anos na Praia do Meio e sempre que posso dou umas voltinhas à beira-mar. (D&G, M, 30 a, 1993, p.76).
	CX: [Dar vazão]	[...]eu ... me controlar e não dar vazão a esses impulsos de criação ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.66).
	CX: [Dar volume]	[...] é difícil você dar volume às cores (D&G, M, 30 a, 1993, p.68).

Fonte: Dados da presente pesquisa.

Da mesma maneira que foi constatado no *corpus* do Projeto Fala Goiana, a microconstrução com o verbo *dar* na função suporte apresentou maior produtividade também no *corpus* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, como observado no quadro (10). No próximo quadro, podemos observar as frequências *type* e *token* da microconstrução com o verbo *fazer* com suporte:

Quadro 11: Frequência *Type* e *Token* da microconstrução CX: [FazerSN] no *corpus* Discurso & Gramática.

MICROCONSTRUÇÃO CX: [FazerSN]		
FREQUÊNCIA <i>TYPE</i>	FREQUÊNCIA <i>TOKEN</i>	OCORRÊNCIAS
	CX: [Fazer amizade]	[...] tenho facilidade de fazer amizades . (D&G, F, 1993, p.18).
	CX: [Fazer besteira]	[...] entrei pra igreja... fazia muita besteira assim... entendeu? (D&G, F, 20 a, 1993, p.05).
	CX: [Fazer brincadeira]	[...] a gente fez essa brincadeira com ela... (D&G, F, 35 a, 1993, p.09).
	CX: [Fazer caminhada]	[...] Descobri que fazer caminhadas não consiste apenas em trazer benefícios para a estética do corpo (D&G, F, 35 a, 1993, p.12).
	CX: [Fazer cirurgia]	[...] fez a cirurgia ... e:: ficou paraplético... (D&G, F, 24 a, 1993, p.51).
	CX: [Fazer coisa]	[...] eu poderia ... fazer coisa melhor ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.63).
	CX: [Fazer cópia]	[...] ele nunca opinou sobre essa questão de você fazer a cópia (D&G, M, 30 a, 1993, p.57).
	CX: [Fazer comparações]	[...] Quero fazer algumas comparações com essas regiões. (D&G, F, 21 a, 1993, p.37).
	CX: [Fazer curso]	[...] eu faço um curso de ... de pintura ao sábado ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.57).
	CX: [Fazer culto]	[...] A gente ia logo fazer o culto doméstico ... (D&G, F, 21 a, 1993, p.28).
CX: [FazerSN]	CX: [Fazer economia]	[...] ele dizia alguma coisa como é que ia fazer a economia ... um plano melhor pra economia ... (D&G, F, 21 a, 1993, p.34).
	CX: [Fazer escolha]	[...] eu deveria desenvolver ... como a filosofia ... um fazer uma escolha como a ... como eu fiz da filosofia na minha vida ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.66).
	CX: [Fazer inscrição]	[...] pra fazer uma inscrição ... (D&G, F, 23 a, 1993, p.06).
	CX: [Fazer investimento]	[...] investir:./ fazer um investimento ... né? (D&G, M, 22 a, 1993, p.48).
	CX: [Fazer jornada]	[...] temos que fazer uma jornada através dos canais (D&G, M, 30 a, 1993, p.78).
	CX: [Fazer levantamento]	[...] a gente ... fez um levantamento em jornais ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.56).
	CX: [Fazer leitura]	[...] hora de fazer leitura bíblica ... (D&G, F, 21 a, 1993, p.27).
	CX: [Fazer operação]	[...] Então ele fez a operação no rapaz e errou, ele ficou paraplético. (D&G, F, 24 a, 1993, p.53).
	CX: [Fazer observação]	[...] e quanto a isso é ... bom fazer uma observação ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.69).
	CX: [Fazer fila]	[...] aí a mulher disse "não... oh... então se é assim... aprendendo a fazer fila ..." (D&G, F, 23 a, 1993, p.07).

CX: [FazerSN]	CX: [Fazer vergonha]	[...] fez a maior vergonha lá nesse jantar né (D&G, M, 30 a, 1993, p.47).
	CX: [Fazer viagem]	[...] e também houvera sido convidado a fazer uma viagem . (D&G, M, 30 a, 1993, p.75).
	CX: [Fazer vista grossa]	[...] eu acho que num têm ... ou fazem vista grossa ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.51).
	CX: [Fazer percurso]	[...] Muitas pessoas idosas faziam este percurso (D&G, F, 35 a, 1993, p.12).
	CX: [Fazer prova]	[...] ele tem que fazer prova que ele não é o pai... (D&G, F, 23 a, 1993, p.10).
	CX: [Fazer retiro]	[...] No feriadão do carnaval onde a gente fez um retiro para ... (D&G, F, 21 a, 1993, p.27).
	CX: [Fazer reunião]	[...] uso mais para fazer pequenas reuniões com meus amigos da PUC. (D&G, M, 22 a, 1993, p.50).
	CX: [Fazer reforma]	[...] eu fiz uma reforma ... (D&G, F, 31 a, 1993, p.19).
	CX: [Fazer trabalho]	[...] ele fazia um trabalho de mordomo né ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.49).

Fonte: Dados da presente pesquisa.

A microconstrução observada no quadro (11) revelou-se muito produtiva no PB. Por outro lado, não encontramos ocorrências da microconstrução com o verbo *levar* na função suporte no *corpus* do Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Tal situação demonstra sua baixa frequência no uso, como demonstrado no quadro (8), no qual a produtividade se revela menor em relação a outras microconstruções encontradas no PB falado em Goiás. Da mesma maneira, a frequência *token* da microconstrução com o verbo *tomar* na função suporte também é baixa no banco de dados do D&G, como verificado no quadro a seguir:

Quadro 12: Frequência *Type* e *Token* da microconstrução CX: [TomarSN] no *corpus* Discurso & Gramática.

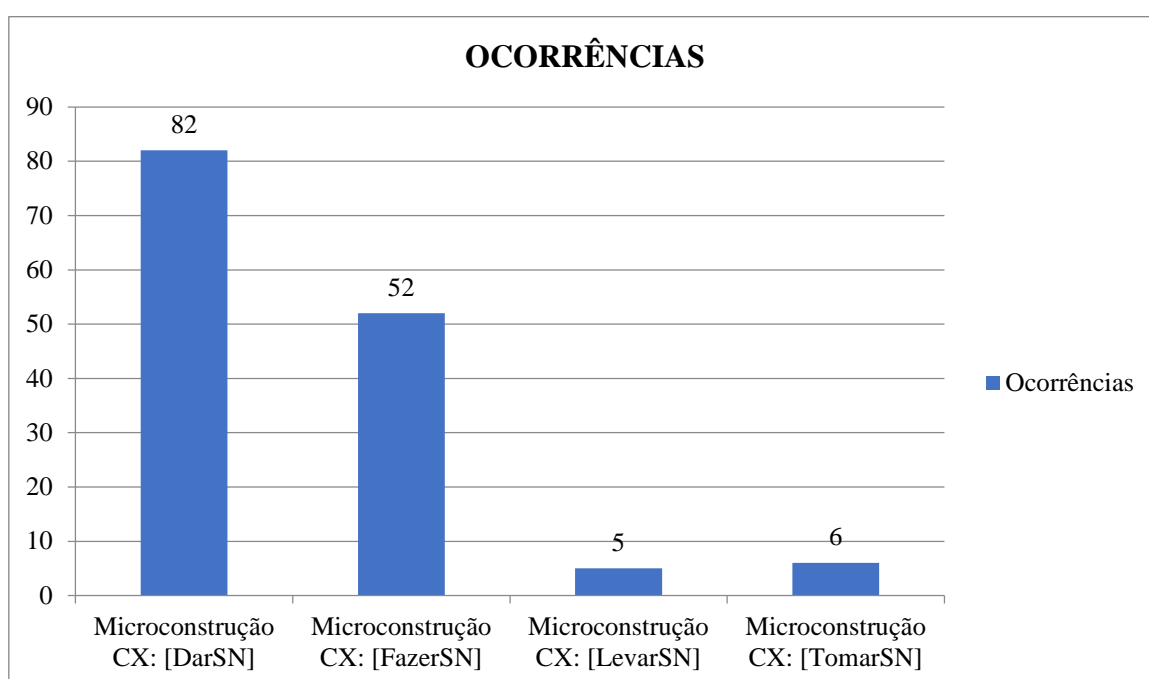
MICROCONSTRUÇÃO CX: [TomarSN]		
FREQUÊNCIA TYPE	FREQUÊNCIA TOKEN	OCORRÊNCIAS
CX: [TomarSN]	CX: [Tomar partido]	[...] me empenhar é ... tomar partido ... (D&G, M, 30 a, 1993, p.54).
	CX: [Tomar aspecto]	[...] Dependendo do meu estado de espírito a paisagem pode tomar um aspecto esvoaçado (D&G, M, 30 a, 1993, p.78).
	CX: [Tomar banho]	[...] aí chamou ele pra casa pra tomar um banho né ... (D&G, M, 26 a, 1993, p.07).

Fonte: Dados da presente pesquisa.

A microconstrução com o verbo *tomar* com função suporte apresenta também uma baixa frequência nesse banco de dados como observado no quadro (12), o que atesta sua baixa produtividade no PB.

A construção-suporte, como um esquema cognitivo, consiste em um padrão muito produtivo no PB, pois instancia outras construções nas relações taxonômicas. Isso fica evidente, observando a gradiência da produtividade das microconstruções analisadas, como pode ser observado no seguinte gráfico:

Gráfico 1: Produtividade das microconstruções analisadas na pesquisa.



Fonte: Dados da presente pesquisa.

No gráfico (1), não consideramos as repetições das microconstruções no *corpus*. Apenas contabilizamos uma frequência *token* de cada *type* identificado nos dados. As microconstruções analisadas no banco de dados do FG e do banco de dados do D&G apresentaram diferenças graduais no tocante a produtividade. Como exposto no gráfico (1), de um total de 145 (cento e quarenta e cinco) *tokens*, 82 (oitenta e dois) são microconstruções com o verbo *dar* com função suporte, 52 (cinquenta e dois) *tokens* de microconstruções com o verbo *fazer* como suporte na construção, 05 (cinco) *tokens* com o verbo *levar* e 06 (seis) *tokens* com o verbo *tomar* na construção. As respectivas porcentagens de frequência *token* das microconstruções podem ser observadas na tabela a seguir:

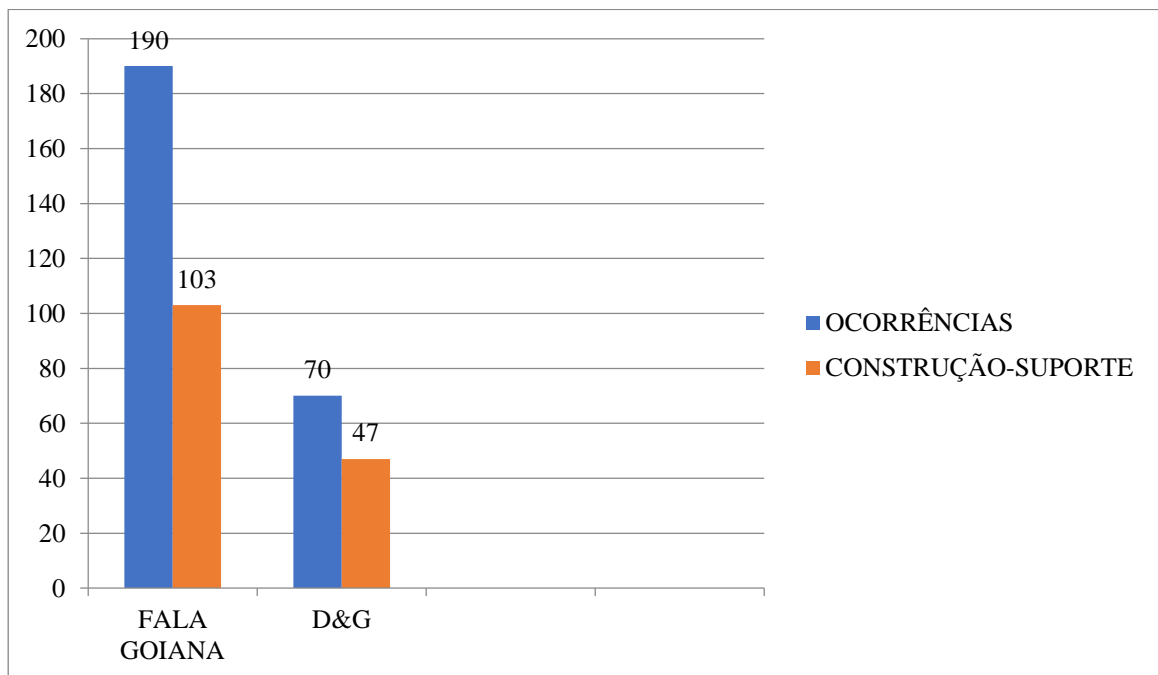
Tabela 3: Porcentagem das ocorrências das microconstruções analisadas.

PORCENTAGEM	
Microconstrução CX: [DarSN]:	57%
Microconstrução CX: [FazerSN]:	36%
Microconstrução CX: [LevarSN]:	3%
Microconstrução CX: [TomarSN]:	4%

Fonte: Dados da presente pesquisa.

As informações contidas na tabela (3) evidenciam que as microconstruções com os verbos *dar* e *fazer* são muito produtivas, enquanto as microconstruções com *levar* e *tomar* são menos produtivas no PB, pois representam menos de 5% (cinco por cento) das ocorrências analisadas em cada *corpus*.

As construções mais frequentes e, conseqüentemente, mais produtivas se organizam a partir de verbos de significados básicos, com grande carga semântica, cujo uso pleno é muito frequente. Esses verbos são utilizados para representação de eventos comuns e recorrentes no mundo como a *realização de uma atividade* (*fazer*) ou a *transferência de algo para alguém* (*dar*). Por isso, os falantes que vivenciam e representam linguisticamente os acontecimentos se valem principalmente desses verbos para construir inúmeros *types* e *token* da construção-suporte. Isso fica evidente se analisarmos todas as entradas do verbo mais recorrente como suporte nos *corpora* – o verbo *dar*. Diferentemente da abordagem adotada nos quadros anteriores, os dados apresentados a seguir consideram todas as entradas desse verbo nos *corpora*, em outras palavras, consideramos o número de vezes que o *dar* aparece como verbo pleno e o número de vezes que esse verbo aparece como suporte:

Gráfico 2: Ocorrências do verbo *dar* como pleno e como suporte.

Fonte: dados da presente pesquisa.

Em nossa análise, identificamos 190 (cento e noventa) ocorrências do verbo *dar* na fala goiana. Desse total, o verbo aparece 103 (cento e três) vezes na função suporte em microconstruções conjugadas na primeira, segunda e terceira pessoa do singular no pretérito do modo indicativo. No banco de dados do D&G, utilizados os mesmos parâmetros de seleção de dados, encontramos 70 ocorrências do verbo *dar*. Em 47 (quarenta e sete) dessas ocorrências, tratava-se do uso do verbo em microconstruções do tipo suporte. A tabela adiante demonstra a porcentagem das ocorrências do verbo *dar* na construção-suporte nos *corpora*:

Tabela 4: Porcentagem do verbo *dar* com função suporte.

PORCENTAGEM		
Construções-suporte	no	54,21%
Fala goiana		
Construções-suporte	no	67,14%
Discurso & Gramática		

Fonte: Dados da presente pesquisa.

No banco de dados do FG, o verbo *dar* aparece na função suporte em 54, 21% das ocorrências analisadas. De outra parte, esse verbo aparece como suporte em 67,14% das ocorrências no banco de dados do D&G. Por essa razão, por intermédio desse recorte, consideramos que a produtividade da construção-suporte é alta pela quantidade de microconstruções que instancia e por sua alta frequência no PB.

A produtividade da construção-suporte evidencia seu uso efetivo na língua. Essa construção atende demandas comunicativas em contextos discursivos diversos e expressa significados atribuídos a diferentes domínios cognitivos.

3.5 Domínios cognitivos: significados da construção-suporte

O significado atribuído às construções linguísticas depende do conteúdo conceitual das experiências. Dessa maneira, o falante ao se expressar por meio de construções linguísticas demonstram como concebem o mundo por intermédio de conceptualizações mentais do significado.

Muitas construções surgem na língua com base em um mesmo conceito. Isso estabelece *links* na rede, ou seja, estas construções mantêm relações conceituais fortes e são interdependentes, porque decorrem de uma mesma origem conceitual, ou seja, integram um mesmo domínio cognitivo. No entanto, a criatividade do falante pode atuar na transferência dos significados das construções entre domínios diferentes. Isso impacta no uso, pelo realce de traços semânticos e a utilização de termos em contextos distintos (CEZARIO, 2012). Domínios semânticos representam ações humanas e eventos básicos, e envolvem, por exemplo, movimento, tempo, espaço, quantidade, qualidade, eventos físicos, eventos atmosféricos, etc. Nos próximos itens distinguiremos alguns domínios cognitivos representados pela construção-suporte. Esses domínios são *movimento, tempo, eventos naturais e condições de saúde*.

3.5.1 Construções que indicam movimento

As construções se estabelecem no âmbito de domínios cognitivos, os quais, por sua vez, representam determinados conteúdos conceituais. De acordo com Langacker (2008, p. 43), “De maneira geral, um significado consiste em conteúdo conceitual e em uma maneira específica de interpretar esse conteúdo”. São inúmeros os domínios cognitivos dispostos na mente do falante. Não existem maneiras de quantificá-los em seu total. No entanto,

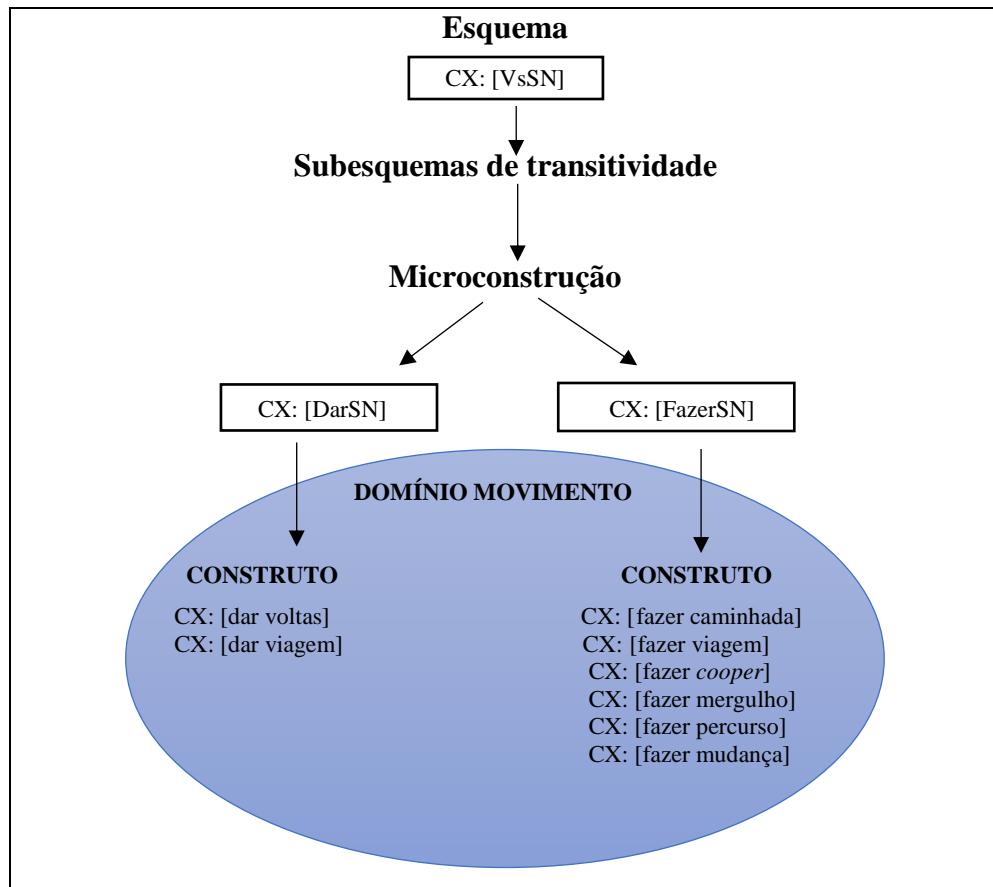
destacaremos alguns nesta seção. Começaremos com as construções que indicam conceitos do domínio cognitivo de *movimento*.

As conceptualizações humanas são traduzidas em símbolos com propósitos comunicativos. Algumas construções apresentam a mesma origem conceptual, como observamos nas ocorrências a seguir:

- 31) [...] É::: A Serra Dourada... agora pra descê tinha que descê tinha... tinha tirá do animal e descê nas costas até descê em baxo aí torná pô () aí::: grande dificuldade... nós **deu muitas viagem**... pra levá a mudança... lá pra onde meu tii comprô... aí::: costumô lá... trabaiano lá... judano ele... formá pasto... i::: meu com... meu cunhado foi pra lá comprô um pedaço... que meu pai nunca mais viu o dinheiro desses terreno lá... desse otro sitim qu/ele vendeu lá né? (FG, M, 72 a, 2003, p.04).
- 32) [...] Eu falei pro meu irmão mais velho falei assim... meu pai não pode comer comida esquentada mais... meu pai não tá na idade mais de comer comida esquentada... ele tem setenta e oito anos... aí:::... aí eu peguei e falei pro meu irmão... falei assim... sabe que que de vai fazer... ele vai passa:::... passa a **fazer caminhada**... ele vai começa a fazer a comida dele... almoço e janta dele... ele... o... ele num tava tendo... vida ativa... (FG, F, 40 a, 2003, p.10).

Nas ocorrências (31) e (32), os construtos, [*dar viagem*] e [*fazer caminhada*], decorem de um mesmo domínio cognitivo - *movimento*. O conceito mais prototípico de movimento consiste no deslocamento ou mudança de posição em um espaço. E é com base nesse conceito que o falante usa a construção-suporte para formular padrões construcionais na língua. Esses padrões atendem aos subesquemas de transitividade de orações *transitivas indiretas* e de orações *intransitivas*. Relacionamos algumas construções encontradas nos *corpora* da pesquisa com significados atribuídos ao conceito de movimento na figura a seguir:

Figura 9: Domínio de movimento.



Fonte: Dados da presente pesquisa.

Refletindo o princípio da gradiência, algumas construções estão mais próximas do significado de movimento, ou seja, seus significados são mais centrais. Enquanto outras se distanciam progressivamente alcançando novos acordos simbólicos pelo entrincheiramento ocasionado pela alta frequência de uso, o que favorece a metaforização da construção. Vejamos exemplo nas seguintes ocorrências:

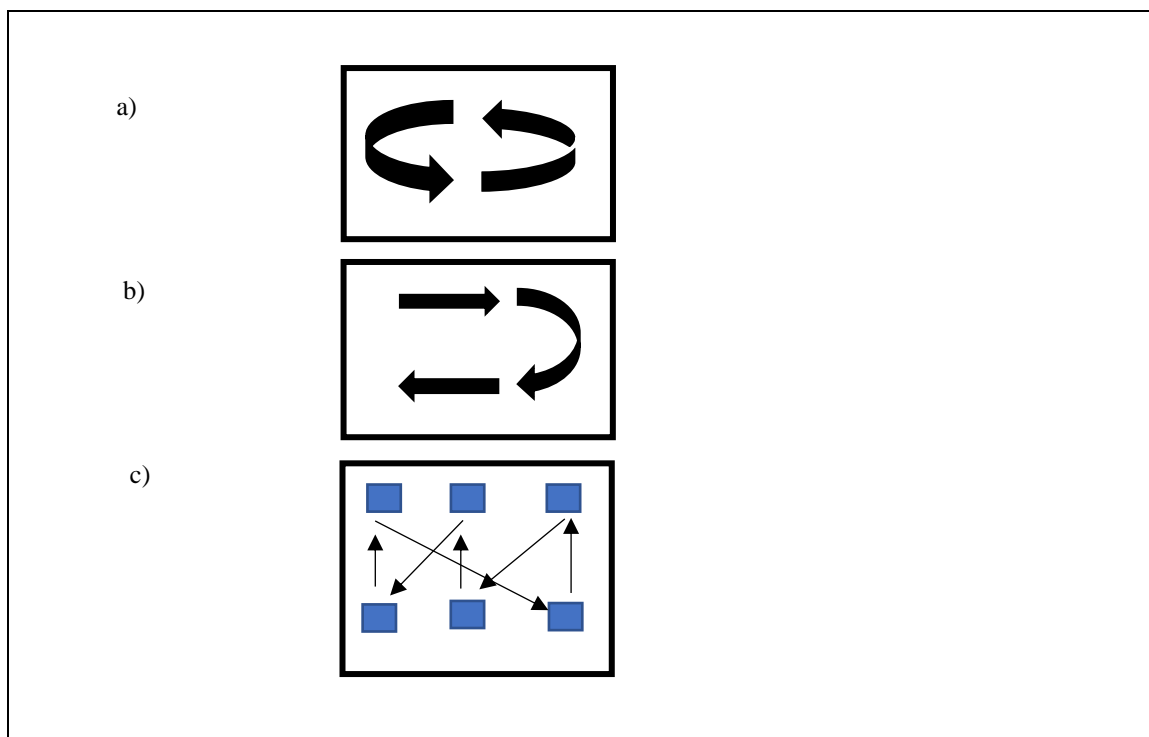
- 33) [...] não não ... não ... isso aí eu vou te explicar ... eu tive que ir sozinho e já sabia para onde ia ... sabia a cidade onde ... onde ... onde era ... onde estava lotado ... e sabia a quem me dirigir ... o local a que eu deveria procurar quando chegasse nessa cidade que era Santo Ângelo ... Porto Xavier ... próximo de Santo Ângelo ... nas missões ... mas eu teria que ir sozinho ... **fazer esse percurso** sozinho ... pronto ... mas como eu cheguei no final de semana em Porto Alegre ... (D&G, M, 30 a, 1993 p. 41).
- 34) [...] Porto Alegre estava fria e já eram dez horas da manhã. Dirigi-me imediatamente à Rodoviária onde deveria comprar passagem para Porto Xavier, nas Missões. Como o ônibus sairia somente as quatorze horas, resolvi colocar minhas bagagens no Porta-malas da Estação e **dar umas voltinhas** no centro da cidade que ficava no mesmo bairro da Rodoviária. (D&G, M, 30 a, 1993 p. 74).

35) [...] Ele num... num **deu a vorta por cima** não... acho que faltou um pôco de Deus na cabeça dele. (FG, M, 30 a, 2003, p.03).

Nas ocorrências, identificamos construções com o conceito de movimento em diferentes graus de abstratização, do conceito mais prototípico e concreto, relativo ao mundo físico, ao conceito mais metaforizado, dos movimentos mentais, psicológicos. O construto observado em (33) consiste no padrão conceitual mais prototípico de conceito de movimento. Nessa construção, o significado é mais relacionado à trajetória. O ato ou efeito de percorrer denota a noção de movimento em essência no espaço físico.

Em (34), a construção apresenta certo grau de metaforização, o que modifica parte do conteúdo conceitual, apesar de manter componentes de significado de movimento. Nesse sentido, as intenções discursivas são fundamentais para a compreensão apropriada da construção. Na imagem a seguir, os esquemas servem para demonstrar aspectos conceituais e de interpretação do construto [*dar voltas*]:

Imagem 2: Aspectos conceituais da construção CX: [Dar volta].



Fonte: dados da presente pesquisa.

Na imagem em (2), as setas escuras indicam o movimento na conceptualização, os quadrados azuis representam os pontos de deslocamento e o quadrado superior com bordas escuras representa o local onde o movimento se realiza. Em (2a), o construto [Dar voltas] diz

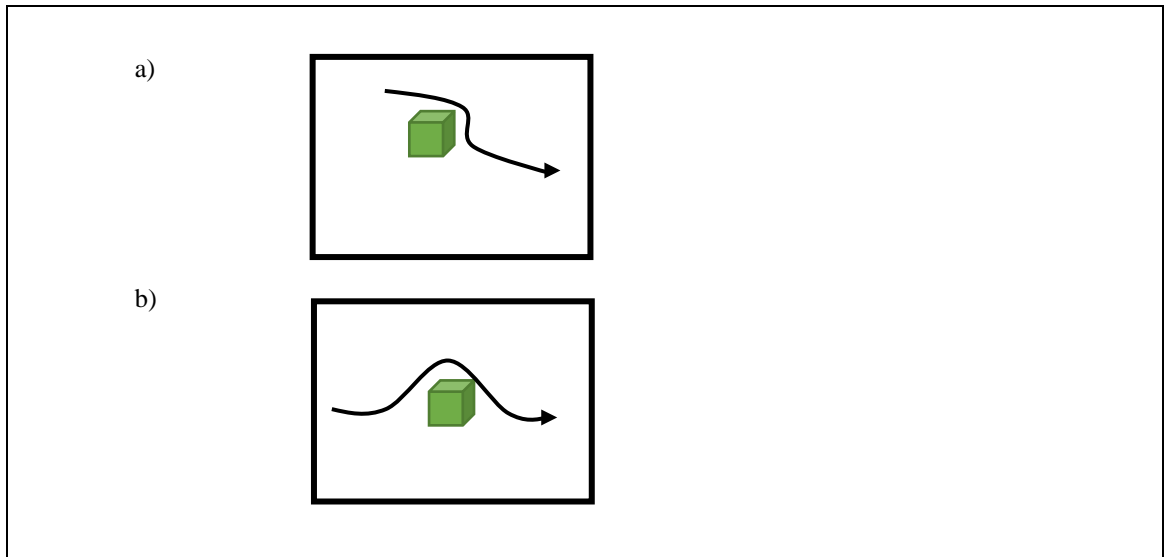
respeito à realização de trajetórias circulares em um lugar específico. Outra interpretação conceptual desse construto consiste no ato de retorno ao ponto inicial do movimento, como demonstrado em (2b). Por fim, em (2c), a conceptualização do significado produz aspectos de movimento contínuo e aleatório em um lugar.

Consideramos que o construto, em (34), codifica aspectos conceptuais alinhados ao esquema apresentado em (2c), pois discursivamente indica o deslocamento psicológico e a alteração no modo de agir, ou seja, expressa continuidade e aleatoriedade no movimento, o que poderia ser compreendido discursivamente como uma caminhada por vários pontos de um determinado lugar sem uma rota especificada. Longe disso, esse construto não representa movimentos circulares, como o realizado em pistas de corridas de circuito oval ou representa a alteração de trajetória no intuito de retornar ao ponto de início do movimento.

Essas diferenças de significado na conceptualização das construções são negociadas na interação e é apenas no contexto pragmático-discursivo que os participantes do processo comunicativo compreendem os efeitos de sentido que motivam o uso das construções. Dessa forma, o construto em (35) apresenta um elevado grau de metaforização, alcançando um novo domínio. Nessa construção, a composicionalidade é baixa, de modo que a soma dos sentidos de seus elementos constituintes não representa seu significado global.

Processos cognitivos gerais contribuem para a metaforização da construção. O falante realiza analogias de aspectos da representação do movimento e transfere o significado para outro domínio cognitivo. Na imagem a seguir, representamos esquemas conceptuais possíveis, que favorecem a metaforização do construto [*dar voltas*]:

Imagem 3: Outros esquemas conceptuais da construção CX: [Dar voltas].



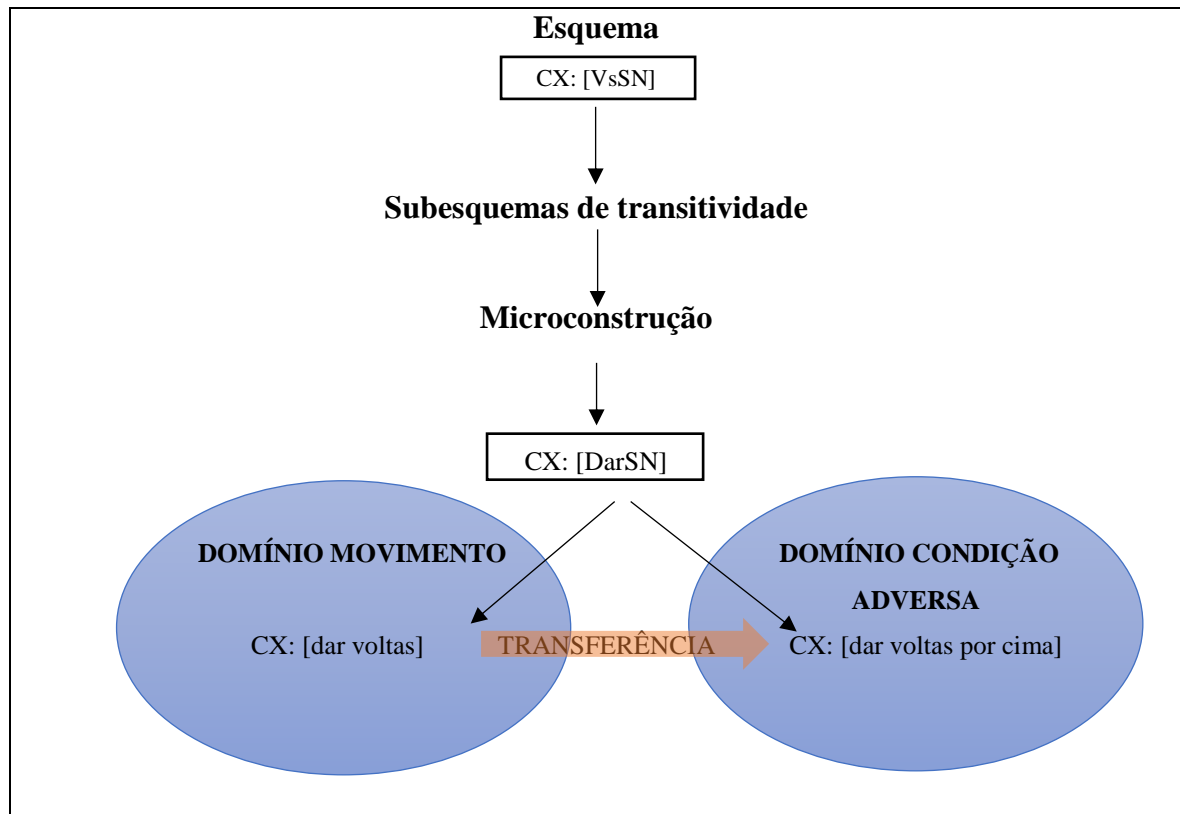
Fonte: Dados da presente pesquisa.

Nos esquemas apresentados na imagem (3), os quadrados verdes representam objetos físicos, as setas escuras correspondem à trajetória do movimento e o quadrado superior representa o local onde o movimento se realiza. Esses esquemas conceptuais do construto [dar voltas] simboliza o contorno de algum objeto físico localizado na trajetória do movimento. Em (3a), aspectos conceptuais codifica o significado de contorno lateral do objeto, enquanto em (3b), o contorno se realiza por cima no objeto.

No discurso, o falante realiza analogias e inova na interpretação dos eventos. Assim, ele passa a conceptualizar conceitos concretos em contextos abstratos. Desse modo, o objeto físico, representado pelo quadrado verde nos esquemas, pode ser reinterpretado como dificuldade ou situações adversa vivenciada. No plano abstrato, o desenho da trajetória reflete a primazia do objeto ou não. Isso significa que, em termos conceptuais, contornar o objeto por cima demonstra a superação da adversidade com facilidade. Portanto, é nesse contexto pragmático-discursivo que o falante aciona a construção-suporte, como apresentado em (35).

Dessa maneira, esse padrão construcional no PB também tem seu significado negociado pelos falantes no domínio cognitivo que abrange estrutura de conceito de *superação de condições adversas*, em um processo de transferência do conceito entre domínios. Nesse sentido, a construção [dar voltas], em alguns contextos, pode se distanciar do significado mais prototípico de *movimento*. Na figura a seguir, podemos observar uma esquematização dessa transferência de domínio:

Figura 10: Transferência de domínios cognitivos.



Fonte: Dados da presente pesquisa.

No esquema, a seta em destaque representa a transferência entre domínios cognitivos de um significado construcional. É importante destacar que essas transferências não ocorrem em níveis mais esquemáticos, pois, como as construções são convencionalizadas em processos simbólicos em que um significado é atribuído à determinada forma, a transferência dependerá de processos cognitivos como a analogia e condições contextuais específicas para que haja a compreensão da construção resultante. Por isso, esses acordos ocorrem em nível dos construtos e no nível das microconstruções.

3.5.2 Construções que indicam tempo

A noção de tempo é um conceito básico da mente humana. Quantificamos quase tudo em nossa sociedade ocidental em termos de tempo. Por conseguinte, reconhecemos um tempo de uma gestação, estabelecemos um tempo para o almoço, convenciamos o tempo de um jogo de futebol, prevemos o tempo aproximado de preparo de uma receita culinária etc. Esses são exemplos pertinentes para reconhecer o quanto à noção de tempo é comum a todos nós. Por esse motivo, muitas construções na língua são usadas para simbolizar esse conceito tão

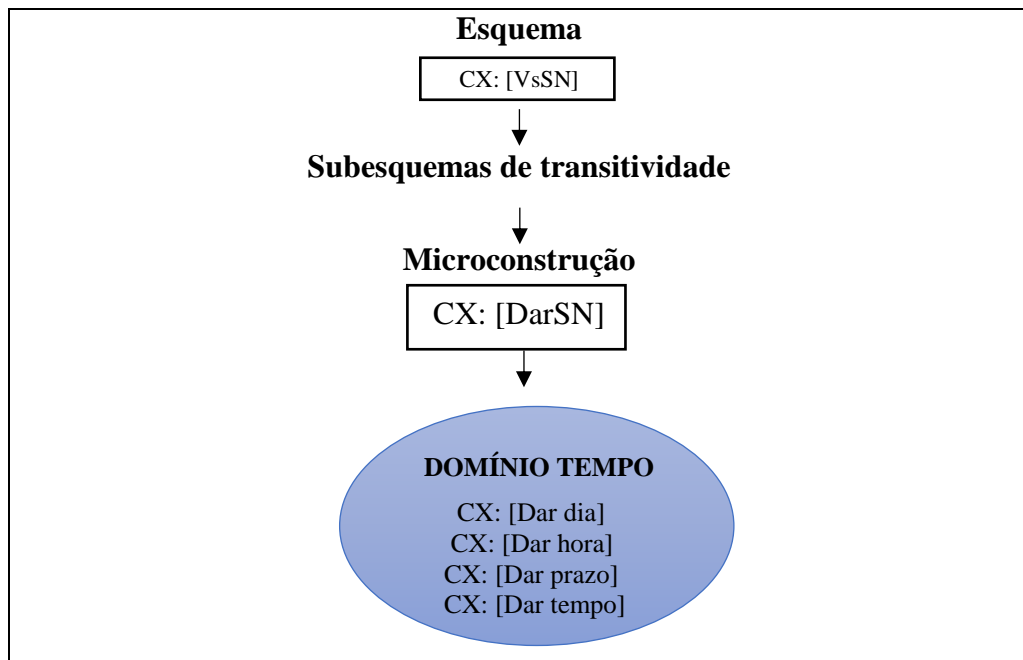
básico. Em (36), podemos observar uma ocorrência da construção-suporte que expressa esse significado:

36) [...] ele mim **deu um prazo** (FG, M, 30 a, 2003, p. 08).

O domínio cognitivo *tempo* associa inúmeras construções na língua. Na verdade, a noção de tempo se apresenta em dois níveis diferentes na gramática – no nível da predicação e no nível da adjunção. No nível da predicação, o *tempo* é representado pela flexão verbal, enquanto que no nível da adjunção, o *tempo* pode ser representado por estruturas acessórias na construção predicativa. Na ocorrência em (36), podemos observar o uso da construção-suporte que denota noção de tempo.

As construções que codificam no discurso o conceito de tempo atendem aos subesquemas de transitividade de orações *transitivas indiretas* e de orações *intransitivas*. As formas de superfície encontradas no *corpus* do Fala Goiana e do *corpus* do D&G, que implicam a noção de tempo, podem ser observadas na figura a seguir:

Figura 11: Domínio tempo.



Fonte: Dados da presente pesquisa.

A diversidade de domínios cognitivos tem origem na natureza dinâmica da conceptualização humana (LANGACKER, 2008). A conceptualização não acontece de maneira isolada, portanto, da mesma maneira em que acontecem associações entre

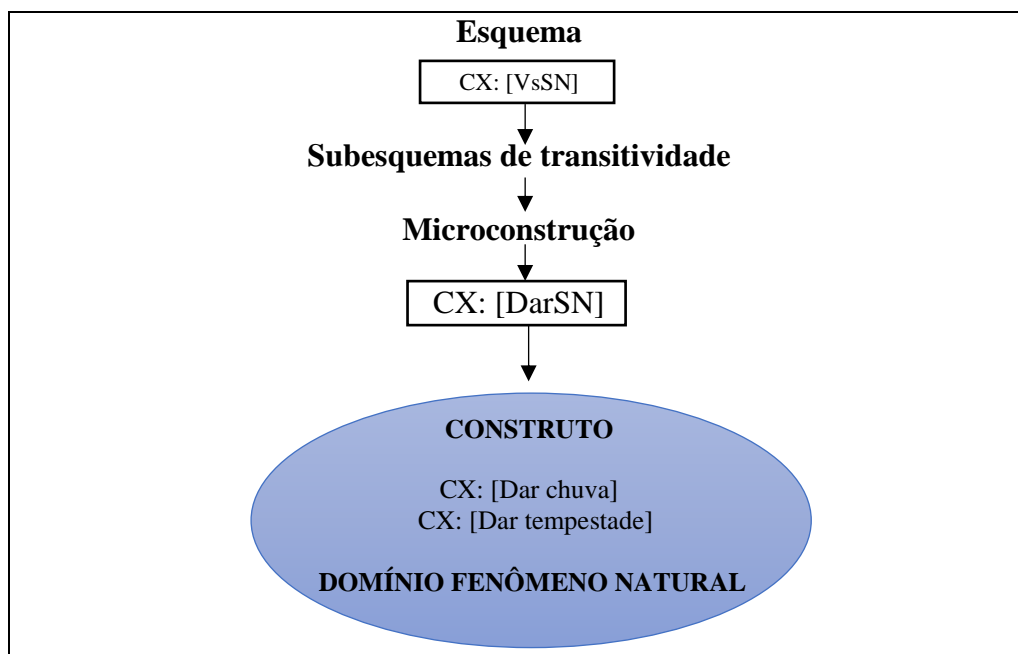
construções dentro dos domínios cognitivos, os próprios domínios se interconectam na concepção do significado das expressões.

3.5.3 Construções que indicam eventos naturais

Os domínios cognitivos se estabelecem por intermédio das experiências que estão inter-relacionadas na mente do falante. Desta maneira, os significados de eventos naturais fazem parte de um mesmo domínio, com o conceito decorrente de fenômenos que não resulta de volição humana. O significado das construções envolve a conceituação associada às expressões linguísticas (LANGACKER, 2008). Por isso, no PB, a construção-suporte pode ser requisitada para manifestação linguística de tais eventos. Algumas dessas construções podem ser observadas nas seguintes ocorrências:

- 37) [...] Uma vez **deu uma chuva** forte rapaz, uns istalo, aqueles relampo forte. E aí nós saiu da aula e andô um poco e cumeçô. E passava dibaxo daquelas cerca de arame, né. (FG, M, 36 a, 2003, p. 03).
- 38) [...] Uai porque eu fui aprontá uai... i **deu uma tempestade** boa i eu peguei e fugi né? larguei a caixa de engraxate fui lá pa... pa turminha de... dos coleguinha... atravessei fui lá po... que lá era oto nome antigamente num era carioca não... aí nós ia pra lá pra í tomá baím... i lá esquicia... aí minha mãe chegô lá na rodoviara procurano por mim... cadê eu i eu lá pra bera do rii...(FG, M, 36 a, 2003, p. 06).

Por mais que a conceptualização esteja no plano cognitivo, suas bases se encontram nas experiências com o mundo, com os eventos que os falantes vivenciam e que relacionam às expressões linguísticas na elaboração do discurso em seus atos comunicativos. Nas ocorrências (37) e (38), observamos duas construções encontradas nos dados analisados que denotam eventos naturais experienciados pelos falantes e expressos por intermédio da construção-suporte (chuva e tempestade). Esses padrões construcionais atendem ao subesquema de transitividade de orações *intransitivas* e podem ser observadas na figura a seguir:

Figura 12: Domínio eventos naturais.

Fonte: Dados da presente pesquisa.

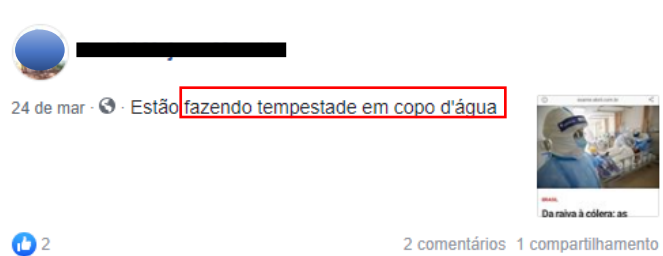
A construção-suporte atende propósitos comunicativos específicos no que tange à necessidade expressiva do falante ou mesmo pela falta de léxico. No discurso, em nossa análise, a construção [Dar uma chuva], por exemplo, pode codificar aspectos de intensidade do fenômeno de maneira mais apropriada aos propósitos comunicativos dos falantes do que a construção com verbo pleno *chover*. Além disso, o construto [Dar tempestade] não apresenta relação com nenhuma construção com verbo pleno no PB. Essa situação demonstra que nem todos os construtos da construção-suporte podem ser parafraçados por construções com um verbo pleno, ou seja, não existe nenhuma construção em torno de um verbo pleno equivalente na PB.

Essa não equivalência acontece pela não convencionalização da construção com o verbo pleno **tempestadiar* no PB e pela capacidade de codificação linguística do evento pela construção-suporte. A esquematicidade do padrão construcional suporte estabelece uma forma sintática produtiva do qual o falante se vale para representar esses eventos experienciados na língua.

Outro ponto de análise é que, da mesma forma que acontece com a construção de movimento, as construções que denotam eventos naturais podem se apresentar em construções metaforizadas. O falante, ao elaborar seu discurso, requisita mentalmente

aspectos da experiência e aplica em outro domínio, como na construção a seguir coletada em um perfil da plataforma digital *Facebook*:

Imagem 4: Construção CX: [Fazer tempestade em copo d'água].



Fonte: Facebook (2020).

A metaforização tende a ocorrer após o estabelecimento da construção na língua. Em decorrência da frequência de uso, as construções são utilizadas com sentidos mais idiomáticos, isto é, menos composicionais e menos analisáveis do ponto de vista construcional (ALONSO; SANTOS, 2020).

O significado depende do contexto pragmático-discursivo que pode estar codificado linguisticamente em expressões metafóricas. De maneira que, ao elaborar seu discurso, o falante representa as coisas do mundo utilizando analogias entre conceitos de domínios cognitivos distintos, com intuito de retratar de modo mais fidedigno sua concepção dos eventos e entidades envolvidas em sua representação mental do acontecimento. Para isso, ele utiliza dentre as possibilidades linguísticas, a construção que atenda de melhor forma suas necessidades expressivas. Por esse motivo, muitos construtos do esquema cognitivo suporte são convencionalizados no discurso, por retratar de melhor maneira os acontecimentos no mundo ou por não ter correspondência no léxico. Além do mais, seguindo na cadeia de abstratização, as construções podem se apresentar ainda como expressões idiomáticas (imagem acima).

3.5.4 *Construções que indicam condições de saúde*

Identificamos algumas formas de superfície da construção-suporte que denotam condições ou estados de saúde. O falante usa expressões linguísticas construídas com base no

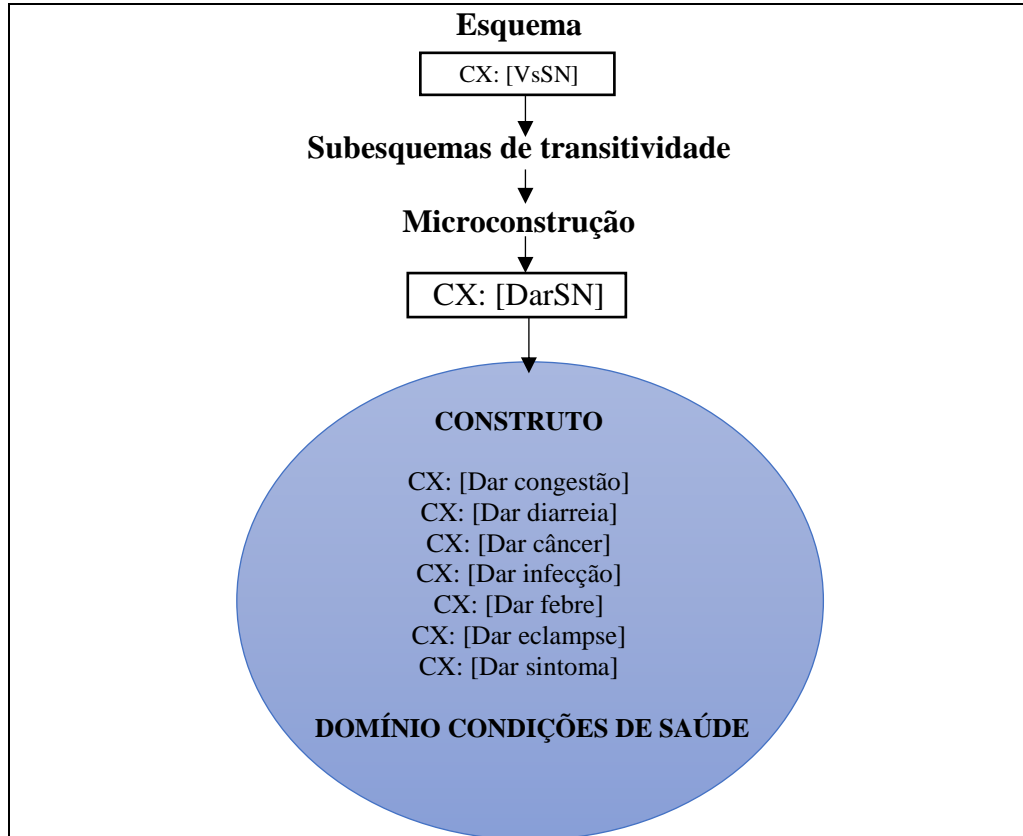
esquema cognitivo suporte, para representar circunstâncias relativas à saúde pessoal ou de terceiros no discurso. Observamos algumas destas construções nas seguintes ocorrências:

- 39) [...] aí quando ela resorveu a vim num teve jeito mais... aí levô pra Goiana... operô e foi operano... feis... sete cirurgia seguido... feis as sete... aí que... ela melhorô passô uns quatro ano assim... boa... assim ()... depois **deu derrame** nela... aí ela ficô dois ano na cadera de roda...(FG, M, 72 a, 2003, p. 09).
- 40) [...] Até que um dia ela foi... aí ela foi... feis os exame tudim... **deu câncer** de pele... só porque sarô::: né? (FG, F, 28 a, 2003, p. 21).

As ocorrências em (39) e (40), decorrem do esquema cognitivo suporte [Vs+*enfermidade/doença*]. Essas construções atendem ao subesquema de transitividade de orações *intransitivas* e caracterizam-se como uma generalização na língua, que faz parte do conhecimento gramatical dos falantes.

As expressões encontradas nos dados analisados e convencionalizadas com base nesse padrão cognitivo, estão retratadas na seguinte figura:

Figura 13: Domínio condições de saúde.



Fonte: Dados da presente pesquisa

As construções-suporte que apresentam conceitos relacionados a condições de saúde expressam tanto o conceito geral, hiperônimo – sintoma – como o significado específico no uso, infecção, febre etc. No domínio cognitivo apresentado na figura (13), uma construção específica apresenta correspondência com uma construção com verbo pleno:

41) [...] Daí a última veis que... qu/ele **deu infecção**...(FG, M, 72 a, p.09).

Em (41), a construção destacada mantêm correspondência com a construção com verbo pleno *infeccionar*. Note-se que nas ocorrências em (39) e (40), os construtos não apresentam essa reversibilidade, o que viabiliza o uso da construção-suporte para a representação pretendida no discurso.

Por isso, fica reforçada a ideia de que alguns construtos não podem ser parafrazeados ou não são opções às construções menos complexas devido à falta desses padrões convencionalizados no léxico. Como não existem fronteiras nítidas entre léxico e gramática (LANGACKER, 2008), o falante recruta a construção-suporte, isto é, uma unidade morfossintática complexa, para expressar conceptualizações mentais de fatos, evento ou entidades experienciadas no mundo.

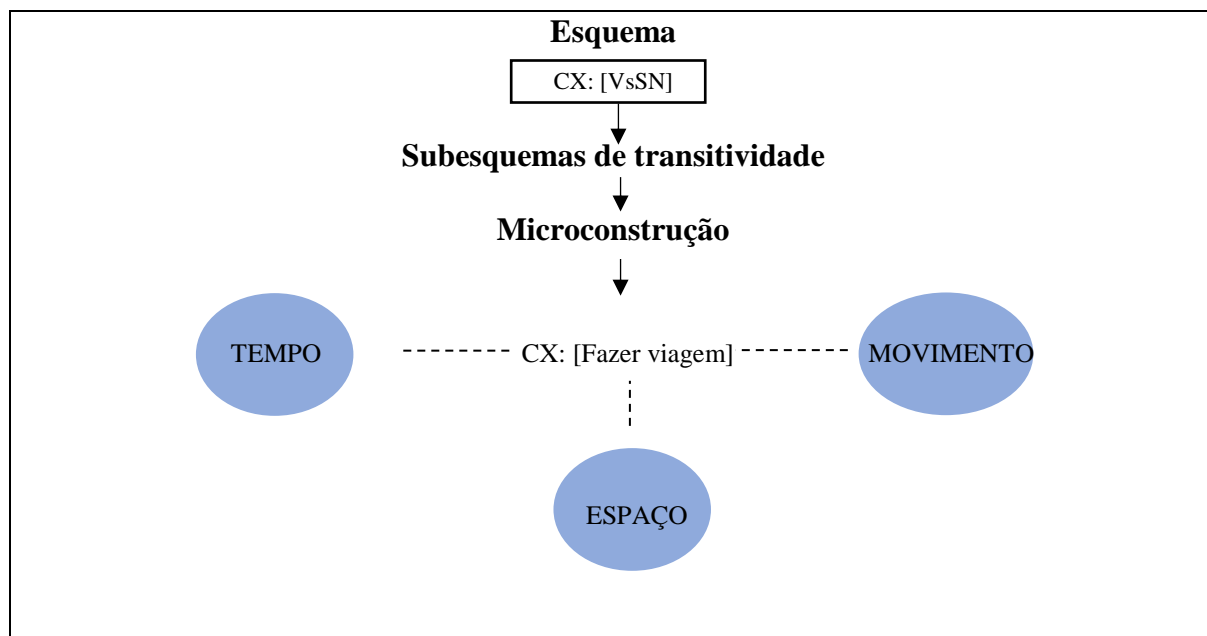
3.6 Matriz conceitual

Para Langacker (2008, p. 47), “o conjunto de domínios que uma expressão designa é chamada de matriz conceitual.” Para exemplificar a noção de matriz conceitual, começaremos por dois domínios cognitivos básicos na experiência humana – *tempo* e *espaço*. Como explicamos, a noção de tempo pode ser representada pelo esquema cognitivo da construção-suporte na língua. No entanto, as construções-suporte não são requisitadas para a expressão de conceitos mais básicos como *espaço*, pois apresentam inerentemente determinado grau de metaforização. Contudo, o domínio *espaço* aparece na composição de matrizes conceituais que compõem aspectos do significado de algumas expressões.

Para exemplificar isso, retornaremos o conceito de *movimento*. A noção de movimento consiste no deslocamento ou mudança de posição em um determinado *espaço*. Além da noção de espaço, implica-se ainda ao conceito de *movimento* a noção de *tempo*. Dessa maneira, a conceptualização de *movimento* integra a noção de *espaço* e de *tempo* conjuntamente na constituição das construções linguísticas. Essa conjectura forma uma matriz conceitual, onde

os significados estão articulados. Na figura a seguir, identificamos a matriz conceitual do construto [Fazer viagem]:

Figura 14: Matriz conceitual da construção suporte CX: [fazer viagem].



Fonte: Dados da presente pesquisa.

Na conceptualização das construções de movimento, o falante concebe um *espaço* onde é realizado o movimento, um *tempo* que indica a duração do percurso e questões aspectuais (eventos contínuos, inacabados, pontuais etc.).

As noções de domínio cognitivo e de matriz conceitual corroboram para o entendimento de que o significado decorre das experiências dos falantes. Em outras palavras, os sentidos das construções dependem dos contextos físicos e sociais nos processos comunicativos.. Os significados das construções linguísticas não são pré-determinados, não são distanciados das elaborações cognitiva dos falantes e não estão fora de uma realidade experienciada socialmente. Para Langacker (2008, p. 28):

[...] os significados são vistos como emergindo dinamicamente no discurso e na interação social. Em vez de serem fixos e predeterminados, eles são negociados ativamente pelos interlocutores com base no contexto físico, linguístico, social e cultural. O significado não é localizado, mas distribuído, aspectos inerentes à comunidade da fala, nas circunstâncias pragmáticas do evento da fala e no mundo circundante. Em particular, ele não está dentro da cabeça de um único orador.

Nesse sentido, os falantes de uma língua conseguem compreender significados inter-relacionados nos domínios cognitivos e constroem seus discursos com base nas generalizações convencionalizadas em construções linguísticas. Os falantes convencionalizam os significados no uso, determinam transferências de domínios gerando construções cristalizadas na língua e concebem relações por intermédio de processos cognitivos, como analogia e categorização.

Enfim, uma perspectiva visão simbólica da linguagem faz que analisemos as construções linguísticas no âmbito da forma e do significado. As construções demonstradas anteriormente (*movimento, tempo, eventos naturais e condições de saúde*) estabelecem um vínculo de herança com outras construções nos domínios cognitivos, porque são inter-relacionadas no plano semântico. Contudo, devemos dizer que os significados das construções não se restringem a esses quatro exemplos, nem consideramos estes significados estáveis. Uma vez que a gramática está a serviço da semântica, os falantes negociam significados em um movimento dinâmico de construção comunicativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação relata a descrição e a análise da construção-suporte no PB, sua rede de relações construcionais, os processos de mudança e os domínios cognitivos em que opera. Consideramos que a construção-suporte consiste em um pareamento de forma e significado que representa um padrão cognitivo predicativo decorrente do conhecimento sociocultural dos usuários da língua.

A análise se baseia em postulados da Gramática de Construções, a partir de autores como Goldberg (1995; 2006), Croft (2001), Langacker (2008), Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013), e considera princípios como a esquematicidade, a composicionalidade e a produtividade das construções, tal como a concepção de língua como uma rede hierárquica de relações construcionais e a subjacência de processos cognitivos no uso da língua.

Em nossa análise, compreendemos que essa construção consiste em um esquema cognitivo que instancia outras construções na língua, portanto, trata-se de uma generalização categorizada na mente dos falantes e, hierarquicamente, superior na rede de relações construcionais.

A construção-suporte corresponde a uma construção formulaica, virtual e abstrata. Essa construção instancia subesquemas de transitividade, ou seja, diferentes subesquemas da organização oracional básica. Assim como instancia microconstruções e construtos que apresentam níveis gradientes de especificação formal. As microconstruções geralmente são padrões parcialmente esquemáticos com *slots* abertos e, por isso, são muito produtivas. Os construtos, por outro lado, são padrões construcionais menos esquemáticos, que correspondem às ocorrências individuais no uso, portanto, são mais composicionais e menos produtivos.

O esquema suporte integra a rede do macroesquema da predicação. E, a partir de correlações teóricas e empíricas, é factível compreender que, a partir do aumento da frequência de uso, os elementos da estrutura de argumentos começam apresentar uma evidente relação sequencial que levou ao entrincheiramento cognitivo (*Chunking*) desses elementos em orações transitivas. Isso promoveu mudanças no nível da predicação, como a *dessemantização* do verbo e a *decategorização* do complemento (objeto direto). Tal fenômeno resultou a construção-suporte. A partir disso, o esquema suporte se convencionalizou, ou seja, constituiu-se como uma opção categorial predicativa no PB.

Esse padrão construcional representa diversos domínios cognitivos, conteúdos conceituais das experiências dos falantes. Esses conteúdos codificam na língua significados

esquemáticos, como, por exemplo, os significados básicos de *tempo*, *espaço* e *movimento*. Além disso, codificam noções conceituais circunstanciais, como os significados relativos aos *eventos naturais* e às *condições de saúde*.

Nosso intuito é ampliar o conhecimento sobre a construção-suporte em uma perspectiva construcional e, para isso, alguns questionamentos foram suscitados. No que se refere à configuração morfossintática, identificamos a construção-suporte prototípica como uma organização cognitiva entre um verbo dessemantizado com função suporte e um sintagma nominal que funciona como o centro informacional da construção – [VsSN]. Para nós, essa construção surge de um ato inovador em nível do macroesquema da predicação e instancia outras construções no PB. Por isso, a construção-suporte consiste em um padrão construcional muito produtivo.

A título de exemplo, a construção com o verbo *dar* na função suporte se caracteriza como um padrão construcional muito produtivo, pois atende aos diferentes subsquemas de transitividade, podendo atuar tanto em orações transitivas indiretas (dar bola para alguém), quanto em construções de orações intransitivas (dar tempestade). Isso significa que não é apenas a frequência que torna a construção-suporte um padrão muito produtivo no PB, igualmente, a capacidade de representação de inúmeros conceitos, de experiências e de diferentes domínios cognitivos contribui para isso.

No entanto, identificamos uma extensão do padrão suporte na categoria com distinta configuração morfossintática. Essa extensão corresponde a um membro descentralizado que, portanto, apresenta mudança na forma construcional. Essa construção se constitui de um verbo com função suporte e um sintagma preposicionado – [VsSP] – na constituição do predicado.

Referente à aplicabilidade do uso da construção-suporte em paráfrases de orações construídas com verbos plenos, compreendemos que as formas de superfície da construção-suporte podem ser substituídas por construções equivalentes em grande medida. Apesar disso, em alguns casos, a equivalência não é possível, pois a construção-suporte é usada para suprir necessidades comunicativas por falta de léxico ou para atender propósitos pragmático-discursivos dos falantes.

A esse respeito, por ser um padrão esquemático e produtivo, a construção-suporte serve como uma possibilidade de representação linguística dos acontecimentos ou eventos do mundo que não tem representação com um verbo pleno. Isso acontece por intermédio da capacidade cognitiva dos usuários da língua, que realizam representações na língua com base em padrões construcionais já estocados na mente. Por exemplo, a construção *dar eclampse*

não tem correspondência com um verbo pleno, no entanto, essa construção está representada com base no padrão construcional [VS+*enfermidade/doença*] que serve como esquema para outras construções, como *deu infecção, deu febre, deu congestão* etc.

Sobre o aspecto pragmático-discursivo, a construção-suporte pode atender a demandas de significados pretendidos pelos falantes, que a construção com verbo pleno não proporcionaria. A construção *dar derrame*, por exemplo, não é equivalente semanticamente à construção com verbo pleno *derramar*.

Desse modo, o esquema cognitivo da construção-suporte atende ao princípio da expressividade na elaboração do discurso. Por exemplo, a construção [Levei um choque] semanticamente é requisitada para um contexto pragmático-discursivo distinto da construção com verbo pleno *chocar*. É do conhecimento linguístico dos falantes que *levar choque* está relacionado, mais prototipicamente, com a transferência elétrica capaz de contrair a musculatura do corpo ou descarga elétrica. De outro modo, *chocar* tem uso relacionado à colisão violenta entre corpos ou perturbação psíquica ocasionada por alguma situação vivenciada. Nesse sentido, aspectos construcionais, cognitivos e contextuais determinarão a equivalência ou não entre a construção-suporte e a construção com um verbo pleno.

No que diz respeito ao grau de entrincheiramento e de metaforização da construção-suporte, entendemos que as formas de superfície estão mais suscetíveis aos processos de mudança linguística devido à frequência de uso do padrão construcional, o que favorece o entrincheiramento cognitivo, a diminuição da composicionalidade e a metaforização da construção. Por conseguinte, a construção pode ser utilizada em contextos pragmático-discursivos diversificados. Isso ocasiona a transferência de domínios cognitivos no uso.

Retomando a definição de Neves (2011), os verbos-suporte são verbos de significado esvaziado que formam com seu complemento um significado geralmente correspondente a de outro verbo na língua. Buscamos expandir essa conceituação nessa dissertação, pois entendemos que a construção-suporte surge na língua para atender propósitos comunicativos dos falantes principalmente no que diz respeito à reversibilidade da construção-suporte em paráfrases em torno de verbos plenos.

Dessa maneira, entendemos que a construção-suporte consiste em uma organização cognitiva, que é convencionalizada pelos falantes para a representação das coisas do mundo que não são codificadas por outros verbos ou para o alcance dos significados relacionados aos contextos pragmáticos e discursivos diferentes daqueles empregados em construções com verbos plenos.

O estudo da construção-suporte permite demonstrar que a língua se constitui como um sistema construcional complexo, dado que as construções decorrem de aspectos sociais e cognitivos que envolvem os usos linguísticos. Nesse sentido, a análise também confirma a GCX como um aporte teórico apropriado para o entendimento da constituição das línguas, por contribuir na compreensão de aspectos da forma e do significado da construção linguística, como os aspectos pragmáticos e discursivos, além, dos aspectos cognitivos que realizam a mediação entre o indivíduo e o mundo na atividade linguística dos usuários do Português Brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, K. B.; SANTOS, C. P. M. *A construção relacional polissêmica do tipo SN1 de SN2 no português brasileiro*. Vol. 25. Niterói: Revista Gragoatá, 2020, p. 736 - 756.
Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/40939>. Acesso em: 27 de setembro de 2020.
- AZEREDO, J. C. de. *Gramática houaiss: da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BARROS, D. M. de. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. Goiânia, 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2016.
- BERTOQUE, L.A.D.P.; CASSEB-GALVÃO, V. C. Aspectos biofisiológicos no processo funcional da linguagem. In: RESENDE, B. D. et al. (orgs.). *Linguagem e cognição: um diálogo interdisciplinar*. Itália: Pensa MultiMedia, 2015, p. 119-139.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. e LIMA-HERNANDES, M. C. O Equilíbrio na Mudança Linguística: a gradualidade em processo. In: SOUZA, E. R. de (org). *Funcionalismo Linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 153-170.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. e BAGNO, M. Mudança Linguística. In: Görski, E. M. (et al.). *Dinâmicas Funcionais da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017, p. 09-35.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina et al. (orgs.). *Introdução à Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2007, p.15-66
- CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina et al. (orgs.). *Introdução à Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2007.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; NEVES, Maria Helena de Moura. *O todo da língua: teoria e prática do ensino do português*. São Paulo: Parábola, 2017.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do português brasileiro*. 1ª Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- CEZARIO, M. M. Efeitos da criatividade e da frequência de uso no discurso e na gramática. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 19-32.
- CUNHA, M. A. F. da; SOUZA, M. M. de. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2011.

CROFT, W. W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. New York: Cambridge, 2004.

CHISHMAN, R. L. de O.; ABREU, D. T. B. de. *Construções com verbos-suporte: propriedades gramaticais e discursivas*. São Paulo: Linha D'Água, 2014, p. 153-168. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/79527>. Acesso em: 05 de novembro de 2019.

CYRINO, S.; NUNES, J.; PAGOTTO, E. Complementação. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. do (orgs.). *A construção da sentença: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2017, p. 37-80.

ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. In: *Linguistic: an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 29-62.

EVERETT, D. L. *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2018.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L.; CARVALHO, C. dos S. Critérios de gramaticalização. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina et al. (orgs.). *Introdução à Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2007, p.67-90.

GONÇALVES, S. C. L. et al. dos S. Tratado geral sobre gramaticalização. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina et al. (orgs.). *Introdução à Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2007, p.15-66.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal. in. *What makes grammaticalization: a look from its fringes and its components*. New York: Mouton de Gruyter, 2004, p. 21-42.

JUSTINO, A. R. *As construções focalizadoras x que só no português brasileiro*. Goiânia, 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2018.

JUSTINO, A. R.; CASSEB-GALVÃO, V. C. *A rede construcional do esquema focalizador [que só] no português brasileiro*. Vol. 25. Niterói: Revista Gragoatá, 2020, p. 627-647.

Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/issue/view/2172/showToc>. Acesso em: 27 de setembro de 2020.

KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. do (orgs.). *A construção da sentença: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. v. 1. Theoretical prerequisites. Stanford, Cal.: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Nova York: Oxford University Press, 2008.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago, University of Chicago, 1990.

LUCENA, N. L. de. *A construção transitiva no português brasileiro: aspectos cognitivos-interacionais*. Vol. 14. Rio de Janeiro: Revista Linguística, 2018, p. 65-82. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/issue/view/945>. Acesso em: 05 de dezembro de 2019.

MARTELOTTA, M. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, M.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MINSKY, M. "A framework for representing knowledge". In: *The Psychology of Computer Vision*, ed. Patrick Henry Winston. New York: McGraw-Hill, 1974, 211-277.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NEVES, M. H. M. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NEVES, M. H. M. (org.). *A construção das orações complexas: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

NEVES, M. H. M. *Gramática Funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

OLIVEIRA, M. R. de. Linguística funcional centrada no uso e no ensino. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; NEVES, Maria Helena de Moura. *O todo da língua: teoria e prática do ensino do português*. São Paulo: Parábola, 2017, p. 15-34.

OLIVEIRA, C. R. *Tomei a liberdade de fazer este estudo: a multifuncionalidade do verbo tomar em uma amostra de fala da Cidade de Goiás-GO*. Goiânia, 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2018.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1959 [1916].

SMARSARO, A.; RODRIGUES, V. V. *Verbos-suporte dar/levar: um caso de gramaticalização?* Porto Alegre: Revista Eletrônica, 2015, p. 359-375. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/20398>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

SOUZA, E. R. (org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TOMASELLO, M. *Origins of Human Communication*. Cambridge: MIT Press, 1999.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics: concept structuring systems*. Vol:1 Massachusetts: MIT Press, 2000.

TAYLOR, J. R. *linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*, 2 ed. New York: Clarendon Press, 1995.